

FOTOJORNALISMO DESPORTIVO

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	FOTOJORNALISMO DESPORTIVO UMA BATALHA PELO ESPAÇO NOTICIOSO
Autor/a	Marta Catarina Santos
Orientador/a	Doutora Maria Clara Taborda de Almeida Santos
Júri	Presidente: Doutor José Carlos Costa Santos Camponez Vogais: 1. Doutor Sílvio Manuel Rodrigues Correia dos Santos 2. Doutora Maria Clara Taborda de Almeida Santos
Identificação do Curso	2º Ciclo em Comunicação e Jornalismo
Área científica	Jornalismo
Especialidade/Ramo	Fotojornalismo
Data da defesa	13-1-15
Classificação	14 valores



Dedico esta tese à minha filha Elisa.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO-----	8
FOTOGRAFIA -----	10
Do aparecimento da Fotografia...-----	10
... até ao Fotójornalismo de hoje -----	11
Fotografia Digital -----	19
<i>Em Portugal</i> -----	19
Gerar sentido numa fotografia-----	23
Géneros Fotójornalísticos-----	28
Ética nas imagens-----	32
<i>Manipulação de imagens digitalmente</i> -----	34
JORNALISMO DESPORTIVO -----	35
Um pouco de história da imprensa desportiva em Portugal -----	36
Escrita e géneros jornalísticos mais utilizados-----	42
METODOLOGIA -----	45
ANÁLISE -----	48
Análise de dados -----	48
<i>Correio da Manhã</i> -----	48
<i>Jornal de Notícias</i> -----	49
<i>Público</i> -----	50

<i>Expresso</i> -----	51
Análise Imagem -----	53
CONCLUSÃO-----	69
BIBLIOGRAFIA -----	72
ANEXO I-----	75
ANEXO II-----	76
ANEXO III-----	77
ANEXO IV-----	78
ANEXO V-----	78
ANEXO VI-----	79
ANEXO VII-----	80
ANEXO VII-----	81
ANEXO VIII-----	82
ANEXO IX-----	83
ANEXO X-----	84
ANEXO XI-----	85
ANEXO XII-----	86
ANEXO XIII-----	87

ANEXO XIV	88
ANEXO XV	89
ANEXO XVI	90
ANEXO XVII	91
ANEXO XVIII	91
ANEXO XIX	92

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Doutora Clara Almeida Santos, pela ajuda e orientação neste processo de análise, de escrita e, também, na escolha do objeto de estudo.

Agradeço a toda a minha família pelo apoio, carinho e motivação que me deram neste período. Em especial aos meus pais, António e Isabel, e irmã, Daniela, pela paciência e pelo mimo.

Agradeço também ao meu companheiro Bruno, por toda a paciência que teve comigo, por me ouvir e “discutir” comigo soluções e novos pontos de vista, mesmo sabendo que estava longe de ser a sua área, mas acabando por querer aprender algo novo. Por me obrigar a levantar a cabeça e descansar e, às vezes, me obrigar a sair de casa para dedicar umas horas à fotografia como forma de descontração.

Agradeço também à minha filha, pela companhia e pelos sorrisos nesta reta final, e pela motivação que ela, sem idade para saber, me deu para terminar de escrever.

Agradeço aos colegas de trabalho e amigos mais próximos, por estarem na “bancada a torcer por mim” e não me deixarem desistir, também eles tiveram paciência comigo nos dias de neura, por isso, nas páginas que se seguem, está também representado um pouco deles. Agradeço, também, a todos os que se interessaram pelo tema da minha tese e tentaram sempre conhecer um pouco mais da realidade do jornalismo e fotojornalismo.

Ao Mauro, ao Dinis e à Filipa, em especial, pelas ceias tardias após o trabalho para relaxar. Ao Daniel e ao Mário, por me cederem “material” de trabalho e, por vezes, cozinharem para mim.

RESUMO

O objetivo desta tese é verificar qual o espaço noticioso dedicado ao futebol e às outras modalidades desportivas e se a abordagem fotográfica difere entre modalidades. Para tal, reuniram-se jornais diários generalistas nacionais da segunda semana de outubro, novembro e dezembro de 2011. Analisou-se quantitativamente a presença do desporto nos jornais selecionados, verificando-se a quantidade de textos e imagens de futebol e das outras modalidades. Foi feita também uma análise qualitativa, a fim de identificar pontos em comum na abordagem fotográfica em algumas imagens selecionadas. Após esta análise, pode concluir-se que *i)* o futebol tem mais espaço noticioso que as restantes modalidades, *ii)* a abordagem fotográfica é feita de forma semelhante nas várias modalidades e *iii)* no período analisado houve modalidades que não tiveram qualquer fotografia publicada.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to verify what percentage of the news is dedicated to football and other sports and also to check if the photographic approach differs depending on the sports it covers.

In order to achieve this goal, we gathered several Portuguese daily newspapers from the second weeks of October, November and December 2011. We conducted a quantitative analysis in what concerns the presence of sports on the above referred newspapers by checking the amount of texts and images dedicated to football and other sports. We also did a qualitative analysis to check if there were any similarities regarding the photographic approach on the selected images.

It was possible then to conclude that *i)* newspapers dedicate more attention to football than to others sports, *ii)* the photographic approach is done in a similar way in all sports and *iii)* on the analysed period there were sports that did not get any photograph to illustrate their articles.

INTRODUÇÃO

Esta tese insere-se no Mestrado em Comunicação e Jornalismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e tem como motivação a paixão que tenho pela fotografia e pelo desporto. Desta forma, tentei aliar as duas áreas de forma a ter um *corpus* de análise que fosse ao encontro de uma falha que considero haver em Portugal, a existência de pouco material académico na área do fotojornalismo desportivo.

Assim sendo, decidi analisar algo que parece ser de conhecimento geral e perceber em que medida é que o futebol se afirma como modalidade que mais notícias publica na imprensa generalista. No entanto, não existe, que se tenha conhecimento, qualquer estudo ou análise que comprove esse desfasamento entre futebol e outras modalidades. O meu objetivo será, não só o estudo da imagem que é publicada, como a quantidade de fotografias de futebol que são publicadas, o que mostram e comparar com as fotografias de outras modalidades; também irei tentar verificar se o futebol ocupa a maior parte do espaço noticioso destinado ao desporto nos jornais portugueses generalistas, a partir da análise dos jornais que constituem o *corpus* de análise.

Para poder obter conclusões sobre esta matéria, optei por analisar os jornais publicados na segunda semana dos meses de outubro, novembro e dezembro, tendo escolhido três jornais diários e um jornal semanal. A escolha dos títulos deveu-se à tiragem¹ que o mesmo tem, à abrangência de zona territorial, à circulação paga e ao público-alvo. Os jornais analisados foram o *Correio da Manhã* (CM), o *Jornal de Notícias* (JN), o *Público* e o *Expresso*.

A tese encontra-se dividida em três partes distintas: Fotografia e Fotojornalismo, Jornalismo Desportivo e o Estudo de Caso. Esta divisão foi feita de forma a poder haver uma reflexão teórica sobre a raiz do fotojornalismo e o aparecimento da “categoria” de desporto na imprensa e todo o ênfase e importância que o jornalismo desportivo apresenta.

No capítulo dedicado à Fotografia e Fotojornalismo será abordada a história da fotografia, de forma necessariamente breve; a história do Fotojornalismo, para que possa ser compreendida a evolução dos meios e as alterações que a fotografia introduziu na imprensa; serão também abordados os géneros fotojornalísticos e os componentes de leitura duma imagem. “As fotografias jornalísticas são aquelas que possuem “valor jornalístico” e que são usadas para transmitir informação útil em conjunto com o texto que lhes está associado” (SOUZA, 2004b:11).

Relativamente ao Jornalismo Desportivo, será feita uma resenha histórica e serão apresentadas as características do mesmo, explicitando as diferenças entre o jornalismo desportivo e o jornalismo generalista.

¹ Consultando os dados sobre tiragens e circulação dos jornais analisados, pode-se concluir que dos jornais pagos, estes são os de maior tiragem. Assim sendo, no primeiro semestre de 2011 a média de tiragem dos jornais analisados foi 164616 para o *Correio da Manhã*, 111856 para o *Jornal de Notícias*, 47890 para o *Público* e 132545 para o *Expresso*. Quanto a dados sobre circulação dos jornais, para o mesmo período, o *Correio da Manhã* teve 128261; o *Jornal de Notícias* de 88811; o *Público* de 33854; e o *Expresso* de 106880.

Quanto à análise de dados, irei explicitar e discutir os resultados obtidos, ilustrando os dados com tabelas e gráficos. O objetivo desta análise é tentar responder às questões "Qual a modalidade desportiva que tem maior quantidade de notícias publicadas num jornal generalista?" e "que tipo de diferenças há entre as fotografias de futebol e as de outras modalidades?".

Para se ser um bom profissional é necessário ser-se dotado de "sensibilidade, capacidade de avaliar as situações e de pensar na melhor forma de fotografar. Instinto, rapidez de reflexo e curiosidade são traços pessoais que qualquer fotojornalista deve possuir, independentemente do tipo de fotografia pelo qual envereda" (SOUSA, 2004b:12).

Segundo Erich Solomon, considerado o "pai" do fotojornalismo moderno, um fotojornalista deverá ter as seguintes características: "a actividade de um fotógrafo de imprensa que quer ser mais do que um artesão é uma luta contínua pela sua imagem. Tal como o caçador está obcecado pela sua paixão de caçar, também o fotógrafo está obcecado pela fotografia única que quer obter (...). É preciso apanhá-las [às pessoas] no momento preciso em que elas estão imóveis [por causa dos tempos de exposição]. Depois é preciso lutar contra o tempo, pois cada jornal tem uma *deadline* ao qual é preciso antecipar-se. Antes de tudo o mais, um repórter fotográfico tem de ter uma paciência infinita, e não se enervar nunca; deve estar ao corrente dos acontecimentos e saber a tempo e horas onde é que irão desenrolar-se. Se necessário, devemos servir-nos de toda a espécie de astúcia, mesmo se elas em sempre são bem sucedidas" (SOUSA, 2004a:67).

FOTOGRAFIA

Etimologicamente, “fotografia” significa escrita com a luz. Com origem no Grego, “*phós*” significa luz e “*grafé*” escrita.

A fotografia, tal como nós a conhecemos, é fruto de um duplo processo químico e físico, que foi descoberto, simplificado e melhorado por vários curiosos de diversos estratos sociais e ao longo de vários anos. Muitas das experiências que foram sendo realizadas eram transmitidas e discutidas pelos seus entusiastas através de carta. Inicialmente, o objetivo era encontrar materiais fotossensíveis e conseguir gravar e fixar imagens numa superfície fotossensível.

“Com a fotografia, a memória ganhou poderosa aliada. Memória visual, pensada e sentida, coletiva ou individual, mas sempre historicamente construída; percebida como uma mensagem composta por sistemas de signo não-verbais, social e individualmente compreendidos através de códigos cuja decifração possibilita a análise de certas acções humanas socialmente determinadas” (SILVA e NETTO:2008:3).

Do aparecimento da Fotografia...

As descobertas químicas em que se baseia o processo fotográfico remontam ao século XII, com a observação do escurecimento dos sais de prata quando expostos à luz. Esta reação foi estudada durante os séculos seguintes e começou a ser utilizada em superfícies de papel no início do século XIX, conseguindo obter imagens, no entanto, não conseguiam conservar as mesmas sem que rapidamente escurecessem.

No século XIV começam a surgir máquinas de desenhar que tinham a capacidade de ajudar na reprodução de um objeto. Estas máquinas foram evoluindo, tornaram-se mais complexas e aproximaram-se das máquinas *reflex*² que hoje se utilizam.

Leonardo Da Vinci, no século XVI, utiliza a *Camera obscura* para desenhar em perspetiva e compara-a ao olho humano. A *Camera obscura* consiste numa caixa escura com um buraco que permite a entrada de luz e reproduz, de forma invertida, os objetos para os quais está virada. Nesta época, era necessário estar dentro das *Cameras obscuras* para conseguir desenhar. Para aperfeiçoar esta invenção, foi colocada uma lente convergente³ com espelhos a 45 graus^o que refletiam a imagem para um plano horizontal e, mais tarde, um diafragma,⁴ que permitia tornar a imagem mais nítida. Durante o século XVII, os aperfeiçoamentos estiveram relacionados com o transporte do mecanismo e com aumento da comodidade para

² Uma máquina reflex é aquela que utiliza apenas uma objetiva e permite visualizar uma imagem semelhante à projetada pela objetiva.

³ Uma lente convergente permite que um raio de luz, que incida paralelamente ao eixo, ao ser refratado, convirja num mesmo ponto

⁴ O Diafragma é um dispositivo que permite controlar a intensidade de luz que chega ao material fotossensível. É composto por finas lâminas justapostas que se encontram no interior da objetiva. O tamanho da abertura é medido através da escala 1, 1.4, 2, 2.8, 4, 5.6, 8, 11, 16, 22, 32, 45, 64 (ou superior); sendo que um f:1 permitirá que entre mais luz que um f:64.

desenhar.

Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833) fez algumas pesquisas com o objetivo de estabilizar a imagem sem, no entanto, utilizar o método da *camera obscura*. Louis-Jacques Mandé Daguerre (1787-1851) começa a trocar correspondência com Niépce, tentando persuadi-lo a explorar as suas pesquisas crendo que seria um bom negócio. Em 1829 assinaram um acordo, em que “Niépce «abdica da sua invenção» e Daguerre «emprega uma nova combinação com a câmara escura, os seus talentos e a sua indústria»” (AMAR, 2001:20).

Após a morte de Niépce, Daguerre continua com as pesquisas, assinando novo acordo com um dos filhos de Niépce e minimizando o contributo deste na redução do tempo de exposição das imagens. Em março de 1839, a fotografia foi patenteada pela Academia das Ciências e de Belas-Artes, mas a sua invenção apenas foi atribuída a Daguerre.

As imagens conseguidas por Daguerre são em negativo enquanto que as imagens conseguidas por Hippolyte Bayard (1801-1887) são imagem positivas que parecem desenhos. Bayard e Talbot foram também dois pioneiros na descoberta da fotografia. Talbot fazia imagens negativas sob papel sensibilizado com sais de prata, mas não terá conseguido estabilizar a imagem. Bayard simulou a sua morte em fotografia como forma de protesto por não ter sido referido o seu contributo na invenção da fotografia. No verso dessa imagem podia ler-se: “o governo, que deu demasiado ao Sr. Daguerre, disse nada poder fazer em favor do Sr. Bayard e o infeliz afogou-se” (AMAR, 2001:24).



Fotografia de Bayard, intitulada “Portrait en noyé” em que simula a sua própria morte como protesto por não haver referência ao seu contributo na evolução da fotografia.

A fotografia foi evoluindo e a forma de a obter também.

As superfícies sensíveis à luz foram-se adaptando às novas *cameras obscuras*, que se foram tornando cada vez mais simples e fáceis de transportar.

... até ao Fotojornalismo de hoje

A fotografia começou a surgir na imprensa em 1880, no *Daily Graphic* de Nova Iorque. “Com a fotografia abre-se uma janela para o mundo. Os rostos das personagens políticas, os acontecimentos que têm lugar no próprio país ou fora das fronteiras tornam-se familiares” (FREUND, 1995:107).

No entanto, a primeira reportagem fotográfica⁵ aconteceu na Guerra da Crimeia e foi feita por Roger Fenton. Em

⁵ Uma reportagem fotográfica tem como objetivo mostrar, através de imagens, um determinado acontecimento. Neste caso específico, as fotografias da Guerra da Crimeia, tinham como objetivo mostrar as “boas” condições em que viviam os militares; para uma boa reportagem é

fevereiro de 1855, Fenton e quatro assistentes desembarcam na Crimeia com uma viatura pesada e puxada por dois cavalos (um veículo de duas funções: laboratório “portátil” e dormitório).

“Após três meses de trabalho encarniçado retorna a Londres com cerca de 360 placas. Estas imagens dão uma ideia muito falsa de guerra, pois apenas apresentam soldados bem instalados por detrás da linha de fogo. A expedição de Fenton tinha sido encomendada na condição de que ele jamais fotografasse os horrores da guerra, para não assustar as famílias dos soldados” (FREUND, 1995:108).



Fotografia de Roger Fenton, onde é possível ver os soldados a comerem e a divertirem-se em plena guerra, não demonstrando a dureza e as condições horríveis em que lutavam.

As fotografias de Fenton não mostram o horror da dor e da morte — são imagens de soldados oficiais, por vezes sorridentes, posando para a fotografia ou imagens dos campos de batalha, limpos de cadáveres, embora juncados de balas de canhão. O trabalho de Fenton foi alvo de uma censura prévia e mostra uma “falsa guerra” por não revelar a dureza do combate.

“Ao contrário do que sucedeu a Fenton, durante a Guerra da Secessão, sem censura, começa a revelar-se uma certa estética do horror, que, mais actualmente, dominou

obras como a de Don McCullin ou as de uma parte dos fotojornalistas de guerra, mas que já se adivinhava nas fotos de Felice Beato durante as Guerras do Ópio, na China, em 1860” (SOUSA, 2004a:33).

A Guerra da Secessão terá sido o primeiro momento de perigo de vida para os repórteres fotográficos na frente da batalha sendo esse perigo agravado pela quantidade de equipamento que era transportado. Há alguns aspetos que devem ser retidos sobre o desenvolvimento do fotojornalismo, precisamente, durante esta guerra:

- Os editores descobrem que podem utilizar a fotografia como forma de persuadir o leitor pelo seu realismo, uma vez que estes querem ser observadores,
- Começa a existir a percepção do imediato, isto é, há a redução do tempo entre a captação da imagem e a publicação da mesma num jornal;
- Começa a haver a necessidade de estar perto do acontecimento, isto é, em situações de confronto é necessário que ainda haja fumo no ar;
- A fotografia começa a ser vista como o “olhar do leitor” devido a ser mais realista que uma pintura;
- A guerra deixa de ser vista como um feito glorioso.

Em 1870, durante a guerra franco-prussiana, e durante a curta existência da Comuna de Paris, houve homens que

necessário “saber transmitir através de texto, som ou imagem o que o repórter viu, ouviu, sentiu perante os factos que narra” (CASCAIS, 2001:168).

se deixaram fotografar durante as barricadas, e essas fotografias foram utilizadas com um objetivo repressivo: para a identificação de pessoas com vista à instauração de processos criminais. “Aqueles que, segundo estas imagens, foram reconhecidos pelos polícias de Thiers, foram quase todos fuzilados. Foi a primeira vez na História que a fotografia serviu de indicador para a Polícia” (FREUND, 1995:108).

A história do fotojornalismo é marcada por ter revoluções que contribuíram para o desenvolvimento e consequente crescimento do mesmo. A primeira revolução observa-se desde o início do século XIX até ao final da II Grande Guerra Mundial; já a segunda revolução ocorre entre as décadas de sessenta e início dos anos oitenta; a terceira revolução centra-se no final das décadas de oitenta e noventa.

“Pelos finais do século XIX, os diários encontravam-se atrasados na utilização da fotografia como *news médium*. De facto, ao contrário dos semanários e das revistas ilustradas, que começaram a publicar regularmente fotografias a partir de meados da década de Oitenta do século XIX, é (...) apenas em 1904 que surge o Daily Mirror, em Inglaterra, um jornal que ilustrava as suas páginas quase unicamente com fotografias, beneficiando dos *autochromes*⁶, inventados e fabricados pelos irmãos Lumière” (SOUSA, 2004a:59). Por esta altura, começa a primeira revolução no fotojornalismo, em que este surge com força nas publicações e se vai desenvolvendo. Este período compreende as duas Guerras Mundiais, onde a fotografia se vai tornar numa ferramenta fundamental de transmissão de ideias.

“A introdução da fotografia na imprensa é um fenómeno de uma importância capital. Ela muda a visão das massas. (...) Com a fotografia, abre-se uma janela para o mundo. Os rostos das personagens políticas, os acontecimentos que têm lugar no próprio país ou fora de fronteiras tornam-se familiares. Com o alargamento do olhar o mundo encolhe-se. A palavra escrita é abstracta, mas a imagem é o reflexo concreto do mundo no qual cada um vive. A fotografia inaugura os *mass media* visuais quando o retrato individual é substituído pelo retrato colectivo” (FREUND, 1995:107).

Nos anos 20, na chamada geração de Solomon⁷, o fotojornalismo é reconhecido como profissão, no entanto, ainda há a ideia de que “serve para encher o olho”. Nota-se que há uma falta de cultura fotográfica, um desconhecimento sobre as

⁶ O *autochrome* é o primeiro processo de fotografia a cor e consiste na adição da cor utilizando uma chapa de vidro com grãos de amido de batata corados de vermelho-laranja, verde e violeta colocados para formar uma camada fina, uniforme e transparente. Coloca-se uma emulsão pancromática e expõem-se numa máquina fotográfica colocando uma emulsão na traseira do vidro, onde a imagem é registada com informação cromática da cena registada. Por fim, a imagem era revelada num processo reversível e a imagem final resultava da sobreposição de um positivo transparente a preto e branco com o ecrã colorido. Esta técnica foi patenteada em 1903, pelos irmãos Lumière.

⁷ Erich Solomon nasceu na Alemanha em 1886. Apesar de ter estudado zoologia, engenharia e direito, tornou-se fotojornalista após começar a trabalhar na editora *Ullstein*, em 1926. Solomon ficou conhecido pela sua forma de fotografar sem que fosse notado, de estar em todo o lado, as suas fotografias reflectiam uma observação precisa. Solomon fez um corte no seu chapéu, de forma a poder colocar a sua máquina Ermanox no interior e fotografar num tribunal em Berlim, com estas fotografias conseguiu o equivalente a dois salários. Era apelidado por Aristide Briand (político alemão) de “rei da indiscrição”. Salomon fugiu da Alemanha, em 1940, para os Países Baixos, onde continuou a trabalhar como fotojornalista até ser capturado e ser enviado para Auschwitz em maio de 1944, onde morreu no mês seguinte.

virtualidades informativas, interpretativas e contextualizadoras do fotojornalismo.

A constante presença de Solomon em eventos públicos, sempre munido da sua máquina fotográfica, fez com que começasse a haver um maior respeito, por parte dos políticos, pelos fotógrafos. “O fotojornalismo tornou-se a pedra angular de uma mudança qualitativa dos conteúdos informativos e nas relações conteúdos-forma, neste caso através das inovações gráficas que se vão implementando” (SOUSA, 2004a:68), isto é, passou a haver um cuidado com a publicação de fotografias, tentando conjugar a imagem ao texto, de forma a que se complementem e deixando de publicar apenas uma única fotografia ilustrativa. Estas alterações nas rotinas produtivas, fizeram com que a fotografia passasse a ter um papel importante na interpretação, na contextualização, na informação e na explicação dos assuntos.

A I Grande Guerra marca a utilização da fotografia como um método auxiliar de reconhecimento aéreo (fator que poderá ter levado à vitória aliada). Houve a criação do Serviço Fotográfico do Exército, pelos Ministérios franceses da Guerra e das Belas-Artes, com o objetivo de registar os tempos de luta em que se vivia e controlar a obtenção e difusão de imagens. Esta medida impedia a difusão de fotos-choque que retratavam a face odiosa da guerra; havendo mão pesada na censura de imagens, especialmente no que diz respeito ao retoque de imagens.

“A tarefa dos primeiros repórteres da imagem fotográfica era a da leitura de fotografias isoladas, com o fim de ilustrar uma história. É apenas a partir do momento em que a imagem se torna, ela mesma, história de um acontecimento que se conta numa série de fotografias acompanhada por um texto frequentemente reduzido apenas a legendas, que começa o fotojornalismo propriamente dito” (FREUND, 1995:112).

Em 1930, a Leica⁸ começou a comercializar um modelo de máquina fotográfica com objetivas permutáveis e que já utilizam filmes de 36 exposições, desta forma, o fotógrafo consegue ganhar mobilidade e posicionar-se melhor face ao acontecimento, permitindo a exploração de diversos pontos de vista e passar despercebido.

Nos anos 20 e 30, o fotojornalismo baseia-se na fotodescrição, na ilusão da verdade, na facticidade e na univocidade de sentido. Nos anos 60, há uma evolução, dissociada, para a análise, o comentário, o que se consubstancia na tomada decidida de posição entre o “justo” e o “injusto”, o “certo” e o “errado”, o “mal” e o “bem”. A honestidade contrapõe-se à objetividade. Os “jornais e revistas aproveitavam as fotos para melhorar o aspecto gráfico ou informarem melhor obrigando os fotojornalistas a *pensarem* nas fotografias, tornando comuns as sequências fotográficas, as foto-reportagens e os foto-ensaios” (SOUSA, 2004a:71).

Durante a II Guerra Mundial, e à semelhança do que ocorreu na Crimeia com o trabalho de Fenton, “a imprensa é amordaçada e tornado objecto de apertado controlo. Todos os suspeitos de não admitirem as ideias do Terceiro Reich são

⁸ Máquina criada por Oskar Barnak, especialista em mecanismos de precisão. A construção desta máquina surge da vontade de poder guardar a máquina no bolso para facilitar o seu transporte. A Leica encontra-se associada a uma empresa alemã de Wetzlar, de nome Leitz, que se funde com a Minolta em 1972.

deportados com os outros que não podem provar ser de puro sangue ariano” (FREUND, 1995:124). A fotografia foi utilizada com objetivos manipulatórios, desinformativos, contra-informativos e propagandísticos, no entanto, a censura impedia a publicação de imagens que mostrassem a verdadeira face da guerra e apenas permitia aquelas que demonstrassem o verdadeiro esforço (fotografias de “raides” aéreos ou o ambiente das casernas). “O fornecimento de fotografias para a imprensa norte americana foi, na generalidade, feita pela *Propaganda Kompagnie* do Exército alemão ou então censurado pelos alemães. Do lado aliado, os franceses e britânicos implementaram também um serviço de censura nesta fase da guerra, mas a guerra da fotopropaganda, em 1939, foi claramente vencida pelos alemães” (SOUSA, 2004a:101). Heinrich Hoffman é o escolhido por Adolf Hitler para escolher as imagens mais adequadas para a propaganda alemã.

A fotografia foi vista como uma forma de levantar a “moral”, tendo sido também uma ferramenta para mostrar que esta guerra era uma luta do bem contra o mal, em que a “união faz a força”, obrigando assim, o fotógrafo a auto-censurar-se e a auto-impor-se um ponto de vista.

Foi também durante a II Guerra Mundial que a imprensa se apercebeu do poder que a fotografia podia ter, dependendo da ocasião, em detrimento do texto informativo. Assim sendo, para as agências tornou-se vital reorganizarem a cobertura de guerra de forma a que todas as frentes pudessem ter a presença de um fotojornalista.

Durante os anos 50 estabeleceram-se três movimentos que ainda são visíveis actualmente:

- a fotografia humanista ou universal, que encontra o seu expoente máximo na exposição *The Family Man*⁹ (1955);
- a fotografia de “livre expressão”, vista nos trabalhos de Moholy-Nagy e Man Ray, em que “o dinamismo libertador deste movimento conduzirá a uma hierarquia de valores entre a foto como espelho do real, a foto como interpretação pessoal da realidade e a foto como pura criação, sendo esta última a que animava os fotógrafos da “livre expressão”.” (SOUSA, 2004a:105)
- a fotografia como “verdade interior” do fotógrafo; em torno deste “movimento cai debater-se, a partir dos finais dos anos sessenta, em inter-relação com o Novo Jornalismo, a oposição entre a “foto-testemunho” e a “foto-subjectiva” assumida” (SOUSA, 2004a:105).

A segunda revolução do fotojornalismo decorreu entre os anos 60 e os anos 80, havendo também uma evolução na profissão, uma vez que há um aumento da concorrência provocando uma industrialização da atividade. “No fotojornalismo, esta mudança incrustou-se mais no privilégio dado à “captura do acontecimento sensacional” e na “industrialização” da atividade do que na reflexão sobre os temas, as novas tecnologias, as pessoas, os fotógrafos e os sujeitos representados” (SOUSA,

⁹ Esta exposição foi organizada por Edward Steichen em 1955, e corresponde à coroa do fotojornalismo e do idealismo na fotografia humanista. Foram expostas 53 fotografias em que o objetivo era mostrar que “todos os seres humanos são iguais e que devem auferir da mesma dignidade” (SOUSA, 2004a:123).

2004b:24).

Nas guerras que decorreram neste período (Guerra da Coreia e do Vietname) o fotojornalismo tem um papel diferente do dos conflitos anteriores, isto é, “o fotojornalismo tende a explorar os caminhos da sensibilidade, dirigindo-se frequentemente à emoção e utilizando, amiúde, a foto-choque” (SOUZA, 2004a:128).

É precisamente no decorrer da Guerra do Vietname que ocorre a segunda revolução do fotojornalismo, desencadeando as seguintes evoluções:

- revistas como a *Life* e a *Look* desaparecem devido à diminuição do interesse do público em confronto com o que é oferecido pela televisão; ao desvio de publicidade para a televisão, fazendo com que houvesse um aumento dos custos de produção para as revistas. O trabalho fotográfico aumenta em algumas agências fotográficas ou em serviços fotográficos de agências noticiosas, tornando-se uma “fábrica” de fotografias. Algumas revistas vão reduzir o número de fotógrafos contratados devido à necessidade de poupança e como forma de redução de custos;
- surge a agência fotográfica *Sygma*, em 1988, com o objetivo de fazer fotojornalismo. Surge uma especialização por parte das agências fotográficas em algumas áreas, deixando para as seções fotográficas das agências noticiosas a tarefa o fornecimento de imagens para os jornais;
- surgem vocações para fotojornalismo na Guerra do Vietname, devido ao seu “livre acesso”¹⁰;
- durante os anos oitenta, há um enorme controlo sobre os fotojornalistas, à semelhança do que acontecia nos períodos de guerra, mas por parte da política, impedindo a fotografia em certos eventos, dificultando a acreditação, começando a existir a “sessão para fotógrafos” e a “fotografia de família” e o controlo sobre equipamentos;
- há uma influência da televisão sobre o fotojornalismo, com a utilização da cor;
- nos anos setenta há uma industrialização da produção fotográfica, diminuindo a quantidade de trabalhos *freelancer*, ocorrendo uma estabilização de pessoal nas empresas levando a uma convencionalização e rotinização do fotojornalismo.

“A *Sports Illustrated* mostrou que se a televisão pode matar o fotojornalismo também pode criar interesse por ele, já que, para além das razões já referenciadas, como a de ser o observador a determinar o tempo de observação, as fotografias mais definidas, talvez mesmo mais dramáticas, até pela definição com que captam o pormenor” (SOUZA, 2004a:132). Desta forma, a Televisão trouxe algumas diferenças à produção fotográfica, houve a necessidade de começar a trabalhar a cor e de descobrir formas específicas de abordar a realidade, fazendo com que comece a haver mais trabalhos de autor.

¹⁰ A Guerra do Vietname foi uma guerra aberta a todos, uma vez que deixou de ser necessário que o fotógrafo acompanhasse os militares, assim sendo, houve uma maior afluência de fotógrafos, o que fez com que houvesse um *boom*.

Nos anos oitenta, os fotógrafos começam a utilizar o computador como uma ferramenta auxiliar para reenquadrar, escurecer, clarear e retocar as suas fotografias. Desta forma, o trabalho dos fotógrafos e editores é facilitado. Segundo o estudo de Karin Becker, através da análise de discurso da revista *News Photographer*, chegou-se à conclusão de que existem quatro áreas de inovação do fotojornalismo americano, ao longo da década de oitenta:

1 — introdução da cor na imprensa diária — os fotojornalistas perderam algum controlo no seu trabalho, começou a haver a necessidade de fotografar o mesmo evento a cores e a preto e branco, no entanto, a possibilidade de digitalizar os negativos de cor e alterá-los para preto e branco, facilitou o trabalho dos fotojornalistas, mas a utilização de negativos a cor, torna a sua produção mais dispendiosa e implica que haja um maior controlo na exposição fotográfica;

2 — digitalização da imagem fotográfica — como forma de proteção da credibilidade, houve uma orientação para “o controle do fotojornalista sobre o seu trabalho e para a distinção clara entre as imagens que poderiam ser claramente manipuladas e as que só poderiam ser manipuladas para realçar mais o motivo” (SOUSA, 2004a:137);

3 — introdução das *still video cameras* (máquinas fotográficas digitais) — esta tecnologia causou alguns desconforto aos fotojornalistas, por considerarem que perdiam controlo no seu trabalho, mas permitia que passassem menos tempo nos laboratórios, no entanto, a utilização desta tecnologia permitia obter imagens com melhor qualidade e responder à necessidade de obter imagens com rapidez para publicar;

4 — novas tecnologias na transmissão da imagem — tendem a deixar mais longe o fotojornalista, fazendo com que este perca controlo sobre o seu trabalho em prol dos editores fotográficos; foi um fenómeno que teve alguma resistência por parte dos fotojornalistas.

A terceira revolução do fotojornalismo acontece após os conturbados anos oitenta e noventa. Esta revolução será visível em vários fatores, como:

- a manipulação e geração computacional de imagens;
- utilização da transmissão, via satélite e telemóveis, de telefotos;
- a estratégia militar começa a ser pensada em função das imagens e os tribunais começam a permitir a entrada aos fotojornalistas;
- os jornais centram-se no imediato e não no aprofundamento dos assuntos, havendo assim uma industrialização da produção fotográfica. A fotografia de autor apenas é utilizada para satisfazer as necessidades dos editoriais, para a edição de livros e para exposições;
- há uma valorização das foto-ilustrações, dos *features* e *fait-divers* em detrimento da foto-choque;
- surgem mais retratos nos jornais, como forma de ilustrar as entrevistas;

- a televisão supera o fotojornalismo devido à rapidez de transmissão, isto é, quando algo importante ocorre, a televisão transmite no imediato, o jornal apenas publica no dia seguinte;
- é exigido ao jornalista que seja polivalente e flexível, que se saiba expressar nos diversos meios;
- surgem problemas financeiros nas grandes agências fotográficas, que vão perdendo para as agências noticiosas.

Todas as situações acima mencionadas levaram a que houvesse uma discussão sobre as ameaças à profissão, as questões éticas e deontológicas do fotojornalismo e ao controlo que o fotojornalista tem sobre o seu trabalho, que ocorrem em torno de quatro pontos: direitos de autor e reserva de soberania de autoria; conduta e invasão de privacidade; problemas de implementação de tecnologias que permitem a manipulação; e, possível influência da televisão.

Fotografia Digital

A fotografia digital popularizou-se devido à redução de custos das tecnologias, sendo que em 1989 surgem no mercado as primeiras câmaras digitais. Nesta altura, surgem também os primeiros *softwares* de manipulação de imagem, edição, armazenamento e visualização de imagens.

O aparecimento da fotografia digital e a possibilidade de manipulação da imagem levanta questões sobre a capacidade de uma imagem mostrar a realidade. Alguns dos casos de fotografias manipuladas em imprensa foram:

- o escurecimento da face de O.J. Simpson na capa da *Time*;
- o retirar de uma lata de *Diet Coke* no jornal *St. Louis Post-Dispatch*, sendo utilizado o argumento que seria para diferenciar a fotografia de publicidade da fotografia de jornalismo;
- a deslocação de uma pirâmide de Gizé na revista *National Geographic*, de forma a poder utilizar a imagem verticalmente na primeira página;
- o *Guardian Weekly* clareou, em 1989, o mamilo de uma rapariga com o objetivo de “não ofender”;
- uma fotografia das patinadoras Nancy Kerrigan e Tonya Harding, a patinarem juntas, foi publicada no *New York Newsday*, quando na realidade se tratava de ficção total.

A fotografia digital trouxe rapidez ao envio de imagens após captadas mantendo a qualidade, permitindo maior armazenamento em disco e que a imagem seja visualizada no computador, numa Televisão ou mesmo que seja reproduzida, podendo rentabilizar recursos humanos.

A imagem digital, em comparação com a imagem analógica, pode ser reproduzida infinitas vezes sem perda de qualidade, sendo que, também se torna mais fácil de manipular. No entanto, a imagem/fotografia digital faz com que surjam dúvidas quanto à realidade das mesmas, uma vez que a manipulação é cada vez mais difícil de reconhecer, facilitando simultaneamente a truncagem, ajudando a criar novos sentidos. Através duma imagem digital é possível criar uma nova imagem mas o ser humano não está “desprovido de defesas contra a manipulação imagética: a educação, a cultura e a experiência levam as pessoas a não aceitar, hoje, tão facilmente as fotografias como representações válidas da realidade que tomam parte directa na sua mundivivência” (SOUSA, 2004a:180).

Em Portugal

Remonta a 1890 o início da publicação regular de fotogravuras em *halftone*¹¹ na *Revista Ilustrada*. No entanto, a fotografia apenas surge nos jornais portugueses em 1907, três anos após a primeira ter sido fotografia publicada no *Daily*

¹¹ *Halftone* é uma técnica de reprodução fotográfica em que é possível reproduzir tons intermédios (meios-tons) através de pontos que podem variar em tamanho, forma e espaçamento. As imagens reproduzidas através desta técnica também são denominadas por *halftone*.

Mirror, n.º *O Comércio do Porto* e, alguns meses depois, no *Diário de Notícias*. Foi também no *Diário de Notícias* que se publicaram as fotografias do regicídio de 1908.

“À maneira de Solomon e da geração de fotojornalistas alemães dos anos vinte, também Benoliel vestia à altura das ocasiões, falava várias línguas, averiguava os horários mais propícios para estar nos locais onde ia fotografar e chegava a gritar nos comícios: “*É para O Século!*” para fazer parar as pessoas. Chegou a fazer parar uma procissão da Senhora da Saúde, na qual participava o Infante D. Afonso, para “sacar” a foto.” (SOUZA, 2004a:189) Joshua Benoliel¹² foi o primeiro fotojornalista português trabalhando para a *Ilustração Portuguesa* e *O Século*. Um homem atento aos pormenores da vida quotidiana de Lisboa e que tenta aproximar as pessoas do que lhes está próximo, foi quem fotografou os acontecimentos mais importantes da época sendo o precursor dos atuais fotojornalistas.

Arnaldo Garcês¹³ terá sido o primeiro a fazer fotografia desportiva, em 1916, com instantâneos de tiro, publicados na revista *Tiro e Sport*; Garcês foi convidado para fotografar a Primeira Guerra Mundial pelo Ministério da Guerra, sendo colocado na frente de batalha para registar o Corpo Expedicionário do Exército Português, mas as fotografias que obteve eram dotadas de uma imensa solidão.

Durante os anos vinte, os jornais iniciaram as tentativas de organizar um arquivo fotográfico e regista-se um aumento de revistas ilustradas. Em 1926, o golpe militar em Braga, em que Bernardino Machado é deposto, dita a instauração de um regime do Estado Novo e António Salazar assume a Presidência do Conselho de Ministros. “Com a revolução de 28 de Maio de 1926 e a instauração do regime ditatorial e corporativista de Salazar (o Estado Novo), as foto-reportagens “(...)perderam subtileza e discrição, ganharam em força e grafismo”. (...) A partir de Julho de 1932, mês em que Salazar é nomeado Presidente do Conselho, a censura e a repressão agudiza-se” (SOUZA, 2004a:190).

Os acontecimentos que eram cobertos pelos fotojornalistas portugueses eram de âmbito político, institucional, ocasiões de Estado e eventos desportivos de grande dimensão, como a volta a Portugal em bicicleta ou o Circuito Hípico, alguns acidentes e *fait-divers* quotidianos.

Nos anos trinta e quarenta, o fotojornalismo português, à semelhança do jornalismo, está ligado à propaganda nacional, mostrando retratos das figuras do regime e os feitos do Estado Novo. Foi apenas em 1940 que foi possível a um fotojornalista obter a sua carteira profissional do Sindicato Nacional dos Jornalistas, sendo André Salgado o primeiro a registar-se.

¹² Joshua Benoliel (13/01/1873 — 03/02/1932) — é considerado o criador da reportagem fotográfica em Portugal, fotografou eventos como as viagens ao estrangeiro dos Reis D.Carlos e D.Manuel II, a Revolução de 1910 e as revoltas monárquicas durante a Primeira República, no entanto, foi a forma de abordagem ao acontecimento que caracterizam as suas fotografias.

¹³ Arnaldo Garcês (1885 — 1964) — Realizou a cobertura fotográfica da Primeira Guerra Mundial e da travessia Atlântica de avião de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, em 1922.

“Durante a II Guerra Mundial, a neutralidade portuguesa e a excelente situação geográfica do País obrigou a um esforço propagandístico alemão e britânico, tendo circulado no País várias revistas ilustradas pró-britânicas e pró-alemãs. Estas revistas recorriam profusamente à fotografia, e o incremento da sua circulação em Portugal foi benéfico para o fotojornalismo português, até porque lançou dentro de portas o trabalho de grandes fotojornalistas estrangeiros que, trabalhando para os governos dos seus países, cobriam o conflito” (SOUSA, 2004a: 191).

Beatriz Ferreira foi, em 1947, a primeira mulher portuguesa que se tornou fotojornalista, trabalhando para *O Século* até o mesmo ser encerrado em 1977. Nos anos cinquenta e sessenta, os nomes de maior destaque são os de Vítor Palla, Costa Martins, Rosa Casaco, Eduardo Gageiro e Augusto Cabrita. Rosa Casaco era agente da polícia política PIDE e foi o responsável pela publicação do livro *Salazar na Intimidade* em 1954; Augusto Cabrita fotografou a guerra Colonial, sendo as suas fotografias bastante censuradas, e apenas foram publicadas imagens dos desembarques e embarques das tropas; Costa Martins e Vítor Palla, foram importantes uma vez que, durante três anos (1956 a 1959), fotografaram o quotidiano da cidade de Lisboa, tendo publicado o livro *Lisboa Cidade Triste e Alegre*¹⁴ que foi um fracasso; Eduardo Gageiro¹⁵ foi o fotojornalista português de maior destaque, devido à paciência que tinha para aguardar pelo momento decisivo para fotografar e, também, porque foi o único fotojornalista que fotografou o sequestro dos atletas israelitas nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972 e que na altura enviou o rolo para *O Século Ilustrado*, perdendo assim a oportunidade de realizar um bom negócio com a venda das fotografias. Gageiro foi um preso político, por considerarem que as suas fotografias passavam uma má imagem de Portugal, no entanto, como era correspondente da *Associated Press* houve alguma pressão internacional que o poupou do pior.

“O desenvolvimento do fotojornalismo português sofreu um atraso provocado pelas condições em que a imprensa se moveu e desenvolveu ao longo da ditadura, num País pobre, atrasado, analfabetizado, sujeito à “lei da rolha”, reprimido” (SOUSA, 2004a:194). O fotojornalismo e a fotografia em Portugal começaram a ganhar novas formas devido à atenção que foi prestada por outros fotojornalistas/fotógrafos internacionais, e que escolheram o país para trabalhos quotidianos, tendo exposto esses mesmos trabalhos em encontros de fotografia em Coimbra e Braga.

A “revolução dos cravos” trouxe ao nosso país nomes internacionais por parte de agências noticiosas, tais como Sebastião Salgado, Gilles Peress, Guy Le Querrec e Josef Koudelha e Volker Hinz (fotojornalista alemão, a trabalhar para a *Stern*), tendo este último conseguido vencer um prémio *World Press Photo*, em 1975, com um retrato de Mário Soares.

De acordo com Sousa, hoje em dia, a qualidade fotojornalística¹⁶ é superior à de alguns anos, o facto de surgirem

¹⁴ Este livro foi recentemente reeditado.

¹⁵ Eduardo Gageiro, nasceu em Sacavém a 16 de Fevereiro de 1935. O seu percurso profissional começou como funcionário de escritório numa Fábrica de Loiça, onde conviveu com artistas que o influenciaram na decisão de enveredar pelo fotojornalismo. Em 1957 inicia a sua actividade no Diário Ilustrado. Conquistou vários prémios ligados ao fotojornalismo e actualmente é freelance. Tornou-se célebre com as fotografias do massacre nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, e com as fotografias do 25 de abril de 1974.

¹⁶ A qualidade fotográfica não deverá ser medida qualitativamente, estando relacionada com o desenvolvimento e com a importância que a

semanários, como o *Expresso* e *O Independente*, e de diários, como o *Público*, fez com que houvesse um crescimento na qualidade e uma maior preocupação na construção de imagem e transmissão de informação.

Os fotojornalistas portugueses partilham:

- Uma visão que promove o entroncamento do fotojornalismo, em sentido estrito, como o fotodocumentalismo;
- Uma formação teórica e técnica de nível elevado;
- A assunção de uma certa subjectividade, que os leva a explorar as tensões e contradições, a composição e o enquadramento, ou seja, as capacidades expressivas do espaço fotográfico, remetendo frequentemente o observador para o “fora de campo”.

“Em Novembro de 1996, o *Diário de Notícias* publicou um pequeno suplemento de autopromoção que vivia, essencialmente, de fotografias jornalísticas realizadas pelos seus foto-repórteres. Esta ocorrência é exemplificativa da força testemunhal que o fotojornalismo ainda tem e da força promocional que ele pode ter numa esfera de luta concorrencial. Desprezar a fotografia jornalística, nos dias de hoje, poderá revelar-se fatal para qualquer órgão de imprensa” (SOUSA, 2004a:200).

fotografia foi ganhando na imprensa. No decorrer do tempo e com a aprendizagem das novas gerações, a fotografia foi-se tornando mais cuidada e começou a haver uma maior preocupação com a obtenção da mesma.

Gerar sentido numa fotografia

Para “ler” uma fotografia é necessário perceber os elementos que a compõem, e para que haja essa comunicação é necessário existirem três condições: que o destinatário saiba ler; que conheça os elementos que compõem a fotografia; e que compreenda a linguagem. “No caso da imagem fotográfica, essa linguagem comum pertence ao mesmo meio sócio-cultural” (FILHO, 2003:2).

Segundo Filho, o processo de leitura duma fotografia pode decompor-se em três fases:

- percepção — momento em que se faz a leitura das formas e tonalidades, mas sem que ocorra identificação. É uma ação ótica e ocorre rapidamente;
- identificação — é o momento em que o indivíduo retém os componentes que identificou;
- interpretação — esta fase é individual e é uma ação mental. Trata-se de um processo interpretativo que tem em conta o meio sociocultural, assim sendo, é feito em função da idade, género, profissão e ideologia, podendo existir diversas interpretações para a mesma imagem.

“Barthesianamente, poderíamos considerar que entre os mais relevantes elementos potencialmente conferidores de sentido a uma mensagem fotojornalística se inscrevem o texto (...) e os elementos que fazem parte da própria imagem.” (SOUSA, 2004b:65) No entanto, qualquer regra pode ser quebrada se o objetivo for clarificar a mensagem transmitida.

Os elementos que acrescentam sentido a uma imagem fotográfica são: texto; enquadramento, planos e composição; o foco de atenção; relação figura-fundo; equilíbrio e desequilíbrio; elementos morfológicos; profundidade de campo¹⁷; movimento; iluminação; lei do agrupamento; semelhança e contraste de conteúdos; relação espaço-tempo; processos de conotação fotográfica barthesianos; distância e sinalização.

O texto é um elemento imprescindível na fotografia uma vez que pode chamar a atenção para a fotografia ou para alguns dos seus elementos, pode complementar informativamente, ancorar o significado, conotar a fotografia (orientando para o significado pretendido) e, analisar, interpretar e/ou comentar a fotografia e/ou o seu conteúdo. “A narrativa através da imagem passaria a ser ainda mais valorizada quando surge o editor de fotografias. O editor, figura que surgiu nos anos 1930, originou-se do processo de especialização de funções na imprensa e passou a ser o encarregado e dar um certo sentido às notícias, articulando adequadamente palavras e imagens, através do título, da legenda e de breves textos que acompanhavam as fotografias” (MAUAD,2004:2).

Numa página de jornal, o olhar do leitor é direcionado, automaticamente, para a fotografia, desta forma, a legenda que acompanha a imagem, para além de contextualizar (indicar local ou identificar indivíduos), também deverá fornecer

¹⁷ A profundidade de campo é um conceito fotográfico relacionado com a nitidez da imagem, isto é, permite-nos analisar o que está focado para além do plano médio de focagem, assim sendo, pode-se entender que profundidade de campo é sinónimo de área focada na fotografia. Quanto maior for a abertura de diafragma utilizada, menor será a profundidade de campo obtida, logo menor será a área focada, e vice-versa.

alguma informação ou apelar/incitar o leitor a ler a notícia. A legenda também servirá para desfazer os diversos sentidos (a polissemia) duma imagem e, no caso da fotografia ser o elemento informativo de destaque, poderá ser um pouco mais longa de forma a conter mais informação.

Já o enquadramento é o espaço da realidade visível, isto é, o que é visto/captado da realidade. O enquadramento poderá ser visto, do ponto de vista jornalístico, como o ângulo/forma escolhido/a pelo fotógrafo para abordar o acontecimento. Existem vários ângulos de abordagem para um determinado acontecimento, no entanto, jornalista e fotógrafo apenas poderão escolher um, e o enquadramento é essa forma de seleção do ponto de vista. O fotógrafo pode ainda reenquadrar, permitindo concentrar a atenção do observador e retirar elementos que possam desviar a atenção do que realmente é importante. Para concretizar o enquadramento utiliza-se o plano, e este pode ser geral, conjunto, médio e grande. O plano geral é aberto, informativo e situa/localiza o observador. O plano conjunto é semelhante ao plano geral, no entanto, é mais fechado distinguindo os intervenientes da ação e a ação por inteiro. No caso do plano médio, este permite relacionar objetos e sujeitos fotográficos, tem uma visão “objetiva” da realidade, normalmente é um plano aberto ou a três quartos. O grande plano enfatiza particularidades, é mais expressivo que informativo. É através do enquadramento que o fotógrafo seleciona o que consideram relevante e retira “ruído” à imagem captada

O plano também está relacionado com o ângulo, isto é, com a posição que se está perante o objeto fotografado. Um plano normal é paralelo à superfície e permite uma visão “objetivante”; o plano picado é fotografado de cima para baixo e desvaloriza o motivo; e o plano contra-picado é feito de baixo para cima e permite valorizar o motivo.

Relativamente à composição da imagem, esta permite acrescentar informação ao enquadramento, é o conjunto de elementos da imagem e a forma como esses elementos competem pela atenção. Comumente a composição é feita com a colocação do motivo no centro, mas também é utilizada a regra chamada dos “terços”¹⁸. Para criar uma imagem mais dinâmica é necessário que a composição explore/crie o desequilíbrio, por exemplo, ao colocar-se o tema fora do centro da imagem, obriga-se a olhar do observador a mover-se pelo enquadramento e permite-se a esse observador uma melhor observação contextual do ambiente que rodeia o motivo.

Existem outras formas de compor uma imagem como a manutenção de uma composição simples; a não inclusão de espaços mortos; a exclusão de detalhes externos ao centro de interesse; a inclusão de algum espaço antes do motivo; a correção do efeito de inclinação dos edifícios altos; o preenchimento do enquadramento; o recurso à “agressividade” visual do *close in*, a inclusão, no enquadramento, de um espaço à frente de um objecto em movimento; fotografar as pessoas de forma a que a câmara forme com que elas um ângulo horizontal de 45 graus.

¹⁸ A regra dos “terços” consiste na divisão, horizontal e vertical, da imagem em três, em que o objeto principal deverá situar-se na intersecção das linhas. Esta divisão permite que se dê algum espaço ao objeto principal e ajuda a criar a sensação de movimento e dinâmica e até alguma hierarquia de entre os elementos da imagem.

O fotógrafo deve sempre privilegiar uma zona da imagem de forma a ser o foco de atenção, e que deverá ser o motivo principal. “Só depois de atingir a saciedade perceptiva é que a atenção do sujeito vai atender a novos focos onde possa ir buscar novas informações” (SOUSA, 2004b:71) Há fatores que se deverá ter em conta quando se compõe uma imagem para que possa cativar o observador, sendo eles: a intensidade dos estímulos, por exemplo a cor; incongruência; isolamento; repetição; contraste cromático; e, contraste luz-sombra.

Por vezes, há que ter em atenção os motivos secundários ao redor, uma vez que estes se podem tornar em foco de atenção, alterando/distorcendo a mensagem. A cultura, as expectativas, as motivações do observador, os hábitos e experiências anteriores podem contribuir para um foco de atenção diferente, permitindo que cada observador faça a sua leitura.

Relativamente à relação entre a figura e o fundo, primeira deve destacar-se, existindo uma relação dinâmica. “O que se coloca no primeiro plano, planos secundários e no plano de fundo torna-se, assim, extremamente importante, quer para dar força visual à imagem, quer para realçar certos conteúdos” (Sousa, 2004b:72).

O equilíbrio (ou desequilíbrio) de uma fotografia é conseguido através das linhas de força. O equilíbrio pode ser estático — gerando sensações de estatismo — ou dinâmico — produz uma certa tensão que favorece uma leitura ativa da imagem. O desequilíbrio gera tensão e favorece uma leitura ainda mais ativa.

“A informação visual, para ser realmente compreendida, requer uma aprendizagem. Ela não é nem natural e nem espontânea porque possui uma linguagem própria que precisa ser apreendida” (ARCHELA,1999:2). Existem vários elementos morfológicos que contribuem para dar sentido ou para gerar sensações, sendo eles:

- grão (mais visível nas fotografias analógicas) — é um elemento referente à fotossensibilidade¹⁹ dos sais de prata, isto é, quanto mais sensível for o filme que se utiliza para fotografar, maior será o grão que a fotografia irá apresentar;
- massa ou mancha — é um conjunto regular de grãos com a mesma densidade ou diâmetro ou regiões fotográficas com idênticas colorações ou tonalidades;
- pontos — “uma pessoa fotografada isoladamente sobre um fundo neutro pode reduzir-se a um ponto adquirindo relevância por contraste e por segregação da figura face ao fundo. Várias pessoas formam uma linha implícita a partir dos “pontos” constituídos por essas pessoas ou esses objetos” (SOUSA, 2004b:73);
- linhas (implícitas ou explícitas) — existem vários tipos de linhas: as linhas de força conduzem o olhar do observador numa imagem e podem ser aproveitadas para direccionar o olhar e um observador para o

¹⁹ A sensibilidade fotográfica está diretamente relacionada com a capacidade fotossensível numa superfície (rolo fotográfico, por exemplo). Utiliza-se uma escala de ISO e quanto mais alto for o número associado mais sensível será a superfície, logo, mais rápida será a velocidade de obturação e mais grão (ou ruído digital no caso das máquinas digitais); o ISO mais utilizado será o 100 (hoje em dia depende da máquina que se possui, mas nas digitais o ISO mais baixo será de 200), existindo ainda filme menos sensíveis, o máximo de sensibilidade é 6400.

motivo ou orientar a leitura da imagem; as linhas de perspectiva dão profundidade à imagem; as linhas oblíquas produzem tensão; as linhas curvas dão/produzem a sensação de movimento em imagens estáticas. As linhas podem gerar dois efeitos, a distensão (arejamento da imagem e abertura da mesma) e concentração (encerramento e claustrofobia);

- textura e padrão — a primeira contribui para gerar sentido e a segunda pode ser aproveitada para o mesmo efeito;
- cor — permite captar a atenção e confere sentido, em função do contexto e da cultura;
- configuração — relativa à forma e volume do objecto.

A profundidade de campo é todo o espaço focado de uma imagem, isto é, considera-se a distância entre os pontos nítidos mais próximos e mais afastados do ponto focado. A profundidade de campo é variável e depende da distância focal da objetiva, isto é, depende da abertura do diafragma, quanto maior for a abertura (por exemplo um f:2,8) menor será a profundidade de campo e vice-versa. A utilização de uma profundidade de campo curta tem como finalidade dar relevo ao objeto.

Há duas formas de transmitir a ideia de movimento: travando-o ou tornando-o escorrido. Para travar o movimento ou congelá-lo é necessário utilizar uma velocidade de obturação²⁰ rápida, que depende da sensibilidade que se está a utilizar; pode haver necessidade de se acompanhar o movimento (ficando com o fundo escorrido). “os gestos significativos, as posições sugestivas, precisam frequentemente de ser “congeladas” para que lhes possa ser imposto um sistema” (SOUSA, 2004b:77). Para obter um movimento escorrido, basta utilizar velocidades de obturação lentas em que a máquina fotográfica permanece estática perante o movimento.

Da iluminação depende a noção de profundidade e de relevo. As suas características são: a qualidade, a direção/sentido, o contraste, a uniformidade, a cor e a intensidade. A luz deve ser “trabalhada” de forma a manter a naturalidade nas fotografias, desta forma, o fotojornalista deve aprender a observar a luz.

“A imagem visual aceita uma grande quantidade de informações, e vários níveis de leitura através do agrupamento dos elementos. Uma representação gráfica permite memorizar rapidamente um grande número de informações, desde que transcritas de maneira conveniente e ordenadas visualmente” (ARCHELA, 1999:2). Quanto à Lei do Agrupamento, quanto mais próximos estão os objectos mais se atraem entre eles, por exemplo, “uma fotografia de dois futebolistas em luta pela posse de bola tem mais força visual e apelativa do que um plano geral do campo, no qual essa cena se perderia entre vários elementos “desgarrados”, pois a dispersão debilita as forças de atracção” (SOUSA, 2004b:79).

A semelhança e contraste de conteúdos caracteriza-se pela coerência ou incoerência entre elementos; a primeira estabelece semelhanças e a segunda contrastes.

²⁰ Obturação é o tempo em que o material sensível está exposto à luz, na gíria será a velocidade de disparo.

A relação espaço-tempo consegue-se pelas associações mentais entre a ideia de tempo e a disposição dos objetos na imagem, isto é, se um objeto estiver a “entrar” na imagem, associa-se a um tempo futuro, porque esse objeto ainda tem espaço para percorrer.

Relativamente aos processos de conotação barthesianos, destacam-se os seguintes:

- truncagem — introdução, modificação ou supressão de elementos na fotografia;
- pose — gestos e expressões;
- objetos — contribui para a constituição de sentidos;
- fotogenia — “embelezamento” através da iluminação, das técnicas de impressão ou de processamento;
- esteticismo — processo de conotação, permite a exploração da imagem para se aproximar à pintura;
- sintaxe — a forma como as fotografias são dispostas orienta a conotação/leitura de significados;
- distância — a distância entre objectos pode levar a uma leitura de afastamento ou aproximação
- sinalização — a falta de qualidade numa fotografia pode originar a que seja assinalado uma determinada zona da imagem.

Estes processos de conotação permitem-nos “ler” uma fotografia e perceber mais sobre o significado de cada pormenor.

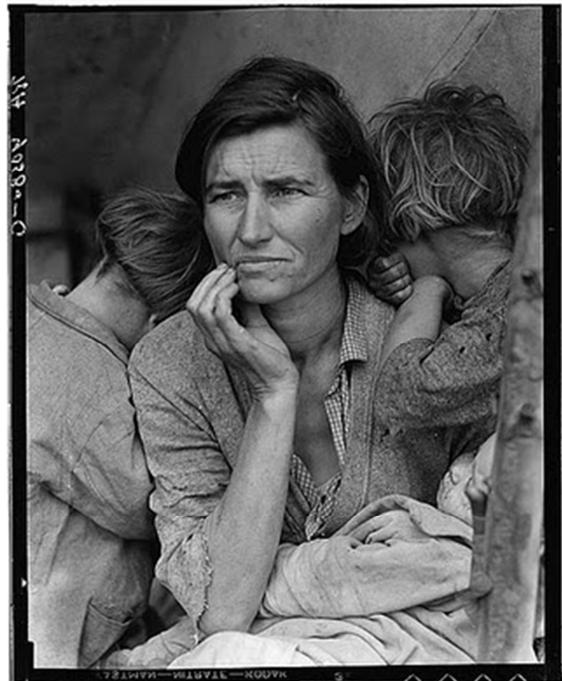
Géneros Fotojornalísticos

“Os géneros fotojornalísticos não são estanques, tal como os redatoriais. A identificação de um género fotojornalístico passa, por vezes, pela intenção jornalística e pelo contexto de inserção da(s) foto(s) numa peça” (SOUSA, 2004b:89). Por exemplo, os grandes concursos de fotografia estabelecem os seus próprios géneros, como é o caso do World Press Photo.

Segundo Sousa (2004b), a generalidade dos manuais e livros de fotojornalismo distinguem três géneros fotojornalísticos: as fotografias noticiosas, as *features*, desporto, retrato, ilustrações fotográficas e *picture stories*.

As fotografias noticiosas são grande parte das que se publicam num jornal, podemos ainda dividir este género em *Spot News* e notícias em geral. As *Spot News* são fotografias “únicas” de um acontecimento “duro” ou são fruto de um acontecimento imprevisto em que não há tempo para planear a imagem que se pretende obter, sendo a capacidade de reação do fotojornalista a determinar a qualidade da fotografia. A capacidade de reação adquire-se com a experiência, bem como a capacidade de hierarquizar e compor rapidamente os elementos que vão surgir. São consideradas como “notícia geral” todas as fotografias que fazem parte da agenda, isto é, relaciona-se com a cobertura de ocorrências como entrevistas, reuniões políticas, cerimónias, desporto...; dentro das fotografias de notícias em geral, ainda temos as *photo opportunities*, que consiste numa fotografia combinada, normalmente com os políticos, para que estes não sejam surpreendidos em poses/momentos menos favoráveis. O objetivo destas fotografias é representar o essencial do acontecimento.

As *features*, consistem em fotografias que encontram o seu sentido em si mesmas exigindo paciência e capacidade comunicativa para as obter; permitindo uma maior liberdade artística e estilística. “O maior problema na obtenção das *features photos* reside na incapacidade de se saber quando e onde o “acontecimento” que merece uma fotografia desse tipo vai ter lugar, (...) a capacidade de gerar significados e/ou sensações com a imagem, selecionando, numa fração de segundo, o enquadramento, o ponto de vista, a velocidade, a profundidade de campo, etc...” (SOUSA, 2004b:93). Por vezes, incluir afirmações dos sujeitos fotografados pode tornar a imagem mais interessante, Dorothea Lange, no projeto fotodocumental *Farm Security*



Fotografia de Dorothea Lange, no âmbito programa *Farm Security Administration*, intitulada “Mãe Migrante”, um exemplo de *feature*.

*Administration*²¹ utilizou esta técnica, não se limitando a trabalhar apenas com a imagem.

Quanto a questões éticas, o fotojornalista deve sempre identificar-se explicando o objetivo das suas fotografias e pedindo autorização para publicação das mesmas, no entanto, é aconselhável que primeiro se fotografe e só depois peça as referidas autorizações, pois conseguirá momentos mais naturais e o risco de alguém se recusar a ser fotografado é menor.

Segundo Jorge Pedro Sousa, existem três tipos de *features*, sendo elas:

- interesse humano — em que as pessoas são representadas de forma natural e única, utilizando uma forma bem-humorada. É difícil, ou mesmo impossível, de antecipar as imagens.
- interesse pictográfico — estas imagens valem pela sua força visual, pela exploração da composição e da luz.
- animais — podem dar origem a situações engraçadas, em que estes expressam sentimentos amorosos ou ainda, comportamentos próprios de cada espécie; são situações cómicas ou tensas que sensibilizam as pessoas ou despertam o riso ou ternura.

O retrato é outro dos géneros fotojornalísticos, em que o objetivo é não mostrar apenas a faceta física e exterior da pessoa ou grupo, mas tentar evidenciar um traço da sua personalidade. A pose permite acrescentar um valor documental perdendo-se, no entanto, naturalidade. Para se conseguir uma fotografia mais natural, pode aproveitar-se o momento em que se está a entrevistar, uma vez que se irá beneficiar da distração do retratado e este terá um comportamento mais natural, conseguindo-se assim retratos mais naturais.

Existem dois tipos de retratos, os *mug shots* e os retratos ambientais. Os primeiros são fotografias apenas de cara e ombros de uma pessoa, em que o objetivo é realçar um traço da personalidade; utilizam-se principalmente planos frontais e mais informativos, no entanto, os planos laterais e mais estéticos não são abandonados. Já os retratos ambientais são aqueles em que o fotojornalista interage com o ambiente em que o sujeito fotografado/retratado se encontra, tentando salientar um determinado aspeto da sua personalidade; aproveitam-se todas as rugas de expressão, os olhares e os gestos, pois são considerados elementos críticos para gerar sentido a par com todos os elementos/objetos que rodeiam o retratado, incluindo o seu vestuário. Nos retratos ambientais deve tentar-se utilizar uma elevada profundidade de campo, de forma a conseguir tornar nítidos todo o ambiente e objetos que possam ser úteis na criação de sentidos.

As ilustrações fotográficas são consideradas por alguns como género fotojornalístico não gerando, no entanto, consenso por parte dos profissionais. Segundo a definição de fotojornalismo de Sousa (2004b), e considerando-as no seu

²¹ O projeto *Farm Security Administration* ocorreu nos Estados Unidos nas décadas de trinta e quarenta e procurou “retractar os resultados das políticas do *New Deal* do Presidente Roosevelt: empréstimos de baixos juros para compra de terra, desenvolvimento de estudos sobre preservação dos solos e criação de quintas experimentais e de explorações comunitárias, que visavam dar emprego aos trabalhadores errantes.” (SOUSA, 2004a:93) O projeto tornou-se numa arma que permitiu o despertar de consciências sociais.

sentido lato, as ilustrações são consideradas um género. São fotografias únicas ou mesmo fotomontagens, que abordam temas menos “sérios”, como cozinha ou moda, por exemplo. São a base da foto-opinião e da foto-análise.

“A natureza das ilustrações fotográficas exige ao fotojornalista uma elevada preparação. Todas as *photo illustrations* são imagens fabricadas, planeadas, para gerar um determinado efeito. Quando se lida com pessoas, por exemplo, é muito comum fazer com que os sujeitos fotografados posem” (SOUSA, 2004b:100). O facto de as ilustrações fotográficas serem criadas leva a que alguns meios de comunicação tenham fotógrafos específicos para estes trabalhos, evitando desta forma a descredibilização perante um público que poderia associar as ilustrações à manipulação de imagens.

As *pictures stories* ou histórias em fotografias, são consideradas o género fotojornalístico mais nobre, consiste numa sequência de imagens que se integram num conjunto constituindo o relato compreensivo e desenvolvido de um tema/acometimento. “Corresponde à noção mais completa de foto-reportagem, muito embora o conceito “fazer uma reportagem fotográfica” tanto sirva para um foto-relato em várias imagens como para uma abordagem usando apenas uma fotografia” (SOUSA, 2004b:101).

A realização de uma história em fotografias exige tempo, pesquisa, reflexão e planificação por parte do fotojornalista. Existem cinco tipos de fotografias que são as mais utilizadas: planos gerais (permitem situar e mostrar a essência); planos médios (traduzem dinâmica); grandes planos (emocionar, dar ritmo e narrativa); retrato do sujeito (close up – com objectivo de revelar); e fotografia de encerramento.

A foto-reportagem tem como objetivo situar, documentar, mostrar a evolução e caracterizar desenvolvimento numa situação real. “La fotografía deportiva ocupa hoy prácticamente el mismo espacio que el texto, debido a que la confección o diseño de los diarios deportivos y páginas deportivas de los diarios de información general conceden gran importancia al aspecto visual que del medio o página perciben los clientes. Hay, por tanto, dos situaciones diferenciadas en la utilización de las fotografías: aquellas que poseen suficiente carga periodística o belleza para ser tratadas como noticia y las fotografías que apoyan al texto o lo complementan. Las primeras representan la actualidad y las segundas son intemporales o documentales, y generalmente sacadas del archivo” (ALCOBA, 2005:146).

Quanto à fotografia de desporto, existe algum interesse prático em considerar as fotografias de desporto num género fotojornalístico uma vez que existem inúmeras modalidades e que se podem obter imagens espetaculares. Para se conseguir uma ótima fotografia é necessário que o fotógrafo conheça bem as regras de jogo e se posicione nos melhores locais. Uma fotografia de desporto terá mais impacto se revelar a linguagem corporal dos jogadores, as expressões faciais e oculares pela luta da superioridade em campo.

Para as fotografias de desporto, normalmente são utilizadas teleobjetivas e uma elevada sensibilidade (permite velocidades de disparo mais rápidas, conseguindo “congelar” o movimento). Em algumas modalidades ou mesmo recintos desportivos não é permitida a utilização de flash.

Inseridas no género desporto, existem também, as *features* de desporto, em que o interesse humano se sobrepõe à

ação desportiva enquanto mais-valia fotográfica, sendo obtidas no decorrer de um acontecimento desportivo. “O desporto é muito mais do que um conjunto de atletas em movimento. Preste atenção ao que se passa nas bancadas, ao comportamento de adeptos, dirigentes e convidados, antes e depois de um jogo. Caso contrário corre o risco de regressar à redacção sem a informação mais importante. Por vezes a acção principal decorre onde menos se espera” (SOBRAL e MAGALHÃES, 1999:21).

“As imagens são elementos de impacte e o texto manchas de cinzento” (SOBRAL e MAGALHÃES, 1999:61), isto é, é a fotografia que acompanha o texto que muitas vezes capta a atenção do leitor para a leitura do texto, desta forma a fotografia deverá ser apelativa e de leitura rápida. No caso da fotografia desportiva, esta normalmente inclui atletas ou adeptos, tentando sempre transmitir algum sentimento, ou a emoção de um adepto quando a sua equipa faz algo inesperado ou a dureza de uma disputa de bola.



Fotografia de Gonçalo Manuel Martins, momento em que um pai abraça o seu filho quando a sua equipa segue em frente na Taça de Portugal, feito que já não ocorria há 43 anos.

Para se conseguir uma boa imagem, é necessário conhecer as regras de jogo de forma a tentar antecipar um momento importante ou mesmo alguma jogada que possa terminar de forma gloriosa. O objetivo de qualquer imagem desportiva é ajudar o leitor na “viagem” até ao local da história.

Ética nas imagens

“O fotojornalista é um cidadão com uma máquina fotográfica e goza dos mesmos direitos e restrições que qualquer outro cidadão na mesma situação” (KEENE, 2002:185). Só muito recentemente é que começou a existir alguma preocupação com a imagem das pessoas, começando a haver legislação nesse sentido no início do século XX.

Existem várias problemáticas no âmbito da fotografia jornalística que se prendem, maioritariamente, com a “realização e difusão de imagens que colocam em causa o direito à privacidade, que afetam determinados valores ou que representam situações violentas, traumáticas ou chocantes” (SOUSA, 2004b:109).

As diferenças de leitura das imagens devem-se a vários fatores, tais como a:

- dificuldade de interpretar a conotação fotográfica;
- o facto de o contexto em que a *fotografia* é apresentada direcionar a interpretação da mesma;
- a tendência de o observador ver as suas próprias projeções nas fotografias;
- separação entre fotógrafos e observadores, podendo haver várias leituras dum mesmo acontecimento, dependendo de vários fatores, como a cultura, a idade, o género, entre outros.

“Os argumentos que se esgrimem no domínio da ética das imagens nem sempre são claros, evidentes ou satisfatórios quando vistos de ângulos diferentes” (SOUSA, 2004b:110). Por vezes o fotojornalista fica dividido entre a lealdade que tem para com os leitores, a sua organização noticiosa, a sociedade em geral, à profissão e a si mesmo, assim sendo, “por trás da ética estão imagens; a consciência metafórica precede à nossa consciência ética, antes das leis estão as histórias” (SOUSA, 2004b:112).

A manipulação de imagens é uma das questões que agita o debate ético e deontológico que gira em torno ao fotojornalismo, no entanto, existem outras questões, como:

- a cedência ou não à estética do horror;
- o uso de fotografias de acontecimentos traumáticos;
- a cedência à espetacularização e ao sensacionalismo;
- a captação de imagens sem que o jornalista se identifique como tal;
- a captação de imagens sem se respeitarem as pessoas;
- o tratamento discriminatório e estereotipado ou reforço do estereótipo das pessoas em função da idade, do sexo, da cor ou da raça, da nacionalidade, das crenças, do aspeto físico e da deficiência, ou da profissão;
- uso das fotografias de arquivo como se fossem atuais, sem preocupação pela contextualização temporal;
- uso descontextualizado de imagens;
- a apresentação das imagens num contexto diferente do da sua produção;

- uso da persuasão visual como forma de manipulação, desinformação, contra-informação e propaganda;
- o aproveitamento direto e não contextualizado das fotografias e outros documentos gráficos enviados por profissionais de relações públicas, conselheiros de imprensa e assessores;
- a cedência a mecanismos como as *photo opportunities*, a acreditação dos fotojornalistas, a obrigação de não usar determinado equipamento para fotografar certos políticos;
- o uso de imagens potencialmente inferiores;
- o abuso das ilustrações fotográficas e recurso a elementos visuais sem ancoragem na realidade para a realização desse tipo de fotografias;
- o uso de máquinas fotográficas dissimuladas/escondidas;
- o recurso a encenações para a fotografia e a fotografias de recriações fictícias de situações;
- o abuso de efeitos especiais, usando, por exemplo, filtros para objetivas ou filtros digitais.

Existem quatro regras a não quebrar para prevenir a obtenção de fotografias que possam atentar à reserva da vida privada: a intrusão injustificada no espaço privado de outrém; a revelação pública de factos privados; a apresentação pública de uma pessoa sob uma perspetiva falsa; e, a apropriação não consentida da imagem de uma pessoa para fins comerciais.

Segundo Lester (*apud* SOUSA, 2004b:114), há discórdia entre fotojornalistas, editores, leitores e públicos sobre a publicação de certas imagens, por terem valores diferentes, estabelecendo seis princípios que são tidos em consideração:

1 — Imperativo categórico kantiano — relativo à ideia do que está certo para um, está certo para todos, assim sendo, este princípio enquadra-se no sentido de providenciar informação aos cidadãos como sendo uma regra universal que não pode ser quebrada;

2 — Utilitarismo — ideia do maior bem para o maior número de pessoas;

3 — Hedonismo — maximiza o prazer, associado ao niilismo e ao narcisismo. Quando o fotógrafo insiste na publicação de uma fotografia que considera ser o seu melhor trabalho, devido às qualidades técnicas e estéticas e aos seu conteúdo em simultâneo, mesmo que essa fotografia possa chocar ou ofender certas pessoas, o fotógrafo está a enveredar por uma conduta hedonística, mas de certa forma, profissionalmente legítima;

4 — Equilíbrio — compromisso entre dois pontos de vista extremos ou de duas ações extremas;

5 — Transferência — quando, ao fazer ou escolher uma fotografia de alguém, o fotógrafo se coloca no lugar dessa pessoa;

6 — Mandamento principal — ensina a amar o outro e a nós mesmo. Um fotojornalista deve procurar minimizar os danos pessoais que resultem da publicação de determinadas fotografias, se essa publicação for imprescindível.

Manipulação de imagens digitalmente

“O retoque, a alteração, a supressão e a inclusão de elementos nas imagens fotojornalísticas foram procedimentos relativamente comuns ao longo da história. O facto de a manipulação digital de fotografias ser de fácil e de difícil ou virtualmente impossível deteção por um observador que não tenha visto o acontecimento fotograficamente representado ou que não tenha sido advertido da manipulação imagística” (SOUSA, 2004b:116). O facto de muitas vezes a manipulação de uma fotografia não observável, leva a que um leitor que desconheça a manipulação, considere a mesma tão credível como uma fotografia não manipulada.

Na Noruega, a Associação de Jornalistas pediu que fossem assinaladas todas as imagens manipuladas, colocando-lhe um símbolo. Há códigos éticos e livros de estilos que proibem a manipulação sem aviso ao leitor. “Poderá fazer-se manipulação fotográfica desde que o observador saiba que ela foi feita e em que moldes ela foi feita, e desde que sirva para tornar a comunicação fotojornalística em comunicação mais útil” (SOUSA, 2004b:117).

JORNALISMO DESPORTIVO

O desporto converteu-se numa das secções/categorias mais importantes do jornalismo, uma vez que se tornou num género específico como forma de se tornar mais abrangente e dar resposta ao tratamento de informação referente a todas as modalidades desportivas. O jornalismo desportivo é, em parte, a ligação entre a sociedade e os interesses políticos e económicos. “Los periodistas deportivos informan de un género específico comprensible a todas las mentalidades a través de un lenguaje universal que todos entienden, producto del espíritu y filosofía del deporte, como fenómeno cultural más seguido y practicado desde comienzos del pasado siglo y que va en aumento en el siglo que hemos iniciado” (ALCOBA, 2005:10).

“A informação desportiva pressupõe saber específico, mas nisso é igual a qualquer outra subdivisão que se faça na imprensa (...). Estar no jornalismo desportivo implica gostar do que se faz, cultivar fontes, somar experiências, adquirir conhecimentos” (SOBRAL e MAGALHÃES, 1999:16). A imprensa desportiva não é muito diferente da imprensa generalista, apenas a forma de “olhar” o evento desportivo é diferente, uma vez que é necessário transmitir ao leitor não só o que se passa no jogo como também o ambiente envolvente, é necessário ter em atenção o que acontece nas bancadas, ao comportamento dos adeptos e dos dirigentes das equipas, isto porque, por vezes o principal da ação ocorre nas bancada e o ambiente envolvente às equipas pode influenciar a sua prestação.

“Escrever sobre desporto é tentar objectivar o subjectivo, procurar ordem no desordenado terreno das paixões. A natureza do jogo complica, uma partida de futebol²², por exemplo, será sempre passível de diversas interpretações. Fazer prova é quase impossível” (SOBRAL e MAGALHÃES, 1999:20).

Segundo Alcoa (2005:101), o trabalho do jornalista “consiste en presenciar la competición, informar de ella al medio, antes, durante y después de su conclusión, com la exposición de lo presenciado, según el siguiente barómetro: opinar del partido con el relato de las jugadas más importantes, establecer un grado de comparación entre equipos y jugadores o deportistas, explicar el clima en que se desarrolló la competición, tanto por el público como por el clima atmosférico.”

Ao longo da história da imprensa desportiva mundial, pode observar-se que, por vezes, alguns eventos desportivos são utilizados para fins políticos e divulgação de propaganda, como aconteceu, nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936.

“Los primeros periodistas deportivos fueron tomados como periodistas de segunda, ya que el área que trataban estaba al alcance de cualquier pluma y cualquier podía llevar a cabo la realización de esa información. (...) La

²² O futebol surge em Portugal nos finais do século XIX e foi “importado” pelos ingleses, tendo o primeiro jogo sido realizado em 1888 pelos irmãos Pinto Basto (Guilherme Pinto Basto estudou em Inglaterra e trouxe uma bola de futebol como recordação do tempo em que viveu nesse país). Em 1903 realizou-se o primeiro jogo entre Portugal e Inglaterra, no Campo Pequeno, em Lisboa, tendo havido bastante divulgação junto do povo. Com o sucesso que a modalidade fazia junto dos jovens, que gostavam de experimentar a sensação de chutar uma bola, foram nascendo vários grupos e mais tarde os clubes.

argumentación de los seudointelectuales del periodismo era la ya expuesta: según ellos, todo el mundo entiende de deporte...” (ALCOBA, 2005:65). Os primeiros jornalistas desportivos eram aqueles que forneciam notas sobre atividades desportivas que ocorriam no seio da alta sociedade.

Quando, no século XIX, se começaram a publicar notícias sobre desporto e a ter êxito, a rádio tentou aproveitar os acontecimentos desportivos para transmitir/relatar os jogos e valendo-se de ser o meio mais rápido de fazer chegar às pessoas a informação, no entanto, esse objetivo foi difícil de concretizar uma vez que os clubes de futebol não permitiram o acesso das rádios aos locais por recearem que a proximidade e rapidez de transmissão levasse a um decréscimo de espetadores no recinto.

Com a evolução do desporto, foram surgindo várias modalidades e especialidades, obrigando a que um jornalista desportivo se especialize numa determinada modalidade. No entanto, torna-se impossível que um jornalista conheça todas as modalidades profundamente e as respetivas regras, e que um jornal consiga publicar notícias sobre todas as modalidades e competições. “La especialización en deporte no se reduce a que el informador sea experto en un deporte, tenga amplios conocimientos de otros dos o três más, u no naufragu cuando debe informar de otros. La especialización sale de los cauces meramente desportivos cuando la práctica discurre por terrenos ajenos a la matéria deportiva. Un especialista en el deporte no será engañado com trucos propagandísticos ni publicitários, ni atenderá contra la información de que disponga tocado por los interesados en que lo descubierto pré l no salga a la luz” (ALCOBA, 2005:70).

Os bons jornalistas desportivos são reconhecidos não só por escreverem e falarem com conhecimento de causa sobre a modalidade que acompanha, mas também, por tentarem sempre ir mais além da atualidade da notícia.

Um pouco de história da imprensa desportiva em Portugal

A imprensa desportiva em Portugal surge nos anos setenta do século XIX e assentava numa imprensa especializada, dedicada a modalidades tradicionais e educativas, abrangendo modalidades elitistas, como o ciclismo e o automobilismo. Havia a “necessidade de criar sustentáculos informativos e mais sólidos e abrangentes, percursores de uma ideia de desporto que conciliasse, num mesmo espaço de diálogo, os diferentes imaginários discursivos” (PINHEIRO, 2010:432). Havia periódicos cujo nome fazia ligação ao desporto, mas tratava-se de periódicos de caráter político. Fora de Portugal, mais concretamente em Londres, foi em 1852 que surgiu o primeiro diário desportivo (o *Sportman*). Também em França, no ano de 1854 surgiu o periódico desportivo generalista *Le Sport*.

Segundo Pinheiro, o aparecimento da imprensa desportiva em Portugal divide-se em três fases, que coincidem com momentos de instabilidade política no país, como a queda da monarquia, a primeira república ou o início da ditadura, sendo divididas da seguinte forma:

- a) Entre 1893 e 1910: do nascimento ao crescimento;

- b) Entre 1919 e 1926: a instabilidade e mudança;
- c) Entre 1926 e 1945: a consolidação e popularização.

Nascimento e crescimento do jornalismo desportivo em Portugal

Conforme referi, em Portugal, o surgimento dum jornal desportivo ocorreu mais tarde do que na restante Europa. Apenas em 1893 é publicado o primeiro jornal desportivo, de nome *O Velocipedista*, cuja sede era no Porto. As publicações concentravam-se em Lisboa e no Porto, no entanto, a imprensa desportiva só alcançou uma dimensão nacional quando a imprensa regional se começou a desenvolver a partir de 1910. Nesta época, o jornalista desportivo tinha um duplo papel: o de repórter e o de doutrinário.

Esta primeira publicação era dedicada apenas a uma modalidade cuja prática estava associada a um clube, no entanto, em meados de outubro de 1894, a direção desta publicação quinzenal decidiu alargar a sua cobertura noticiosa a mais modalidades e abranger temas literários e artísticos. Este periódico publicou pela última vez em dezembro de 1895.

Em simultâneo com o *Velocipedista*, surgiu *O Tiro Civil*, criado pela Associação dos Atiradores Cívicos Portugueses. À semelhança do que ocorreu com a primeira publicação, *O Tiro Civil* alargou os seus conteúdos noticiosos, tendo como objetivo o aumento das suas vendas, também passou de semanal a quinzenal. Em 1903, ocorreu a fusão com a *Revista de Sport* devido “à aproximação de princípios e semelhança de programas, assim como a ambição de produzir uma publicação desportiva que se equiparasse ao melhor que se fazia na Europa” (PINHEIRO, 2005:175). A publicação que surgiu desta fusão denominava-se *Tiro e Sport*, em que a maioria dos artigos eram traduções da imprensa francesa, sendo esta uma prática comum nas publicações portuguesas. Foi uma referência na imprensa desportiva portuguesa, não só pela qualidade de impressão, como também pela qualidade informativa e organizativa.

No início do século XX, surgiram duas publicações de relevo: *O Sport* e *Os Sports*. A primeira publicação referida, inicialmente tinha como objetivo notícias sobre ciclismo, denominando-se de *O Ciclista*, mas com o alargamento dos seus conteúdos ao automobilismo, houve a alteração de nome. Já a publicação *Os Sports*, é considerado um dos mais importantes no jornalismo desportivo português. Estas duas publicações não tiveram um percurso muito estável.

“O binómio caça e pesca, a vela e, sobretudo o automobilismo foram os principais eixos temáticos em que assentou este trajecto, criador de publicações em formato revista, ilustradas e fundadas por um grupo de entusiastas da modalidade, mantendo em permanência uma postura doutrinária, (...) com um duplo objectivo: cativar mais praticantes e leitores” (PINHEIRO, 2010:434).

1910-1926: Instabilidade e Mudança

Este período está marcado pelo início da República em Portugal e, também, pela I Grande Guerra Mundial, que

devido à crise económica que se instalou, não permitiu que muitos jornais sobrevivessem.

Durante o século XX, o discurso da imprensa desportiva visava a criação de um novo Homem português em que assumia o desporto como um dos motores de transformação; havia ainda o sentimento de pequenez relativamente a Portugal, existindo uma identificação com os dilemas existenciais dos povos e nações geográfica e demograficamente pequenas. O ideal da prática desportiva era considerada a fórmula para a superioridade das nações europeias.

“A relação dos indivíduos com o desporto, em especial o futebol, passou gradualmente a ser, nas últimas décadas, profundamente mediatizada, ou seja, vivida através dos *media*, como fica patente no sucesso editorial dos jornais desportivos, nas emissões desportivas de rádio e nas transmissões televisivas dedicadas ao desporto (...) — os *media* moldaram, em grande medida, o caminho que o desporto tomou na sociedade portuguesa” (PINHEIRO, 2010:436).

O futebol só se tornou num tema dominante na imprensa em meados de 1910, ficando o jornalismo marcado pela abertura e o encerramento da época futebolística. Nesta altura, os clubes que hoje são considerados “grandes”, eram os mesmos (Sport Lisboa e Benfica, Sporting Clube de Portugal e Futebol Clube do Porto) e a seleção Nacional tinha um papel unificador.

Em agosto de 1913, surge nas bancas *Sport Lisboa e Benfica* que era propriedade do clube com o mesmo nome, não sendo este o nome que surgia no cabeçalho (*O Sport Lisboa*). Esta publicação tinha um cariz informativo alargado, mesmo sendo associado a um clube de futebol. Durante a I Grande Guerra, esta era a única publicação que existia no panorama da imprensa desportiva devido à experiência e prestígio do seu director.

Neste período, surge ainda outro jornal, propriedade do jornal *A Capital* que teve alguns períodos em que não publicou durante alguns meses de 1924 devido a alterações no seu aspeto gráfico. Esta nova publicação chamava-se *Os Sports* e tinha como subtítulo “Bi-semanário de Propaganda de Educação Física”, saía duas vezes por semana, sendo que, ao domingo, tinha um noticiário internacional alargado. *Os Sports* teve, durante a sua existência, períodos de dificuldades económicas, sendo obrigado a reduzir a quantidade de páginas publicadas de quatro para duas, ao recuperar, no primeiro semestre de 1921, aumenta para quatro as páginas publicadas e passa a um jornal trissemanário, exceptuando o período de Verão, em que apenas sai para as bancas duas vezes por semana.

Em 1924, quando o jornal *Os Sports* voltou às bancas, tinha uma “Crónica da Semana” que era dedicada às atualidades futebolísticas e assinada por Ribeiro dos Reis²³. A redação do jornal é assumida por outro grande nome do jornalismo desportivo, Cândido de Oliveira²⁴, no final de novembro de 1925.

²³ Ribeiro dos Reis, apesar de ter seguido a carreira militar e ser casapiano, teve muito impacto no mundo desportivo, foi futebolista, treinador e dirigente do Benfica; dirigente federativo; seleccionador nacional de futebol; jornalista desportivo; fundador e director do jornal *A Bola*.

²⁴ Um dos nomes mais emblemáticos do desporto nacional e do jornalismo desportivo. À semelhança de Ribeiro dos Reis, Cândido de Oliveira também era casapiano, foi empregado dos CTT, futebolista, treinador, dirigente, seleccionador nacional de futebol, jornalista, director de alguns jornais desportivos e fundador do jornal *A Bola*. O nome de Cândido de Oliveira também está associado a uma Supertaça de futebol, disputada entre o

Em simultâneo com o jornal *Os Sports*, surge, no Porto o *Sporting*, que tem como particularidade ser publicado em papel rosa. No início, esta publicação tinha um cariz regionalista mas acabou por se afirmar a nível nacional pela qualidade informativa das suas crónicas e pela cobertura noticiosa dos jogos da seleção nacional de futebol. Também esta publicação viu a sua atividade suspensa entre maio e novembro de 1924, pois a empresa proprietária pretendia apostar numa nova publicação, no entanto, ao retomar a publicação, a cor do seu papel manteve-se e a sua periodicidade semanal também.

A consolidação e popularização

Foram poucos os jornais que conseguiram sobreviver durante a Ditadura Militar e o Estado Novo. Segundo os Censos de 1930, Portugal tinha 19 títulos associados à imprensa desportiva, confirmando que a mesma conseguiu afirmar-se entre 1893 e 1930.

O jornal *Os Sports* manteve-se como um dos principais jornais desportivos neste período, mesmo atravessando remodelações gráficas e na sua direção. Houve a aposta em notícias desportivas internacionais e a inclusão de cor no cabeçalho e títulos da primeira página, na comemoração do seu 25º aniversário. A última edição deste jornal foi a 4 de abril de 1945, na sua edição nº 3101.

Alguns meses antes da última edição do jornal *Os Sports*, surgiu uma outra publicação que continua nas bancas atualmente e se denomina por *A Bola*. Inicialmente saía para as bancas com uma periodicidade bissemanal e ao fim de um ano de publicação, a sua edição foi suspensa durante um mês pela Comissão de Censura²⁵, que não terá gostado da forma de como a seleção inglesa de futebol foi tratada jornalisticamente.

Na década de trinta, a ligação entre a política e o desporto tornou-se mais próxima com a criação de organizações políticas que tinham índole desportiva e que promoviam, por exemplo, concursos de ginástica e o desporto operário. Foi em 1942 que surgiu a Direção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar que tinha como objetivo o desenvolvimento de políticas desportivas, o que acabou por gerar a “simpatia” da imprensa desportiva para com os políticos portugueses.

A II Guerra Mundial também influenciou, por exemplo, o aspecto gráfico do jornal *Sporting*, que era conhecido por ser impresso em folhas rosa, mas devido aos custos dos materiais e do papel, a cor rosa foi substituída pelo branco, que teria custos inferiores. Também este jornal estava influenciado pelo momento político que se vivia, tendo a seguinte nota no seu cabeçalho: “Este jornal foi visado pela Comissão de Censura”, no entanto, na edição de 28 de abril de 1931, o seu diretor, Oliveira Valença, afirma que a Censura não afetava o seu jornal “porque como jornal da especialidade desportiva, a censura

campeão do campeonato nacional de futebol e o vencedor da Taça de Portugal, sendo o jogo inaugural na época de futebol.

²⁵ Nos jornais desportivos, havia três tipos de infrações pelos quais eram aplicados “processos disciplinares”, sendo eles a publicação de conteúdos considerados problemáticos pela Censura; a publicação de artigos que não foram submetidos à apreciação pelos Serviços de Censura; e o incumprimento, total ou parcial, dos “cortes” efectuados pela Censura.

raramente mexe nas suas colunas”.

Em 1932 surge a revista *Stadium*, que apostava na sua qualidade gráfica, tanto no design como na qualidade de papel e de impressão. Durante o período da guerra, à semelhança de outros jornais, teve de reduzir custos optando por um papel de qualidade inferior, mas assim que esse período conturbado terminou, retomou os seus melhoramentos gráficos apostando na qualidade das fotografias e de impressão.

Quase em simultâneo com o *Stadium*, também surge *O Norte Desportivo*, um jornal que contava com nomes de grande qualidade e prestígio, como Tavares da Silva²⁶. No início da década de quarenta, os relatos de futebol estavam a cargo da Emissora Nacional de Radiodifusão, um dos locutores desportivos mais conhecidos era Ayala Botto, que era alvo de duras críticas por falta de conhecimento dos nomes dos jogadores mas que foi ganhando prestígio no meio futebolístico português através de relações de proximidade com jogadores e dirigentes. Domingos Lança Moreira, locutor desportivo e diretor da revista *Stadium*, afirmava que “os locutores desportivos eram «os mais trabalhadores mais sacrificados dos parques atléticos», uma vez que tinham de estar noventa minutos a falar, muitas vezes sem as mínimas condições de visibilidade e climatéricas. E dava o exemplo: «No Inverno, suportam chuva, vento, frio e humidade. Chegam ao fim prélios ou encharcados até aos ossos, ou enregelados, a pontos de se lhes tolherem os movimentos. No Verão, a poeira que se levanta dos terrenos “pelado”, aliada ao sol tórrido, “seca-os” e asfixia-os, de maneira insuportável»” (PINHEIRO, 2010:315). Em 1948, A Emissora Nacional perdeu a exclusividade dos relatos futebolísticos.

Em novembro de 1949 surgiu o Jornal *Record*, um jornal desportivo, que ainda se encontra em atividade nos dias de hoje e que foi, juntamente com *A Bola*, *Mundo Desportivo*, *O Norte Desportivo*, *A Voz Desportiva* e *Angola Desportiva*, uma das publicações predominantes na década de cinquenta. No mesmo período, o desporto automóvel e motorizado começa a “ganhar terreno” surgindo algumas publicações especializadas nesta modalidade.

... até à atualidade

Com a chegada da televisão, o desporto e a informação desportiva começou a ser pensado e visto de forma diferente pelo público, isto porque permitiu a “visualização dos acontecimentos e dos ídolos desportivos através de imagens em movimento, inicialmente a preto e branco, com som, captadas num aparelho (televisor) que se podia ter em casa ou nos cafés, podendo ser essa visualização em directo (no momento preciso em que estava a acontecer) ou em diferido (passado algumas horas ou nos dias seguintes)” (PINHEIRO, 2010:317).

A televisão era gerida pelo Estado, mas desde início houve aposta no desporto com a rubrica “Revista Desportiva” no programa inaugural, com uma entrevista ao ciclista Alves Barbosa, vencedor da Volta a Portugal em Bicicleta. No entanto,

²⁶ Tavares da Silva foi jogador de futebol, árbitro, treinador e selecionador nacional de futebol. Para além da vida desportiva tinha carreira na advocacia e era um jornalista de sucesso. Ficou conhecido pelo seu percurso no “futebolês” e pelas análises futebolísticas

este novo meio de comunicação não reuniu o consenso de todos, segundo Vitorino Nemésio, na sua Crónica no *Jornal dos Sports*, “Passividade inventiva — pensamento parado, imaginação inerte, comodismo receptivos, em suma — eis, teoricamente, os males dos grandes meios técnicos de que dispõe o nosso tempo: os contras da rádio, da televisão, da máquina de pensar, etc. (...) Depois da audição, a visão. Não tardamos também a estar acorados em casa, na penumbra, vendo macaquinhos vivos que gesticulam e conversa. A vida organiza-se para o serão dos mudos, em família e em pantufas” (PINHEIRO. 2010:317).

Tal como sucedeu com a rádio nos anos 30, a Imprensa periódica desportiva considerava a Televisão como um rival, mas com o tempo, começou a ser visto como um aliado, formando assim uma trilogia informativa: “a Radio anuncia, a TV mostra e a Imprensa explica”.

O ano de 1966 constituiu um momento alto para a imprensa desportiva nacional, uma vez que a Seleção Nacional de Futebol participou no Campeonato do Mundo de Futebol, em Inglaterra, assim sendo, os jornais enviaram os seus principais redatores e fotógrafos para Inglaterra para fazerem a cobertura do Campeonato, houve também protocolos de colaboração com revistas francesas por parte do periódico *Mundo Desportivo*. Apesar da loucura que esta prova desportiva gerou, não surgiram muitos periódicos desportivos, tal como aconteceu em vários momentos da história do jornalismo desportivo nacional.

Também na década de sessenta ocorrem alterações na atividade jornalística desportiva, uma vez que era considerado



Fotografia de Eusébio e equipa técnica da Seleção Nacional de Futebol durante o Campeonato do Mundo de Futebol, captada por Nuno Ferrari, fotógrafo do jornal *A Bola*.

um género menor de informação, uma forma de tornar digna esta vertente jornalística seria reconhecer os redatores desportivos como jornalistas permitindo que tivessem acesso à Carteira Profissional de Jornalistas, tal como acontecia com os restantes profissionais. O Secretariado Nacional da Informação também não reconhecia o jornalismo desportivo, convocando unicamente a imprensa generalista para conferências de imprensa sobre eventos desportivos, sendo um desses episódios relatados na capa do jornal *Mundo Desportivo* a 15 de abril de 1960.

Outra situação de que os jornalistas e fotógrafos desportivos se queixavam era do acesso restrito às zonas interiores do Aeroporto da Portela, em Lisboa, e às suas pistas em alturas especiais, como a chegada duma equipa de futebol duma participação desportiva importante fora do país; este acesso apenas era permitido a jornalistas encarteirados. Esta situação também ocorria sempre que era necessária acreditação para grandes eventos desportivos internacionais. Foi em Maio de 1966, antes do Campeonato do Mundo de Futebol e já antevendo problemas com acreditações de jornalistas desportivos portugueses, que ocorreu uma reunião com jornalistas desportivos onde se criou o Clube Nacional da Imprensa Desportiva, que foi

reconhecido pela Direção Geral de Desportos.

Em fevereiro de 1985, surge no Porto o jornal *O Jogo*, já apresentado um domínio do futebol nas páginas da sua primeira edição, no seu Editorial lia-se que era “uma aposta diária na qualidade da informação desportiva” e procurava “ao longo das suas páginas, não só relatar os factos como comentá-los e criticá-los. Tentaremos ser rigorosos e severos nas análises e, se nunca nos faltar o engenho e a arte, jamais entraremos nos terrenos movediços da fácil especulação, na intriga, no contribuir, ainda que indirectamente, para tornar mais nebuloso o panorama desportivo português. (...) Um jornal moderno, calmo e sereno. Que estará em todas e com todos. Em todas as modalidades. Com todos os clubes, associações e federações. Sem qualquer espécie de discriminação. A todas e todos dedicaremos a maior atenção e o nosso melhor caminho, sem qualquer espécie de favoritismo” (PINHEIRO, 2010:394). A imprensa desportiva especializada encontrava-se concentrada em Lisboa.

Nos anos que se seguiram ao nascimento do jornal *O Jogo*, surgiram várias publicações regionais e algumas especializadas em Triatlo, Atletismo, Desportos Equestres, Desportos Motorizados, entre outros. A maior novidade nos periódicos especializados foram duas revistas sobre Surf, em 1987. Com o aumento de praticantes de modalidades consideradas marginais, a publicação de boletins informativos era uma forma de divulgar as associações.

Nos anos noventa, com a televisão privada a dar os primeiros passos, o desporto foi um conteúdo utilizado para aumentar as audiências, sendo os programas desportivos os que registavam maior audiência, não só nos canais públicos como nos privados. Nesta época, existiam três jornais diários inteiramente desportivos: *A Bola*, *Record* e *O Jogo*; que tiveram de se adaptar ao facto de não existirem jogos de futebol diariamente, situação ultrapassada com o início dos jogos das competições europeias a dias da semana.

Escrita e géneros jornalísticos mais utilizados

Escrever uma notícia desportiva ou um artigo sobre um acidente, em pouco difere, uma vez que as questões a responder serão exatamente as mesmas, no *lead*²⁷ deverá constar a resposta às perguntas: *O quê?, Quando?, Quem?, Onde?, Como? E Porquê?* “O *lead* ou abertura podem muitas vezes surgir destacados num outro corpo ou estilo de letra e não devem ser superiores a dez por cento do tamanho do texto” (SOBRAL e MAGALHÃES, 1999:31).

Na escrita jornalística não se deve utilizar palavras longas e pouco comuns, deve ser utilizada uma linguagem compreensível a todos os leitores, uma vez que se procura “reduzir a distância entre o emissor da informação [*jornalista*] e o destinatário [*leitor/ouvinte*]” (PONTHIEU *apud* SOBRAL e MAGALHÃES, 1999:32). Muitos dos termos utilizados em notícias desportivas são comuns em todo o mundo, uma vez que as regras de cada modalidade são universais, “quando se habla de la

²⁷ O *lead* é a introdução da notícia e corresponde, por norma, ao primeiro parágrafo e condensa a informação mais relevante do acontecimento respondendo às perguntas essenciais: Quem?, Quando?, Onde?, Como?, O quê? e Porquê?.

importância del deporte y de su expansión en todo el mundo, no puede olvidarse que el lazo deportivo fusiona a miles de millones de seres en el mundo debido al conocimiento del lenguaje extraído de sus reglamentos, por su multiplicidade terminológica, y que hace imprescindible un diccionario para recopilar los términos empleados” (ALCOBA, 2005:119).

Na linguagem desportiva, por vezes, utilizam-se termos bélicos para dar a entender, por exemplo, a força com que o jogador chutou a bola. “El periodista está escribiendo sobre un enfrentamiento, una lucha en la que los jugadores de ambos equipos buscan la victoria, y por ello emplea un vocabulário que imprime vigor a las acciones de jugadores y equipos. (...) Un lector profano encontraría que *cañonazo, obús, adversaria y rival* son calificativos que nada tienen que ver con el deporte, pero es que no se habla de una acción vulgar, sino de la jugada máxima del juego o deporte del fútbol: la obtención de un gol. Y si se conocen las condiciones del jugador, se comprenderá que su lanzamiento del balón a la portería contraria no fue sueva, sino violento” (ALCOBA, 2005:132).

Os géneros mais utilizados em notícias desportivas são: crónicas de jogos, apreciação individual, “cabins” e “folclore”. Anteriormente, o jornalista tinha o hábito de escrever longas peças com a análise de jogo, a apreciação do treinador, dos jogadores e árbitros, no entanto, com o acompanhamento da tendência do jornalismo moderno, o longo texto foi-se encurtando e dividindo em diversas peças para o mesmo acontecimento/jogo.

A crónica de jogo consiste na apresentação dos factos do jogo, são apresentadas as fichas de jogo com indicação de quem marcou golo e os cartões que “foram mostrados”. O estilo de escrita é livre e podem ser incluídos os aspetos táticos do jogo, as opções dos treinadores e o ambiente na bancada. “Para el periodista deportivo, las referencias de sus comentarios a los gestos realizados por un árbitro, técnico o deportista suponen un apoyo a la exposición de lo sucedido en una competición” (ALCOBA:2005:141).

A apreciação individual é a avaliação dos atletas, normalmente é utilizada quando se fala de futebol, basquetebol ou hóquei; esta avaliação é feita através de uma nota que ajudará a escolher o melhor jogador do jogo ou da época.

As declarações de jogadores, treinadores e médicos, que possam ser feitas no final de um jogo ou treino designam-se por “cabins”. O jornalista tentará sempre obter exclusivos de forma a poder marcar a diferença.

Os acontecimentos que ocorrem devido a um jogo mas que dele não fazem parte são considerados “folclores” ou ambiente, é neste espaço que surgem as estatísticas e/ou o que ocorre nas bancadas dos adeptos ou zona VIP.

Normalmente, os jornais enviam mais do que um jornalista para fazer a cobertura dum jogo de futebol para que cada um deles possa estar atento a determinado pormenor contribuindo para que não haja falhas.

Existem ainda outros géneros jornalísticos que também são utilizados, como a reportagem, as breves e as entrevistas.

Uma breve caracteriza-se por ser curta e responder, apenas, a quatro questões básicas: *quem, quê, quando e onde*. Por norma não têm título e serve para relatar factos pouco relevantes. Já a notícia/artigo responde às mesmas questões que uma breve, mas acrescenta informação sobre o *como* e o *porquê*, é utilizada uma notícia quando o objetivo é informar com

rigor e eficácia um determinado acontecimento ou facto, deve ser utilizado o modelo de pirâmide invertida²⁸. O espaço que é dedicado à notícia/artigo dependerá da importância do acontecimento que é relatado.

A reportagem distingue-se duma notícia, não só pelo “espaço” que ocupa, como também pela liberdade narrativa. Para elaborar uma reportagem é necessária uma deslocação ao local. Numa reportagem, o objetivo é transmitir ao leitor, não só o que ocorre dentro das quatro linhas mas também o que é sentido fora de campo. “Sempre que possível a reportagem deve ser preparada na redacção, através da consulta de material arquivado ou estabelecendo contactos exploratórios. Esse trabalho permite um conhecimento prévio do terreno e a detecção de potenciais fontes de informação” (SOBRAL e MAGALHÃES, 1999:38).

As entrevistas são utilizadas, não só para a elaboração de notícias e reportagens, como também como género jornalístico. A transcrição de uma entrevista pode ser feita em discurso direto ou indireto, e não deverão ser feitas questões vagas ou muito abertas, que possam levar o entrevistado a “fugir” à questão. Na apresentação de uma entrevista, deve-se apresentar o entrevistado e indicar o motivo desta escolha.

Os perfis servem para retratar a personalidade de alguém, na temática em estudo, de um atleta de renome, por exemplo. “O estilo de escrita aproxima-se da literatura, faz apelo à vivacidade e alterna períodos longos com frases curtas e incisivas” (SOBRAL e MAGALHÃES, 1999:43).

²⁸ Método de escrita jornalística que consiste em colocar os elementos do acontecimento em forma decrescente de importância, sendo que, no primeiro parágrafo — o *lead* — constará a informação mais importante.

METODOLOGIA

Segundo Fortin (2009), a metodologia, também designada por desenho de investigação, é um plano lógico, elaborado pelo investigador de modo a obter respostas, quer às questões de investigação, quer às hipóteses formuladas. Este plano funciona como um ponto de referência para o investigador, o qual permitirá obter os resultados da investigação. Burns e Grove (2001), mencionam que é nesta fase que o investigador aborda o tipo de estudo, a população, o processo de amostragem, e o instrumento de medida, elaborando um plano para obter e analisar os dados.

Questão de pesquisa

Toda a investigação tem como ponto de partida uma situação que é considerada um problema, isto é, que causa mal-estar ou uma inquietação, havendo a necessidade de uma melhor compreensão do fenómeno observado.

Assim sendo, através deste estudo tentou-se responder em que medida o futebol se afirma como modalidade que mais notícias e fotografias publica na imprensa generalista.

Tipo de estudo

O tipo de estudo, para Fortin (2009:133), “descreve a estrutura utilizada segundo a questão de investigação, visa descrever variáveis ou grupos de sujeitos, explorar ou examinar relações entre variáveis ou ainda verificar hipóteses de causalidade”.

O estudo aqui apresentado é um estudo de cariz descritivo-exploratório simples uma vez que visa compreender qual a modalidade desportiva que mais “espaço” ocupa nos jornais generalistas portugueses.

Crítérios de seleção

Para facilitar a seleção, foi necessário estabelecer critérios de inclusão e de exclusão (Quadro I).

Crítérios de Seleção	Crítérios de Inclusão	Crítérios de Exclusão
Dados	Publicações do <i>Correio da Manhã</i> , <i>Jornal de Notícias</i> , <i>Público</i> e <i>Expresso</i> , na segunda semana dos meses de outubro, novembro e dezembro de 2011.	Outras publicações. Publicações noutras datas.
Tipo de notícias	Notícias desportivas.	Notícias sobre futebol. Suplementos de desporto.
Cariz das notícias	Notícias informativas.	Notícias com cariz publicitário.

Quadro I – Crítérios de inclusão e exclusão

Colheita de dados e análise

A realização da pesquisa foi efetuada na segunda semana dos meses de outubro, novembro e dezembro de 2011, nomeadamente entre os dias 7 e 18, dependendo do mês. Para isso, adquiri, diariamente, um exemplar do *Correio da Manhã*, *Jornal de Notícias* e *Pública*, bem como o jornal *Expresso*, ao fim-de-semana.

Relativamente ao período escolhido, deve-se ao facto de tentar escolher alturas em que o futebol não teria tanto relevo, por exemplo, normalmente no final de Dezembro, é permitido aos clubes portugueses adquirirem ou venderem jogadores, havendo mais notícias, não só sobre os interesses dos clubes nacionais, como também sobre os interesses de clubes internacionais e os milhões de euros que serão transaccionados, tentei com que a semana escolhida não coincidissem com esse período.

A escolha destes jornais teve em conta diversos fatores como a tiragem e a circulação²⁹ dos mesmos, o *Correio da Manhã* foi escolhido por ser o jornal diário de maior tiragem a nível nacional e com a maior circulação, o *Público* e o *Jornal de Notícias* foram escolhidos por terem mais relevo na zona sul e norte, respectivamente e por terem dados de tiragem e circulação relevantes. Foram escolhidos jornais generalistas por poderem ser mais abrangentes a nível de escolha de outras modalidades que não o futebol e se poder analisar o relevo que o Desporto tem num jornal generalista. A escolha do semanário *Expresso* acontece por haver a necessidade de poder comparar a importância das notícias desportivas entre jornais diários e semanários, e como o *Expresso* é o jornal semanário de maior relevo, a escolha recaiu sobre o mesmo.

Existem jornais nacionais gratuitos que têm mais tiragem e circulação que os jornais escolhidos, no entanto foram excluídos pois não chegam a toda a população pois a sua distribuição é feita em determinadas áreas geográficas, maioritariamente em centros urbanos, não estando assim, acessíveis a toda a população, como é o caso da Dica da Semana (jornal semanal) e do Metro Portugal (jornal diário).

Assim sendo, obtive 21 *Correios da Manhã*, 21 *Jornais de Notícias*, 21 *Públicos* e 3 *Expresso*, num total de 3316 páginas a serem analisadas. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, obtive 406,5 páginas a serem alvo de análise pormenorizada.

De fora desta análise ficaram os suplementos de desporto, uma vez que nem todos os jornais os publicam e, por vezes, apenas inserem sobre uma modalidade e com objetivos publicitários. Assim sendo, excluiu-se um suplemento sobre Golfe, publicado no mês de novembro, no jornal *Expresso*, que apresentava caráter publicitário.

Após a reunião de todos os exemplares, os mesmos foram separados por título e semana, tendo sido verificado qual o “espaço” noticioso dedicado à categoria de Desporto, e qual a importância dada ao futebol comparativamente às outras

²⁹ A tiragem corresponde ao número de exemplares que são impressos, sendo que a circulação é referente aos exemplares que chegam ao público. Assim “a tiragem inclui os que são vendidos (em bancas ou por assinatura), os que são oferecidos e as sobras (os que restam).” (CASCAIS, 190)

modalidades. Para facilitar o estudo, cada jornal foi dividido por categorias, para facilitar a percepção do “espaço” dedicado ao Desporto e em que mês e dia houve mais publicação de notícias desportivas.

Na análise da quantidade de “espaço” dedicado ao futebol e às restantes modalidades desportivas, foi contabilizado o número de notícias, breves e fotografias publicadas. No que diz respeito às outras modalidades, foram distinguidas quais as modalidades noticiadas e quantas notícias, também houve a tentativa de identificar se houve algum dia em que o volume de notícias sobre outras modalidades superou as notícias sobre futebol.

Para facilitar a análise, partiu-se do geral para o particular, isto é, analisou-se o jornal por categorias para saber qual o “espaço” dedicado à categoria de desporto, e dentro do desporto dividiu-se entre futebol e outras modalidades, contabilizando-se a quantidade de notícias e fotografias publicadas para o futebol e para as outras modalidades.

Para simplificar a análise, foram efetuadas tabelas em que se fez a divisão por categorias de cada um dos jornais, tentando chegar a um consenso de denominações entre jornais. Esta análise foi diária e semanal. Para se poder comprovar a quantidade de notícias e imagens publicadas sobre futebol relativamente a outras modalidades, recorreu-se novamente a tabelas (que se encontram em anexo) e a comparação foi feita com base na análise diária e semanal.

ANÁLISE

A análise de dados decorreu na segunda semana dos meses de outubro, novembro e dezembro de 2011. Este período foi escolhido de forma aleatória e sem ter em conta o calendário desportivo das várias modalidades desportivas, tanto a nível nacional como internacional.

No total, foram analisados 21 exemplares do *Correio da Manhã*, 21 exemplares do *Jornal de Notícias*, 21 exemplares do *Público* e 3 exemplares do *Expresso*, para a análise, apenas tive em consideração o jornal em si, ignorando qualquer suplemento que pudesse acompanhar.

A análise foi efectuada em três partes:

1. Foi feita a análise e contabilização do espaço dedicado ao desporto em cada um dos jornais, comparando com as demais seções;
2. Na secção de desporto, contabilizaram-se as notícias sobre futebol e sobre outras modalidades, efectuando um levantamento de quais as modalidades abordadas por cada meio de comunicação analisado;
3. Foi feita a verificação da quantidade de fotografias publicadas, fazendo a comparação entre futebol e outras modalidades e analisando quais as maiores diferenças na abordagem ao futebol e às outras modalidades.

Análise de dados

Correio da Manhã

No mês de outubro (Anexo IX — Tabela 11) foram analisados sete exemplares do *Correio da Manhã*. Pode-se verificar que este jornal é consistente no número de páginas em cada edição, uma vez que foram, quase sempre, publicadas 52 páginas, com excepção da edição de domingo que tem 56. O jornal divide-se por várias categorias, sendo que a Saúde é aquela que menos espaço noticioso ocupa (0,54%), já as notícias referentes à Atualidade são as que mais destaque têm no corpo do jornal, ocupando 12,50% das páginas. Relativamente ao Desporto, dedicaram 8,97% do seu espaço noticioso a esta categoria.

Foi a 16 de outubro (domingo) que o *Correio da Manhã* publicou mais notícias sobre Desporto (Anexo I — Tabela 3). Nesta categoria, o Futebol teve mais destaque que as restantes modalidades, ocupando 87,32% do espaço noticioso. Na semana de outubro, não houve nenhum dia em as notícias sobre outras modalidades fossem em número superior às notícias sobre futebol, no entanto, segunda-feira (10 de outubro) e quinta-feira (13 de outubro) registaram 20% de espaço noticioso; a 11 de outubro (terça-feira), as notícias sobre outras modalidades ocuparam apenas 5% de espaço noticioso.

No mês de novembro (Anexo X — Tabela 12), a quantidade de jornais analisados manteve-se e a consistência nos

números de páginas por edição também, no entanto, pode-se observar um aumento da quantidade de notícias sobre desporto, sendo que 9,51% do espaço noticioso do jornal foi ocupado por esta categoria. Neste mês as categorias com mais ou menos espaço mantiveram-se, isto é, Atualidade continuou a ser a categoria com mais espaço noticioso (14,16%) e Saúde aquela que menos notícias teve (0,54%). Segunda feira, 7 de novembro, foi o dia em que houve mais notícias desportivas.

Durante a segunda semana de novembro (Anexo II – Tabela 4), verificou-se que na categoria de desporto, 12,74% do espaço noticioso foi dedicado a outras modalidades e que 87,26% foi dedicado ao futebol. Não houve nenhum dia em que se tivessem publicado mais notícias sobre outras modalidades do que sobre futebol, sendo que a 9 de novembro (quarta feira) foi o dia em que as notícias sobre outras modalidades ocuparam 25% do espaço noticioso e a 08 de novembro (terça feira) foi o dia em que menos notícias houve (apenas 4,17% do espaço noticioso desportivo).

Relativamente ao mês de dezembro (Anexo XI – Tabela 13), em que foram analisados sete exemplares, a categoria de desporto ocupou 10,60% de espaço noticioso, sendo a categoria de Atualidade substituída pela Nacional naquela que mais espaço noticioso teve (11,96%), a categoria de Saúde manteve exatamente o mesmo espaço noticioso e continuou a ser aquela que menos notícias teve.

Na categoria de desporto (Anexo IV – Tabela 6), na semana analisada no mês de dezembro, verificou-se que as notícias sobre outras modalidades tiveram 4,5% do espaço noticioso contra 95,5% de notícias sobre futebol. Nesta semana (Anexo III – Tabela 5) pode verificar-se que houve dias em que só se publicaram notícias sobre futebol, como a 14 e 15 de dezembro (terça e quarta feira), sem contar com os dias em que não houve notícias sobre outras modalidades. No domingo 18 de dezembro registou-se a quantidade mínima de notícias, com 2,08% de espaço noticioso, sendo que na véspera, foi o dia em que o *Correio da Manhã* publicou mais notícias sobre outras modalidades nesta semana (16,66%).

Jornal de Notícias

Durante o período escolhido, foram analisados 21 exemplares do *Jornal de Notícias* sendo que sete eram referentes à segunda semana de outubro, sete ao mesmo período do mês de novembro e a os restantes sete a dezembro. Neste jornal não há qualquer padrão no número de páginas por edição, sendo que em outubro na maioria dos dias a edição teve 56 páginas (houve um dia com 60 páginas e outro com 64), em novembro houve um dia em que a edição teve 48 páginas (o mínimo registado), alguns dias com 56 páginas, um com 60 e outros dois com 64 páginas; no mês de dezembro a maioria das edições tinha 64 páginas, havendo uma com 60 e duas com 56.

No mês de outubro (Anexo XII – Tabela 14), a categoria de desporto foi aquela que mais espaço noticioso ocupou no *Jornal de Notícias*, com 15,84%, seguido das categorias Norte/Sul e Outros, com 10,15%, a categoria com menos espaço noticioso foi Educação, com 0,25%. Segunda feira, 10 de outubro, foi o dia em que se publicaram mais notícias desportivas.

Relativamente às notícias desportivas (Anexo I – Tabela 3), verificou-se que o futebol ocupou 84,84% do espaço

noticioso contra 15,16% sobre outras modalidades. Não houve nenhum dia em que se publicassem mais notícias sobre outras modalidades do que sobre futebol, o dia em que o espaço noticioso se dedicou às outras modalidades foi sexta feira (16 de outubro), com 3,75%, o dia com mais notícias foi domingo com 36,36% de espaço noticioso.

Durante o mês de novembro (Anexo XIII — Tabela 15), a categoria de desporto voltou a ser aquela que mais espaço noticioso ocupou, com um total de 15,59%, seguido da categoria Outros, com 10,15%; já as categorias que menos espaço noticioso tiveram, foram Religião, Educação e Saúde, com 0,25%. Segunda feira, 7 de novembro, foi o dia em que publicaram mais notícias desportivas.

No que diz respeito à categoria de desporto (Anexo II — Tabela 4), durante a segunda semana de novembro as notícias sobre outras modalidades ocuparam 6,39% do espaço noticioso, contra 93,61% de notícias sobre futebol. A edição de 8 de novembro (terça feira), foi aquela em que menos notícias sobre outras modalidades se publicaram (1,25% do espaço noticioso desportivo), já domingo foi o dia em que houve mais notícias de outras modalidades (18,18%).

No mês de dezembro (Anexo XIV — Tabela 16), a maioria das edições do *Jornal de Notícias* tiveram 64 páginas, apenas houve uma edição com 60 e duas com 56 páginas. Conforme os meses anteriores, a categoria de desporto foi a que teve mais notícias publicadas, com 16,82% de espaço noticioso, a segunda categoria com mais notícias foi Porto³⁰, com 10,98%; a categoria que menos espaço noticioso ocupou foi religião, com 0,23%, as categorias de Educação e Saúde não tiveram qualquer notícia publicada. Segunda feira, 12 de dezembro, foi o dia com mais notícias sobre desporto.

Relativamente à categoria de desporto (anexo III — Tabela 5), dezembro foi o mês em que menos notícias sobre outras modalidades se publicou, com um total de 4,89% contra 95,11% de notícias sobre futebol. Houve, inclusive, dias em que não se publicou qualquer notícia sobre outras modalidades, tal como terça feira (13 de dezembro). Neste mês, as notícias sobre futebol ocuparam sempre mais de 90% do espaço noticioso, tendo sido o domingo, o dia em que menos notícias sobre futebol se publicaram (90% do espaço noticioso).

Público

À semelhança do *Correio da Manhã* e do *Jornal de Notícias*, foram analisados 21 exemplares do jornal *Público*, referentes à segunda semana dos meses de outubro, novembro e dezembro. As várias edições do jornal variam bastante no número de páginas. É um jornal que tem duas edições a Sul e a do Norte, a escolhida para análise foi a do Norte, por ser a que está disponível na área de residência e da faculdade.

No mês de outubro (Anexo XV — Tabela 17), a seção Destaques do jornal *Público* foi aquela que mais espaço noticioso ocupou, com 16,04%, a categoria de Iniciativa e Opinião foi a que menos notícias teve com apenas 0,37% do espaço noticioso. A categoria de Desporto teve 10,45% do espaço noticioso total do jornal. Existem categorias que neste mês

³⁰ A categoria Porto é referente a notícias sobre esta localidade/distrito.

não tiveram qualquer notícia publicada, como Perfil, Reportagem e Entrevista; no entanto, estas mesmas categorias nem sempre tiveram conteúdos publicados.

Relativamente à secção desportiva (Anexo I – Tabela 3), no período analisado em outubro, as outras modalidades ocuparam 33,39% do espaço noticioso desportivo contra 66,61% de notícias sobre futebol. Houve um dia, segunda feira, 10 de outubro, que se publicaram mais notícias sobre outras modalidades do que sobre futebol (62,50% de notícias sobre outras modalidades contra 37,50% sobre futebol); o dia com menos espaço noticioso dedicado às outras modalidades foi quinta feira, 13 de outubro, com 10%. Verificou-se que nesta semana, nunca houve menos de 10% de espaço noticioso dedicado a outras modalidades.

Já no mês de novembro (Anexo XVI – Tabela 18), a categoria com mais espaço noticioso foi Portugal, com 16,55% de espaço noticioso, sendo que as categorias com menos notícias foram Reportagem, Iniciativa e Entrevista, com 0,70% (a categoria de Opinião não teve qualquer espaço noticioso); a categoria de desporto ocupou 10,21% de espaço noticioso. Segunda feira, 7 de novembro, foi o dia em que houve mais notícias desportivas, com 18,75%.

Na categoria de desporto (Anexo II – Tabela 4), o espaço noticioso dividiu-se da seguinte forma: 22,01% para as outras modalidades e 77,99% para o futebol. Quinta feira, 10 de novembro, foi o dia em que futebol e outras modalidades partilharam, igualmente, o espaço noticioso sendo este o dia em que se publicaram mais notícias sobre outras modalidades; o dia com menos referência a outras modalidades foi segunda feira, 7 de novembro, com 2,00% de notícias.

Em dezembro (Anexo XVII – Tabela 19), o *Público* dedicou mais espaço noticioso à categoria Portugal, com 16,90%, e menos à categoria Iniciativa, com 0,70%. A categoria de Desporto ocupou 11,62% do espaço noticioso. Nesta semana, as categorias de Opinião, Perfil e Reportagem não tiveram qualquer artigo ou peça, obtendo 0,00% de espaço noticioso.

No Desporto (Anexo III – Tabela 5), o futebol obteve a maioria do espaço noticioso com 92,09% durante a semana e 7,90% para as outras modalidades. Nesta semana, houve dias em que não se publicou qualquer notícia sobre outras modalidades, como na sexta e no sábado (16 e 17 de dezembro, respetivamente); desconsiderando estes dias, quarta feira, 14 de dezembro, foi o dia em que menos espaço noticioso se dedicou outras modalidades, com 2,00%. O dia em mais espaço noticioso se dedicou a outras modalidades foi a 12 de dezembro, segunda feira, com 16,66%.

Expresso

Conforme já referi anteriormente, o jornal *Expresso* é um semanário, assim sendo, apenas foram analisadas três edições referentes aos dias 15 de outubro, 12 de novembro e 17 de dezembro. Para a análise, apenas se considerou o caderno principal do jornal, ignorando qualquer suplemento. Neste jornal, será pertinente referir que há várias páginas completas de Publicidade, ocupando mais de 12,50% de espaço nas três edições analisadas.

No mês de outubro (Anexo XVIII – Tabela 20), a categoria que ocupou mais espaço noticioso foi a Política, com

31,94%; a categoria com menos espaço noticioso foi *In Memoriam/Carta*³¹. Nesta semana, a categoria Entrevista não teve qualquer referência, a categoria de Desporto ocupou 9,72% do espaço noticioso desta edição. Relativamente à categoria de Desporto (Anexo I – Tabela 3), o espaço dedicado a notícias sobre outras modalidades foi 42,86% contra 57,14% para o futebol.

Já no mês de novembro (Anexo XIX – Tabela 21), a categoria com mais espaço noticioso foi Sociedade, que ocupou 25,00% das notícias, as categorias com menos espaço noticioso foram Gente e *In Memoriam/Cartas*, com 1,79%; a categoria de desporto ocupou 6,25% de espaço noticioso. Na edição analisada, é de referir que o espaço dedicado à Publicidade foi superior a quase todas as categorias, com 18,75%. No Desporto (Anexo II – Tabela 4), o espaço dedicado a outras modalidades foi de 42,86% e o dedicado ao futebol foi de 57,14%.

Em dezembro (Anexo XX – Tabela 22), a Publicidade foi a “categoria” que ocupou mais espaço no jornal, com 23,96%; considerando notícias, a Política ocupou 22,92% do espaço noticioso, sendo, depois da Publicidade a categoria que mais espaço noticioso ocupou; Gente e *In Memoriam/Cartas*, foram as categorias com menos espaço noticioso nesta edição, com apenas 2,08%; o Desporto ocupou 7,29%; nesta edição, não houve qualquer espaço noticioso dedicado à categoria de Entrevista. Na categoria de desporto (Anexo III – Tabela 5), a diferença entre outras modalidades e futebol é mais acentuada, sendo que se dedicou 14,29% de espaço noticioso às outras modalidades contra 85,71% do futebol.

Outras modalidades

Após analisar as várias edições dos jornais, contabilizaram-se as modalidades que foram referenciadas para além do futebol. No geral, a modalidade com maior destaque foi o Automobilismo, por incluir várias especialidades, como Fórmula 1, Rally, Motociclismo ou mesmo Todo-o-Terreno. Já as modalidades menos referidas foram Desporto Adaptado, Esgrima, Esqui, Jet Sky e Taekwondo.

Existem modalidades que apenas foram referidas por um dos jornais, como por exemplo o Xadrez, a Ginástica e o Desporto Adaptado, que foram noticiados pelo *Pública*, a Esgrima e o Jet Sky pelo *Jornal de Notícias*, e o Esqui pelo *Correio da Manhã*. O jornal *Expresso* não teve qualquer modalidade exclusiva, mas foi o jornal que deu mais destaque às outras modalidades.

³¹ A categoria *In Memoriam/Cartas* abrange obituários e cartas de leitores

	CM	JN	Publico	Expresso	Total
Automobilismo	15,5%	15,8%	9,6%	20,0%	14,1%
Basquetebol	6,0%	9,5%	9,6%	20,0%	8,8%
Ténis	10,7%	6,3%	8,2%	0,0%	8,0%
Golfe	6,0%	7,4%	9,6%	10,0%	7,6%
Andebol	3,6%	8,4%	11,0%	0,0%	7,3%
Futsal	8,3%	8,4%	4,1%	0,0%	6,9%
Atletismo	6,0%	4,2%	8,2%	0,0%	5,7%
Ciclismo	8,3%	6,3%	2,7%	0,0%	5,7%
Hóquei	6,0%	7,4%	2,7%	0,0%	5,3%
Vela	8,3%	2,1%	1,4%	20,0%	4,6%
Rugby	3,6%	2,1%	5,5%	10,0%	3,8%
Surf	6,0%	2,1%	1,4%	20,0%	3,8%
Voleibol	1,2%	6,3%	4,1%	0,0%	3,8%
Ténis de mesa	2,4%	6,3%	1,4%	0,0%	3,4%
Xadrez	0,0%	0,0%	11,0%	0,0%	3,1%
Natação	3,6%	2,1%	1,4%	0,0%	2,3%
Boxe	1,2%	1,1%	4,1%	0,0%	1,9%
Judo	1,2%	2,1%	0,0%	0,0%	1,1%
Ginástica	0,0%	0,0%	2,7%	0,0%	0,8%
Desporto Adaptado	0,0%	0,0%	1,4%	0,0%	0,4%
Esguima	0,0%	1,1%	0,0%	0,0%	0,4%
Esqui	1,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%
Jet sky	0,0%	1,1%	0,0%	0,0%	0,4%
Taekwondo	1,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%

Tabela 1: Modalidades que tiveram espaço noticioso nos jornais analisados.

Análise Imagem

Na análise efectuada pude observar que nem todos os jornais publicam diariamente fotografias referentes a outras modalidades e, por vezes, quando o fazem, é apenas para associar uma cara a um nome. Também na área da imagem se pode observar a tendência para destinar mais espaço noticioso a imagens sobre futebol (sobre um jogo, treinadores, jogadores ou adeptos), a maioria das imagens de futebol são a cores³² e as de outras modalidades a preto e branco. Apenas o semanário *Expresso* publicou todas as suas fotografias a cores.

³² A utilização de cor nas páginas dos jornais pressupõe custos mais elevados, por norma, apenas as capas e contra capas dos jornais são a cores. No caso do jornal *Expresso*, toda a edição do caderno principal é feita a cores e com um papel mais resistente que o dos jornais diários analisados.

A tendência de publicar mais fotografias de Futebol é quebrada pelo jornal *Expresso* que publicou, sempre, mais imagens de Outras Modalidades do que de Futebol, sendo por isso, diferente dos restantes. Nos jornais diários analisados, apenas o *Público* consegue a igualdade ou superioridade na quantidade de imagens publicadas entre Futebol e outras modalidades, havendo também dias, em que nenhuma imagem de outras modalidades publicou.

		CM	JN	<i>Público</i>	<i>Expresso</i>
Outubro	fot om	10,42%	20,54%	39,02%	60,00%
	fot futebol	89,58%	79,46%	60,98%	40,00%
Novembro	fot om	10,58%	8,88%	25,53%	66,67%
	fot futebol	89,42%	91,11%	74,47%	33,33%
Dezembro	fot om	4,50%	5,39%	9,09%	50,00%
	fot futebol	95,50%	94,61%	90,91%	50,00%

Tabela 2: Comparação entre quantidade de fotografias de Outras Modalidades e fotografias de Futebol

À semelhança do que ocorreu com alguns jornais, que no mês de dezembro não publicaram qualquer notícia sobre outras modalidades, houve dias em outubro, novembro e dezembro, em que não se publicou qualquer fotografia de outras modalidades. No mês de outubro (Anexo VI – Tabela 8) e novembro (Anexo VII – Tabela 9), apenas o *Jornal de Notícias* e o *Correio da Manhã* não publicaram, em alguns dias, fotografias sobre Outras Modalidades, essa situação ocorreu a partir de terça feira. De referir que em dezembro (Anexo VIII – Tabela 10), à exceção do *Expresso*, os restantes jornais analisados tiveram vários dias seguidos sem publicar qualquer imagem sobre Outras Modalidades, incluindo dias de fim de semana.

Fazendo a comparação entre meses, no mês de dezembro verificou-se uma quebra na quantidade de fotografias de Outras Modalidades que foram publicadas, na maioria dos jornais essa quebra foi de cerca de 50% e mais acentuada no jornal *Público*. Neste mês, o *Expresso* igualou a quantidade de fotografias de Futebol com as de outras Modalidades, quebrando assim, a sua tendência de publicar mais fotografias de Outras Modalidades.

“Símbolos y signos dan al deporte una vitalidade que pocas actividades de la sociedad presentan. Todos los deportes poseen envolturas y actitudes que los diferencian entre sí y representan su singularidade. Desde la vestimenta a los gestos, el deporte há creado un código comunicativo que informa al aficionado sin necesidad de explicarlo com palabras o sonidos. Este lenguaje, sin embargo, apenas tiene tratamento en prensa y radio, pero sí en el outro medio de comunicación colectiva, como señalaba el professor Pedro Orive, la televisión, al divulgar las imágenes del deporte (ALCOBA, 2005:139).

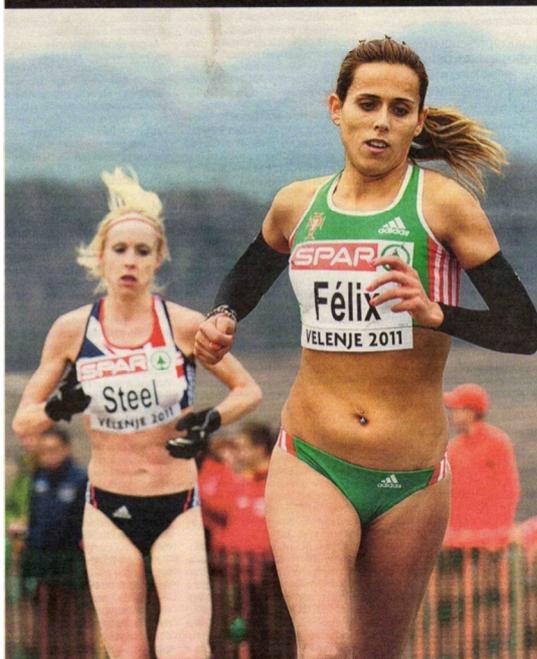
O jornal *Público* fez primeira página com uma imagem de Atletismo a 12 de dezembro, tendo sido o único jornal, em todo o período analisado, a fazer uma chamada de outra modalidade na sua primeira página utilizando a fotografia. Na imagem é visível a atleta portuguesa, Dulce Félix que se encontra identificada através do dorsal com o seu nome e indicação do local da prova.

Na imagem tem-se percepção do movimento efetuado pelas atletas, essa noção é transmitida não só pelo cabelo das atletas como pela posição em que se encontram os membros superiores e inferiores de ambas as atletas; pela posição em que se encontram as atletas; a imagem tem profundidade que é perceptível através do posicionamento das atletas, percebe-se que a portuguesa está à frente da inglesa. Através de alguns dados da imagem, temos a ideia de que, no local onde se realiza a prova, que estarão temperaturas baixas, uma vez que uma das atletas

está de luvas e a outra tem proteção nas mãos, ao fundo da imagem também é possível visualizar que os bombeiros se encontram agasalhados.

Ainda se pode acrescentar que esta fotografia tem uma profundidade de campo pequena, uma vez que apenas as atletas se encontram focadas e o fundo se encontra desfocado. O foco da imagem é a atleta portuguesa, que se encontra em primeiro plano, o segundo plano é a atleta inglesa, que já tem um ligeiro desfoque, sendo que o seu dorsal já não se encontra totalmente perceptível.

Portugal brilha nos europeus de crosse
Ana Dulce Félix sagrou-se vice-campeã no dia em que portugueses conquistaram quatro medalhas



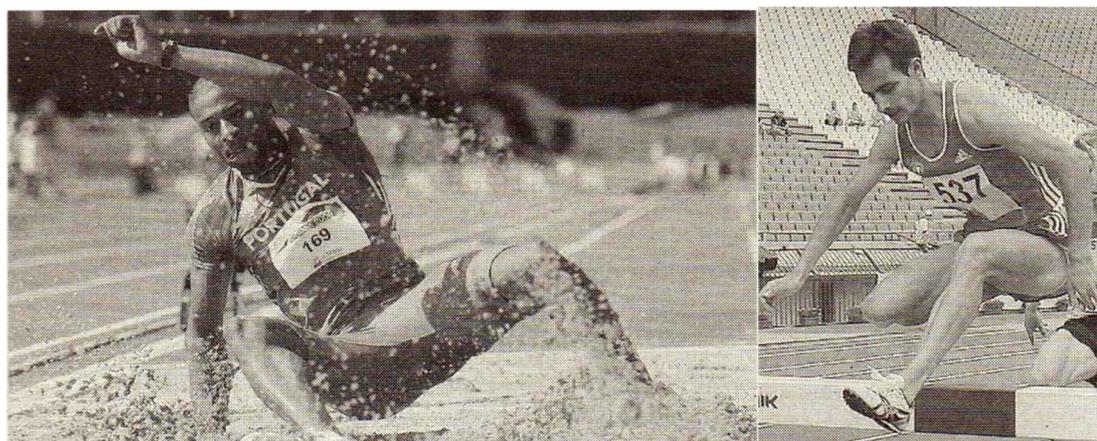
Fotografia I — fez a primeira página do jornal *Público*, a 12 de Dezembro. (fotografia de Juke Makovec da Associated France Press)



Fotografia II — com Direitos Reservados, foi publicada no jornal *Correio da Manhã* a 12 de Dezembro, sobre a prestação da atleta Ana Dulce Félix em Velenje, na Eslovénia

A Fotografia II refere-se à mesma prova que fez capa no jornal *Público*. Nesta fotografia a abordagem que foi feita e o ângulo de captação foi diferente, o seu autor captou as atletas numa zona de curva e num momento em que há atletas a disputarem por um lugar no pódio. O movimento nesta imagem é conseguido através do cabelo de Dulce Félix, pela posição dos membros inferiores e pela postura das atletas.

Como é visível, o jornal *Correio da Manhã* colocou ainda imagens dos atletas portugueses que foram medalhados nesta prova, Dulce Félix e José Rocha. Ambas as imagens são estáticas e de carácter informativo.



Fotografia III (esquerda) — Nelson Évora concretiza um salto em Shenzhen, na China).

Fotografia IV (direita) — um salto de barreira de Sérgio Silva. (do *Jornal de Notícias* de 10 outubro fotografias sem referência a autor)

Nestas imagens sobre atletismo, o movimento é transmitido pelas partículas de areia que Nelson Évora (Fotografia III) “levantou” com o seu triplo salto e pelo movimento da perna do atleta Sérgio Silva (Fotografia IV). Na Fotografia III temos

a percepção da distância que Nélon terá percorrido para efetuar o seu salto, essa noção é-nos transmitida através da profundidade de campo, apenas o atleta se encontra focado, as linhas da pista e alguns objectos ao fundo, que apesar de desfocados, permitem-nos identificar o ponto de partida do atleta. Já na imagem de Sérgio Silva, a profundidade de campo é maior, uma vez que as cadeiras da bancada se encontram perceptíveis, tal como a presença de pessoas na bancada.

Na prova em que estes atletas participaram, ambos conseguiram medalhas. Nélon Évora revalidou o título de campeão universitário de triplo salto e Sérgio Silva sagrou-se campeão do mundo em Elite. O *Jornal de Notícias* optou por colocar uma imagem dos atletas em prova e não no momento do pódio, possivelmente por ilustrar o atleta no seu melhor e por conseguir captar a atenção do leitor com uma imagem com movimento do que com uma estática, como seria a fotografia dum pódio.



Fotografia V — do fotojornalista Miguel Medina da Associated France Press, publicada no jornal *Público* a 8 de novembro.



Fotografia VI — do fotojornalista Miguel Medina da Associated France Press, publicada no jornal *Público* a 12 de novembro.

Relativamente a imagens sobre tênis, por norma são publicadas imagens de jogo, por vezes surgem imagens do vencedor do torneio com o seu troféu junto à rede e em pleno *court*. Nestas imagens em específico, é apenas visível um dos atletas em jogo no momento em que vão bater uma bola devolvida pelo seu adversário. Apesar de as imagens se referirem a jogos diferentes, o autor é o mesmo, e podemos notar que as fotografias são semelhantes, isto é, ambas as imagens foram captadas segundos antes de uma bola ser batida, sendo possível vislumbrar alguma técnica própria do tênis nestas imagens. Através das mesmas, podemos indicar que o atleta da esquerda é esquerdino e o da direita é destro, e esta informação é obtida, não só pelo conhecimento da modalidade, como também pela forma com que o atleta segura a sua raquete para bater a bola com mais força.

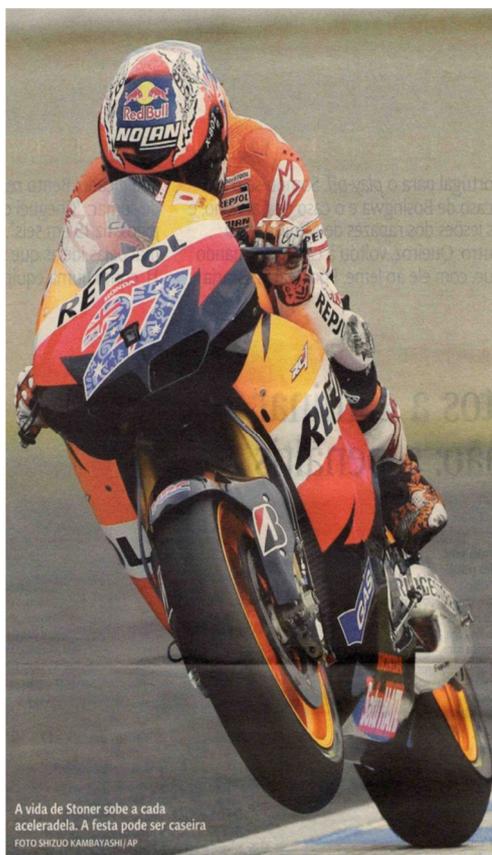
Pela posição da bola e da raquete, podemos afirmar que a fotografia foi captada antes de a bola ser batida, isto porque, se fosse após, a raquete do atleta estaria mais próxima do ombro oposto ao lado em que se vai bater a mesma, ficando com os braços flectidos e dificilmente se conseguiria captar a bola nesse momento devido à velocidade que a mesma atinge.

Em ambas as imagens a profundidade de campo é reduzida, apenas o atleta se encontra focado e a bola, apesar de perceptível, encontra-se desfocada, por exemplo, no jogador da esquerda, a própria raquete já se encontra ligeiramente desfocada. Estas imagens terão sido captadas com uma velocidade de obturação rápida e a maior abertura de diafragma

possível. O público da bancada encontra-se desfocado e, no caso da imagem à direita, parecem borrões. De referir, que apesar da relativa profundidade de campo destas imagens e da iluminação centrada nos jogadores, os logótipos das raquetes é perceptível.



Fotografia VII (em cima) — Sebastien Loeb, Rally, sem autor conhecido, publicado no *Público* a 12 de novembro.



Fotografia VIII (à direita) — Casey Stone. Fotografia de Shizuo Kambayashi, da Associated Press, publicado no *Expresso*

A vida de Stoner sobe a cada aceleradela. A festa pode ser caseira
FOTO SHIZUO KAMBAYASHI/AP

Nas fotografias sobre desporto automóvel, existem duas formas de as apresentar, ou com o veículo utilizado pelo atleta ou com a própria fotografia do atleta como forma de o identificar. No período analisado, pode-se verificar as duas abordagens distintas. No caso destas imagens, a fotografia do francês Sébastien Loeb (Fotografia VII), que necessita de legenda para contextualizar uma vez que a fotografia apenas representa o seu Citroën DS3 a meio do campo visual, no entanto, temos a percepção de existir movimento

pela estrada e indicação que o carro está a dirigir-se para “nós”; o facto de a estrada percorrer grande parte da imagem, quase na diagonal, e se encontrar no centro da imagem, ajuda nessa percepção e dá-nos a indicação que o carro “entrou” no campo visual pela direita.

Quanto à fotografia de Stoner, a noção de movimento é-nos dada pela roda dianteira da moto, que se encontra um pouco levantada, resultado de uma aceleração por parte do condutor. Nesta modalidade a velocidade é muito elevada, outra forma em que se poderia verificar o movimento seria no interior da roda, caso a velocidade de disparo do fotógrafo fosse muito lenta, o interior da roda não seria perceptível, no entanto, Shizuo Kambayashi conseguiu congelar o movimento das rodas utilizando uma velocidade de obturação extremamente rápida, no entanto, a posição em que este se encontra relativamente ao sujeito fotografado, não permitira uma imagem lateral do motociclista de forma ao congelamento/arrastamento das rodas ser visível.

Relativamente à profundidade de campo destas imagens, pode referir-se que a da esquerda tem uma grande profundidade, uma vez que toda a imagem se encontrada focada e perceptível, resultado de uma abertura de diafragma

pequena e duma velocidade de obturação bastante elevada. Quanto à Fotografia VIII, a profundidade de campo já é menor, apenas a mota e o seu condutor se encontram focados, o fundo está totalmente desfocado, para conseguir uma imagem assim foi necessário uma abertura de diafragma grande e uma velocidade de obturação elevada para que não houvesse arrastamento de imagem, mas sim congelamento do movimento.

Na imagem sobre rally, o rasto deixado pela passagem de vários carros pelo local, permite que o leitor tenha percepção do trajeto efetuado pelos carros. Na imagem da direita existe algum grão, que poderá ser o resultado da utilização de uma sensibilidade muito elevada ou mesmo o resultado duma má impressão na gráfica.



Vettel (dir.) igualou Nigel Mansell, que foi campeão do Mundo de Fórmula 1 em 1992, com a escuderia Williams

Fotografia IX (em cima) —

Vettel a comemorar o seu bicampeonato em Fórmula 1 e sendo comparado com Mansell.

(publicada no *Correio da Manhã* de 13 de novembro, fotografia de Srdjan Suki, EPA)

Fotografia X (em baixo) —

Vettel, ainda no interior do seu carro, a comemorar o seu 3º lugar, que ainda assim, conseguiu ganhar o campeonato. (publicada a no *Público* a 10 de outubro, fotografia de Totu Hanai, Reuters.



No caso da vitória do alemão Vettel, no campeonato de Fórmula 1 no Grande Prémio do Japão, o *Público* e o *Correio da Manhã* abordaram esse triunfo de forma diferente. O *Público* mostrou o corredor, ainda no interior do seu carro, a levantar um dos braços como forma de comemorar o seu triunfo ou agradecer o apoio dos fãs e equipa; olhando com atenção para o gesto, podemos verificar que o mesmo tem três dedos levantados, podendo este gesto estar conotado com o

facto de que, na corrida em questão, o atleta ficou na terceira posição mas, ainda assim, garantiu a vitória do campeonato. A legenda que acompanha a imagem ajuda a contextualizar a posição em que o atleta terá ficado na prova.

O *Correio da Manhã* (Fotografia IX) optou por utilizar uma imagem de Vettel a sorrir e de braços levantados em sinal de vitória, aproveitando também para colocar uma fotografia de Nigel Mansel com o objetivo de referenciar um feito que ambos os automobilistas têm em comum, uma vez que Vettel terá igualado Mansel no número de vitórias de campeonato pela mesma equipa. Essa informação encontra-se na legenda que se encontra à direita da imagem de Vettel.



Fotografia XI (à esquerda) — Jogo de Andebol, entre o Futebol Clube do Porto e Fafe, publicada no *Jornal de Notícias* a 13 de novembro, fotografia de Ivan Del Val, Global Imagens



Fotografia XII (à direita) — Jogo de Basquetebol, entre o Futebol Clube do Porto e Ovarense publicada no *Jornal de Notícias*, a 13 de novembro, fotografia de Ivan Del Val, Global Imagens

Nas imagens acima, podemos verificar que a bola de jogo se encontra na fotografia e em situações de ataque/defesa por parte de ambas as equipas. Nestas modalidades, o “confronto” entre atletas permite captar imagens interessantes e que podem transmitir a dureza do jogo e alguns movimentos técnicos utilizados pelos jogadores.

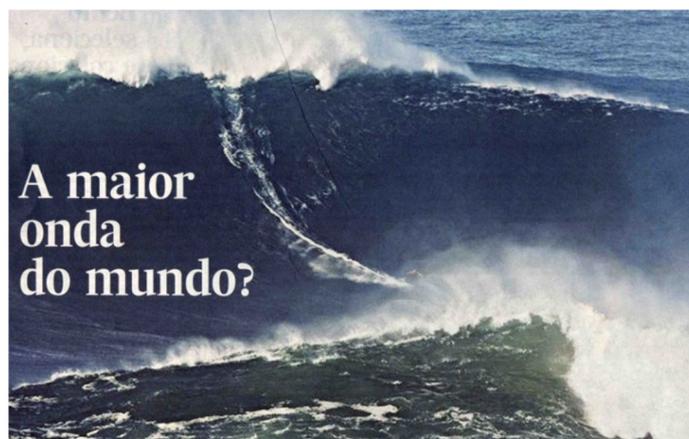
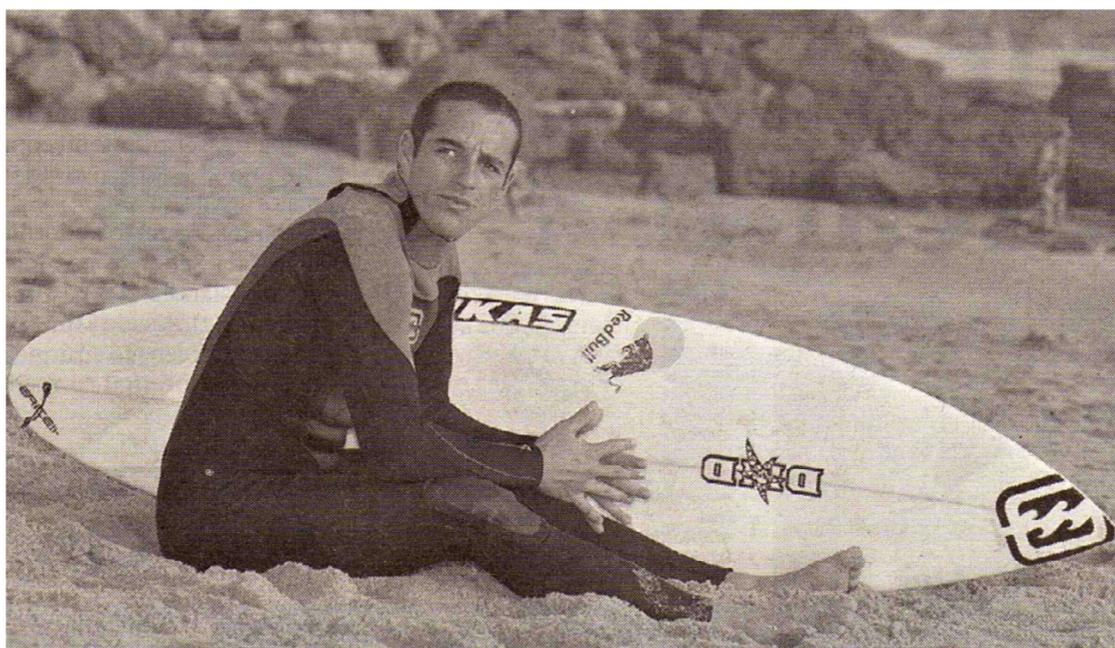
Na imagem de Andebol, é visível um ataque pela equipa do Porto (atleta com a camisola às riscas), o atleta está a prepara-se para rematar e tem-se a noção que o adversário está a tentar defender a sua área ou a tentar reduzir o ângulo para que o remate possa acontecer, essa noção é perceptível pela posição do atleta do Fafe (jogador de negro) que está numa posição defensiva; a bola será lançada para o canto inferior esquerdo, essa noção é dada pela posição do braço, da bola e do olhar do atleta. Apesar de não haver confronto físico, é perceptível que o mesmo poderá existir e a posição de defesa das mãos do adversário dá essa noção.

Por vezes, nas fotografias referentes ao Andebol, é comum publicar uma imagem do guarda-redes, num momento em que está a defender um remate, isto porque o salto para tentar a defesa gera boas imagens; no entanto, um momento de ataque por parte de uma das equipas também costuma ser o ângulo pretendido pelo fotógrafo.

No Basquetebol uma situação de confronto entre adversários é mais visível, isto porque, nesta imagem, há contacto físico entre atletas, isto porque um deles tenta tirar a bola ao outro no momento em que está a tentar saltar para fazer um lançamento para o cesto, sendo que o objetivo será impedi-lo de lançar a bola. Pela posição do braço do jogador de negro

(atleta do Ovarense), temos a sensação que este está a bloquear o movimento do adversário, tentando bater na bola fazendo com que esta seja atirada ao chão.

Ambas as imagens têm uma profundidade de campo reduzida, estando a zona da bancada desfocada mas permitindo perceber que existem pessoas a assistir ao jogo. Apenas os jogadores se encontram focados por serem o objeto principal e o ponto de interesse. É de constatar que o autor destas imagens é o mesmo, e que no caso do Andebol o ângulo de visão é ao nível da jogada, isto é, o fotógrafo está a captar ao nível do seu olhar, com um ligeiro contrapicado, mas quase ao nível do seu olhar; no Basquetebol o ângulo será mais contrapicado para dar mais realce à tentativa de salto para concretizar o “cesto”.



Fotografia XIII (em cima) — Tiago Pires, descansa na praia junto da sua prancha. Fotografia com Direitos Reservados, publicada a 16 de outubro no *Correio da Manhã*

Fotografia XIV (em baixo, à esquerda) — Garret McNamara a surfar numa onda de 30 metros, fotografia de Kelly Cestari, da ASP, publicada no *Correio da Manhã* de 13 de novembro.

Fotografia XV (em baixo, à direita) — Garret McNamara a surfar numa onda de 30 metros, fotografia do jornal *Expresso* de 12 de novembro.

Relativamente ao Surf, foram publicadas diversas fotografias, na semana que antecedeu o campeonato em Peniche. A maioria das fotografias apresentava atletas a surfar numa onda ou, como a apresentada acima, o atleta e campeão nacional Tiago Pires junto da sua prancha a observar as restantes provas ou o ambiente; este tipo de fotografia também é utilizada em entrevistas como forma de contextualizar e dar a conhecer o atleta, o equipamento da modalidade/equipa que representa e os adereços que possam ser utilizados, uma vez que poderão ser personalizados facilitando o reconhecimento do atleta durante a competição. Este tipo de fotografia permite mostrar o atleta/surfista no seu ambiente.

Na semana em que Garret McNamara surfou a maior onda, na praia do Norte, junto à Nazaré, a maioria das fotografias publicadas ou apresentava uma fotografia de plano aberto, em que fosse possível visualizar a dimensão da onda e o “rasto” deixado pelo surfista ou, como o *Correio da Manhã*, apresenta um pormenor da onda, onde é possível ver o surfista mas sem transmitir a noção da dimensão da onda. O *Correio da Manhã* terá feito um novo enquadramento da imagem, fechando o ângulo do plano observado, de forma a que apenas seja visível o sujeito que cometeu a proeza de surfar nessa onda de 30 metros.

A imagem publicada pelo *Expresso* foi a única que manteve o colorido da imagem, mas dos jornais analisados, mas como referido anteriormente o *Expresso* é o único que mantém a cor em todas as suas páginas. Nesta fotografia também é possível verificar a utilização de texto sobre a imagem, deixando a dúvida se, de facto, terá sido aquela a maior onda já surfada.



Fotografia XVI (à esquerda) — Jogo de Rugby entre a seleção do País de Gales e a República da Irlanda, fotografia de Anthony Phelps, publicada a 14 de outubro no *Pública*.

À direita fotografias de dois atletas, de duas modalidades diferentes, Fotografia XVII (à esquerda) do atleta Jonny Wilkinson, jogador de rugby (fotografia de Howard Burditt, Reuters), e Fotografia XVIII do atleta Luke Donald, jogador de golf (fotografia de Shaun Best, Reuters). Estas fotografias foram publicadas no jornal *Expresso* de 17 de dezembro-

Nas fotografias de Rugby, é usual ser mostrada uma jogada em corrida, marcação de “foras” ou formações, no entanto, se se referir a um atleta, é publicada uma fotografia do mesmo com o objetivo de contextualizar. O mesmo ocorreu

com a imagem do golfista Luke Donald, em que este surge a saudar ou comemorar uma boa jogada, por norma, nas imagens sobre Golfe surge o jogador a dar início a uma jogada ou a deslocar-se entre buracos com o seu saco cheio de tacos. As imagens de jogadas de Golf, por norma, demonstram o movimento técnico desta modalidade.

Na Fotografia XVI, podemos ver a aplicação da “regra” dos terços, em que um dos atletas que está em movimento se encontra à esquerda e a chutar a bola para a direita da imagem; o movimento também é transmitido pelo salto/placagem do atleta de verde numa forma de impedir o avanço do adversário. Nesta imagem podemos indicar que o jogador estará a chutar a bola para a frente para tentar pontuar, uma vez, que segundo as regras da modalidade, apenas é possível fazer um passe com os pés quando é para colocar a bola para a frente.

Ainda na Fotografia XVI podemos verificar que existem vários “espaços vazios”, mas que permitem que haja uma leitura e compreensão da situação, isto é, conseguimos perceber que os atletas “entram” na imagem por lados opostos e que ambos pretendiam o mesmo objeto, um quer chutar a bola para a frente e o outro quer evitar a passagem da bola. O facto de haver espaço livre no canto superior direito, dá-nos a noção que será aquele o espaço a percorrer pela bola chutada.

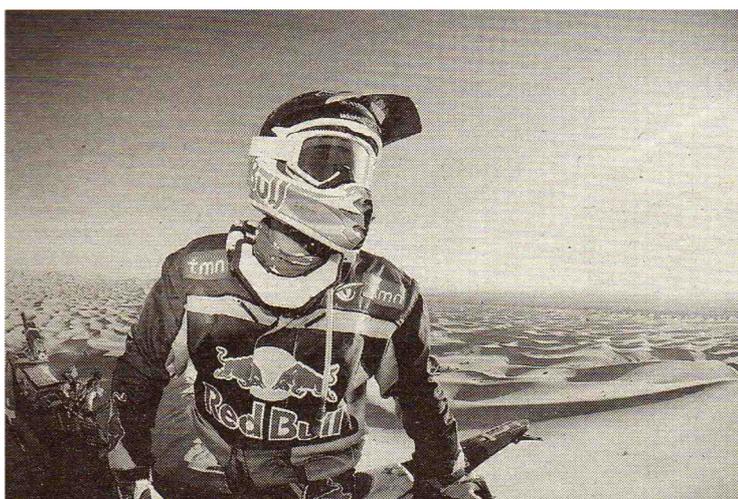
Já na Fotografia XVII e Fotografia XVIII, as mesmas são estáticas, sem qualquer movimento; ambos os atletas estão em posições estáticas, mas com elementos que permitem reconhecer a modalidade que praticam, do lado direito o jogador segura a bola de rugby, e à esquerda é visível um taco de golfe, no entanto, pelas vestes do jogador da direita, seria possível concluir qual a modalidade, mas no caso do atleta do Rugby já não seria possível, uma vez que o equipamento de jogo é semelhante ao do Andebol, ao do Futebol ou Hóquei, entre outras modalidades, sendo por isso necessário ter a bola ou outro objeto próprio de cada modalidade para que haja perceção e o reconhecimento da modalidade do atleta.



Fotografia XIX do Veleiro da Groupama na Volvo Ocean Race, publicada no *Expresso* de 12 de novembro, por Juan Medina, da Agência Reuters.

No que diz respeito à Vela, poder-se-ia ter uma abordagem diferente, mas o impacto seria menor, uma vez que a outra possibilidade seria captar os veleiros ainda atracados num dos vários portos de escala da Volvo Ocean Race³³, mas não haveria ação nem movimento. Esta abordagem foi feita em alto mar, a partir duma embarcação de apoio, e permitiu observar quase todos os veleiros em prova e a sua tripulação, a imagem tem profundidade e o movimento é-nos “visível” através da água do mar e das velas dos veleiros. Nesta imagem é perceptível que as ondas vêm da direita tal como o vento, e esta leitura é feita através da posição das velas da embarcação e pela ondulação do mar.

As cores das velas permitem reconhecer a equipa que está a competir, mas para tal será necessário saber que empresas patrocinam cada uma das equipas.



Fotografia XX (à esquerda) — Helder Rodrigues, atleta português de induro (motociclismo todo-o-terreno), fotografia publicada a 10 de outubro no *Jornal de Notícias*. (fotografia sem informação de autor)

Fotografia XXI (à direita) — Presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Fernando Gomes. Publicado a 8 de novembro no jornal *Público*. (fotografia sem informação de autor)

Na Fotografia XX e Fotografia XXI, conseguimos perceber a que modalidade se referem sem ser lido o texto ou a legenda, essa informação é transmitida através de elementos que surgem na fotografia. Na Fotografia XX, o atleta Helder Rodrigues apenas é identificável devido ao capacete e à sua moto (apesar do volante, no canto inferior esquerdo, se encontrar demasiado escurecido), a paisagem desértica que se encontra atrás também permite reconhecer o atleta, mas é necessário que haja um conhecimento prévio de que, até 2012, este foi o único atleta português a correr no Dakar ao volante de uma moto.

Na Fotografia XXI, o fundo é o logótipo da Federação Portuguesa de Futebol, assim sendo, é possível identificar e relacionar esta imagem com algo referente ao mundo do Futebol. Quanto a reconhecer a pessoa que se encontra na fotografia, esse conhecimento também poderá ser prévio ou de algum seguidor assíduo da modalidade, uma vez que o sujeito

³³ A Volvo Ocean Race é a volta ao mundo em Vela disputada, nesta edição, por seis embarcações com 11 velejadores a bordo. Esta prova percorre os cinco continentes mas apenas tem paragem em quatro continentes tendo a duração de cerca de oito meses.

representado é o presidente da Federação. Pela pose apresentada por Fernando Gomes, podemos indicar que o mesmo se encontra sentado e apoiado numa mesa, discursando ou ouvindo alguém na plateia, como acontece nas conferências de imprensa.

Ambas as imagens são estáticas e têm uma profundidade de campo suficiente para percebermos o que se encontra atrás de quem está a ser fotografado. No caso de Helder Rodrigues, podemos perceber a paisagem desértica própria de algumas provas que o atleta já realizou; já na fotografia de Fernando Gomes, a profundidade de campo permite que o logótipo da Federação Portuguesa de Futebol esteja totalmente focado.



Fotografia XXII (à esquerda) – Festejo após golo do Sporting. Fotografia de Ricardo Júnior, Global Imagens, publicada a 16 de outubro no *Jornal de Notícias*.

Fotografia XXIII (à direita) – Comemoração de golo por Yannick Djaló. Fotografia de Miguel Barreira, Record, publicada no *Correio da Manhã* a 13 de outubro.

Nas comemorações de golos das equipas de futebol, é normal que os jogadores festejem de forma efusiva, façam mortais ou mesmo dediquem esse golo a alguém. Na Fotografia XXIII, podemos ver o jogador do Sporting Clube de Portugal, Yannick Djaló, na comemoração de um golo a apontar para algo ou alguém, como forma de o dedicar a alguém que estará a ver o jogo. Nesta fotografia é visível o símbolo que representa o clube leonino, que permite identificar o clube pelo qual Yannick, joga, se a fotografia estivesse a cores, o símbolo poderia não ser necessário para essa identificação, pois as cores e a disposição das riscas (ou padrão da camisola) seriam o suficiente para identificar o clube de Alvalade.

Na Fotografia XXII, toda a equipa se reuniu para a comemoração do golo e para felicitar o autor do mesmo. O sorriso na cara dos atletas transmite a alegria desse tento e deixa subentendido que foi um momento de alegria para toda a equipa. Ambas as imagens têm uma profundidade de campo muito reduzida, estando apenas os jogadores focados e deixando imperceptível os adeptos que se encontram nas bancadas, o fundo torna-se uma mancha.



Fotografia XXIV — o desalento da seleção nacional após a derrota com a Dinamarca, nos jogos de acesso ao Euro 2012. Fotografia de José Coelho, Agência Lusa, capa do *Correio da Manhã* de 12 de outubro.

Na Fotografia XXIV, o desalento dos atletas da seleção nacional é visível nos seus rostos, no semblante pesado, na posição das mãos e da cabeça de Hélder Postiga (à direita com o número 23 na camisola), no olhar para o chão de João Moutinho (jogador mais à esquerda) e Cristiano Ronaldo (ao centro).

Esta imagem foi capa do jornal *Correio da Manhã* de 12 de outubro de 2011, o título apenas indica que a seleção nacional foi humilhada e ajuda na leitura das expressões da fotografia. Há uma indicação das páginas onde poderemos ler mais sobre o jogo e a prestação da equipa e ainda um pequeno comentário a indicar que a prestação terá sido má e só não sofreram mais golos pois o guarda-redes fez uma boa prestação; o resultado final do jogo também está indicado.

Possivelmente, uma fotografia de Rui Patrício na baliza ou a sair de campo, poderia ser uma possibilidade de mostrar o melhor homem em campo da seleção nacional, mas o sentimento que ficou após o apito final que ditou a derrota, perder-se e o impacto que a derrota teve sobre os atletas no final do jogo não seria transmitida de forma tão clara.

Esta imagem é um pouco estática, se bem que existe algum movimento em Cristiano Ronaldo e João Moutinho, que se estão a deslocar, enquanto que Hélder Postiga aparenta estar parado. Há alguma profundidade de campo, não muito elevada porque o fundo não é perceptível e o público na bancada parece uma mancha.

O espaço vazio nesta imagem permite que seja colocado um título de forma a caracterizar um pouco o ambiente vivido durante o jogo e o sentimento que ficou após o apito final. Por vezes, estes espaços vazios são deixados proposadamente para, na redação, se poder efetuar novos enquadramentos ou mesmo utilizar para a colocação de títulos ou legendas.

Por vezes, em eventos desportivos de qualquer modalidade, ocorrem acidentes, que podem ou não ser captados por um fotógrafo atento. Entre outubro e dezembro, o período analisado, ocorreram pelo menos duas situações, que apenas foram publicadas e seguidas de perto pelo jornal *Correio da Manhã*.

O primeiro acidente que ocorreu foi a queda de um adepto da claque do Sporting no fosso do estádio quando tentava agarrar a camisola de jogo que terá sido atirada para a bancada pelo jogador Fábio Capel, no final de um encontro. As imagens da queda foram publicadas no *Correio da Manhã* e o adepto foi “marcado” para que o leitor possa ser direcionado na leitura da imagem. Após a publicação destas fotografias, o jornal continuou a seguir a estória e a transmitir a



O piloto inglês Dan Wheldon morreu aos 33 anos, após um acidente no circuito oval de Las Vegas (EUA), que foi banido da Fórmula Indy para 2012



Fotografia XXV (em cima) — Imagens do acidente que vitimou Dan Wheldon. Fotografia de Barry Ambrose, Reuters, publicada no *Correio da Manhã* a 17 de dezembro.

Fotografias XXVI (em baixo) — Imagens do adepto do Sporting que caiu da bancada quando tentava agarrar a camisola de jogo. Fotografias de Luís Neves, publicadas no *Correio da Manhã* a 8 de novembro.

preocupação do jogador envolvido indiretamente no acidente; foram também publicadas fotografias de Capel no interior da ambulância com o adepto e até mesmo no hospital quando o foi visitar, acompanhado pela mascote do clube. Também o Fábio Capel foi marcado numa das fotografias (Fotografia XXIV) de forma a que possa ser perceptível o que terá estado na origem da queda do adepto.

Na imagem da queda do adepto do Sporting (Fotografia XXIV), o movimento encontra-se congelado, mas é perceptível, pela posição do corpo do indivíduo que este está em “movimento” e que estará a cair, uma vez que são visíveis braços a tentar agarrá-lo. O círculo que direciona o olhar para o indivíduo também nos leva a perceber que terá agarrado algo, não sendo perceptível se foi a camisola atirada pelo jogador ou se uma bandeira utilizada pela claque.

Sobre o acidente que vitimou Dan Wheldon numa prova de Formula Indy, no circuito de Las Vegas, nos Estados Unidos, o *Correio da Manhã* foi o único jornal que publicou algo sobre o acidente e, inclusivamente, uma imagem do acidente,

colocando também uma fotografia do próprio corredor com o objetivo de contextualizar e dar a conhecer a cara do malogrado atleta (única vítima mortal deste acidente).

Neste acidente, o movimento é perceptível pelo congelamento do carro a voar, pelo fumo, pelas chamadas, pelas faíscas e por objetos. Pela fotografia conseguimos perceber que o acidente foi violento e envolveu mais do que um carro; não nos é possível determinar os estragos devido ao fumo que envolve os carros e não serem visíveis partes dos veículos soltas. O movimento nesta imagem está congelado devido à rápida velocidade de obturação utilizada.

As imagens da queda do adepto leonino para o fosso encontram-se totalmente nítidas, sendo perceptíveis as feições dos restantes adeptos que se encontram na bancada no momento da queda, bem como pormenores da roupa dos mesmos. Esta imagem aparenta ter bastante grão, que estará relacionado com a elevada sensibilidade utilizada ou com a falta de qualidade de impressão. No acidente de Dan Wheldon, o grão existente imagem deverá ser da impressão, uma vez que a fotografia terá sido captada durante o dia, não necessitando, por isso, duma sensibilidade elevada.

Na maioria das fotografias analisadas, o fotógrafo não tem possibilidade de controlar a luz, uma vez que nos recintos desportivos este terá de se sujeitar às condições de luz existente não podendo utilizar iluminação adicional, como por exemplo flashes ou focos, no entanto, em situações como a fotografia de Helder Rodrigues ou Tiago Pires, que são imagens estáticas e, possivelmente, num momento de entrevista, de conversa relaxada com o atleta, já será possível ter algum controlo na iluminação e utilizar focos de luz adicionais ou refletores de forma a iluminar zonas de sombra. Também nas conferências de imprensa, não é possível o controlo da iluminação da sala, mas já será possível a utilização de flash; na fotografia de Fernando Gomes, da Federação Portuguesa de Futebol, a utilização de flash não é óbvia, mas poderá ter sido utilizado como forma de suavizar a luz no rosto e eliminar sombras muito escuras.

Após a análise às diversas fotografias, pode-se concluir que a abordagem às diversas modalidades é feita de forma semelhante, tentando sempre captar momentos decisivos durante os jogos e que essa fotografia permita identificar a modalidade e a equipa/atleta que está a competir. De forma geral, há sempre elementos na fotografia que permitem reconhecer a modalidade e poucas são as fotografias que necessitam de algum conhecimento da modalidade para poderem serem conotadas.

CONCLUSÃO

Antes de iniciar este estudo, acreditava que o futebol era a modalidade que mais espaço noticioso ocupava nos jornais nacionais, sem exceção ou sem fazer a divisão entre jornais desportivos e generalistas. No entanto, devido ao tempo que se teria para análise, optou-se por estudar esse fenómeno apenas nos jornais generalistas mais vendidos.

No final da primeira semana de recolha de material, já conseguia confirmar e sustentar um pouco a minha tese e a minha crença de que as Outras Modalidades eram postas de parte na cobertura mediática. No final, pude mesmo comprovar que o futebol faz “correr muita tinta” nos jornais generalistas nacionais. Com base na análise efetuada posso indicar que o futebol ocupa a quase totalidade do espaço noticioso, não só em texto como também em imagem.

Poderão existir vários motivos para a visibilidade do desporto nos nossos jornais, o mais relevante que encontro, para que o desporto ocupe um espaço noticioso significativo em qualquer jornal, é a capacidade que este tem de “mexer” com as emoções dos leitores, mostrando como é vivido o acontecimento aos olhos de outra pessoa e dá a conhecer um ponto de vista diferente.

Será de referir, que no caso do *Jornal de Notícias*, o facto da categoria de desporto, no geral, e o futebol em particular, ocuparem bastante espaço noticioso, deve-se à publicação das tabelas classificativas dos vários campeonatos e escalões nacionais de futebol, nas edições de segunda feira.

Por de trás das notícias desportivas, encontram-se também interesses das equipas (no caso do futebol) e os interesses económicos, o Futebol será uma das modalidades que mais movimenta a economia, basta olhar para os valores astronómicos que são pagos aos clubes de Futebol pelos direitos de transmissão dum jogo na televisão em direto, algo que não acontece com jogos de outras modalidades que têm transmissão, seja em canal público seja em canal privado.

Dos jornais analisados, o futebol esteve sempre em destaque, seja na quantidade de textos que foram publicados seja na quantidade de fotografias. A abordagem que se faz do futebol difere da abordagem às outras modalidades; no futebol aprofunda-se o jogo, as táticas, as jogadas, as opiniões (de treinadores, jogadores, dirigentes, comentadores...), o ambiente em torno do jogo, fazem-se antevisões e discute-se o resultado, dá-se notas aos jogadores e à equipa de arbitragem, enquanto que noutra modalidade, a notícia apenas se limita a relatar os aspectos mais importantes do jogo, sem aprofundar muito, a não ser que haja algum acontecimento que tenha interesse mediático.

Conforme já fui referindo, tive oportunidade de comprovar, através da análise que fiz baseada em três jornais generalistas nacionais e num semanário, que o futebol gera um grande volume de informação desportiva comparando com as restantes modalidades. Na análise que efetuei, apenas não consegui compreender o porquê do Futebol ser um fenómeno a nível desportivo e noticioso, poderá ser porque, nos finais do século XIX, o futebol terá sido a modalidade que estaria ao alcance de ser praticado pelo povo devido aos baixos custos com equipamento desportivo, aproximando assim mais pessoas da prática desportiva.

O futebol faz mover multidões como pude verificar durante o período analisado, pois em novembro ocorreu um campeonato de Surf em Peniche e pouco se noticiou sobre o evento, não houve notícias diárias sobre a modalidade nem uma cobertura jornalística aprofundada. Por exemplo, semanalmente, o *Jornal de Notícias* publicava, à segunda feira, a tabela classificativa e os resultados dos jogos dos vários campeonatos e escalões de futebol nacionais, ocupando várias páginas com tabelas.

Também na fotografia pude verificar várias diferenças, claro que cada fotógrafo aborda o seu trabalho de forma diferente pois cada um “vê” o acontecimento à sua maneira. Nas várias modalidades a fotografia tem o apoio do texto para poder ser compreendida na totalidade, enquanto que nas fotografias sobre Futebol, por norma, a fotografia e o texto podem ser “lidos” separadamente, mas complementam-se.

Conforme referi, a forma de abordagem a cada acontecimento difere de fotógrafo para fotógrafo, no entanto, por vezes num evento desportivo o espaço destinado aos fotógrafos é delimitado pela organização, obrigando, dessa forma, a um determinado ponto de vista e abordagem. Por exemplo, nos jogos de futebol os fotógrafos encontram-se sempre junto à linha de fundo, entre a baliza e uma das bandeirolas de canto, nunca ficando totalmente atrás de uma das balizas. Em modalidades como o basquetebol e o andebol, o fotógrafo também fica atrás da linha de fundo, mas por exemplo num jogo de volley já se centrará na zona da rede.

Também é perceptível que nas fotografias de futebol, por norma, sejam captados lances de ataque e, no caso de jogos entre as equipas consideradas “grandes”, é junto da baliza de ataque destas equipas que se encontram a maioria dos fotógrafos, isto porque será, à partida, essa equipa que irá atacar mais.

Um fotógrafo, para conseguir “estar em cima do acontecimento” e prever a jogada seguinte, deverá, à semelhança de um jornalista deverá saber as regras de jogo, conhecer os jogadores, equipas e treinadores, como forma de facilitar o seu trabalho, deverá também ter conhecimentos sobre a génese do desporto, uma vez que por vezes os adeptos podem saber tanto ou mais que o jornalista, por esse motivo é imprescindível ter um conhecimento de todas as regras de jogo de forma a poder avaliar as jogadas polémicas.

Pelas imagens analisadas, poderei referir que há fotografias que permitem uma leitura mais simples do que outras, nas modalidades em que há confronto entre equipas adversárias é mais fácil conseguir captar uma imagem que permita ao leitor saber quem está a efetuar o ataque e quem está a defender, isto é, através da imagem consegue-se prever o momento seguinte, mas modalidades há em que esta leitura não é possível, como por exemplo numa prova de 10000 m de Atletismo, em que as atletas iniciam a prova agrupadas, dificilmente conseguiremos ter a perceção de quem irá “atacar” para chegar em primeiro lugar, mesmo que saibamos quem é a atleta favorita e mais forte. No caso do Atletismo, e da prova referida, a melhor fotografia do evento seria na chegada à linha de partida, mas por norma, os jornais utilizam fotografias de pódio para contextualizar.

Concluindo, o futebol é a modalidade que mais notícias tem publicadas comparando com as outras modalidades, tem

também mais fotografias publicadas, seja de jogo seja de contextualização/ilustração de uma breve. Poderão ser razões sociológicas que levem a que o futebol seja tão popular ou mesmo. Pela análise efetuada, não houve um único dia em que não tenha havido uma notícia sobre desporto e quase sempre que há uma chamada de primeira página sobre desporto, o Futebol é a modalidade escolhida, a não ser que o feito numa Outra Modalidade seja realmente importante.

BIBLIOGRAFIA

- ALCOBA, António Lopéz, (2005). *Periodismo Deportivo*, Madrid, Editorial Sintesis
- ALVES, Fabiana, (2012) *Fotojornalismo e Regime Militar: a Cobertura Fotojornalística de temas polémicos em dois jornais do Paraná (1968)* [online][Acedido a 11/12/2012] Disponível em: http://www.uel.br/pos/mestrado/comunicacao/wp-content/uploads/dissertacao_Fabiana_Alves.pdf
- ARCHELA, Rosely Sampaio (1999). *Imagem e representação gráfica*
- ARCOS, Alicia (2011), *Tratamiento de la información deportiva en la Prensa: La crónica como género prevalente. El caso de los encuentros de Fútbol entre Real Madrid y F.C.Barcelona* [online][Acedido em 05/05/2012] Disponível em: <http://riuma.uma.es/xmlui/bitstream/handle/10630/4848/TD%20de%20Alicia%20Naranjo%20de%20Arcos.pdf?sequence=1>
- AMAR, Pierre-Jean (2001). *História da Fotografia*. Lisboa, Edições70
- BARTHES, Roland (2010) *A Câmara Clara*, Lisboa, Edições 70
- CASCAIS, Fernando (2001). *Dicionário de Jornalismo*. Lisboa, Verbo
- COELHO, Sofia Pinto (2005). *Jornalistas e Tribunais*. Lisboa. Quetzal Editores
- CORREIA, Manuel, *Fotojornalismo – um olhar do repórter*, [online][Acedido em 05/05/2008] Disponível em <http://www.ipv.pt/forumedia/5/14.htm>
- DINIZ, Livia G.S. e VEIGA, Adriana I.M.. *Formas de Ver: A Imagem Fotográfica como construção Social e Cultural*. [online][Acedido a 17/10/2009] Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-diniz-fotografia.pdf>
- FILHO, Abdias Pinheiro (2003). *O Texto Fotográfico e a sua leitura. Movendo Idéias*. 8(14), pp 11-13.
- FORTIN, M. (2009). *O processo de investigação: da conceção à realização*. Loures: Lusociência.
- FREEMAN, Michael (2007). *O Olhar do Fotógrafo: Composição, enquadramento e design para obter as melhores fotografias digitais*. Lisboa, Dinalivro
- FREUND, Gisèle (1995). *Fotografia e Sociedade*. Lisboa, Vega
- GODINHO, Jacinto (2009). *As Origens da Reportagem – Imprensa*. Lisboa, Livros Horizonte
- KEENE, Martin (2002). *Fotojornalismo: Guia Profissional*. Lisboa, Dinalivro
- LANGFORD, Michael (1994). *Fotografia Básica*. Lisboa, Dinalivro
- LEBEL, Estelle, MARCELLINI, Anne e PAPPOUS, Athanasios Sakis (2010). *Regards croisés sur une photographie sportive. Photojournalisme sportif et athlètes handicapés* [online] [acedido a 08/10/2012/] Disponível em <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1875067209000844>
- LOPES, Felisbela (2006). *A informação desportiva na TV dirige-se aos sentidos ou aos pensamentos?* [online] [acedido a 20/09/2011] Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-felisbela-tv-do-futebol-2006.pdf>
- MACEDO, Anabela Semanas (2008). *O papel do jornalismo desportivo na hegemonia do futebol : observações e*

reflexões de um estágio no diário desportivo O Jogo [online][Acedido a 20/09/2011] Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9515>

MAUAD, Ana Maria (2004). *O olho da história: fotojornalismo e história contemporânea*. [online][Acedido em 06/12/2011]. Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/12.shtml>

MORAES, Cybell (2006). *Sobre a leitura da fotografia de imprensa: sentidos e mobilizações da recepção no box Foto comentada* [online][Acedido em 06/12/2011] Disponível em http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UN1rev_Moraes.PDF

PINHEIRO, Francisco (2010). *História da Imprensa Desportiva em Portugal*, Porto, Edições Afrontamento

RAMOS, José António (2004) *A Realidade Transformada - A Fotografia e a sua Utilização* [online][Acedido em 11/11/2012] Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/656/1/22384_ULFBA_TESI26.pdf

SANTOS, Ana C. L.. *Características, Usos e Funções das Foto-ilustrações no Discurso Jornalístico*. [online][Acedido a 10/07/2009]. Disponível em http://www.grafo.ufba.br/downloads/ana_caracteristicas.pdf

SOBRAL, Luis e MAGALHÃES, Pedro (1999). *Introdução ao jornalismo desportivo*, Lisboa, CNID e CENJOR

SOUGEZ, Marie-Loup (2001). *História da Fotografia*. Lisboa, Dinalivro

SOUSA, Hugo Daniel e CURADO, Paulo. *O futebol é mais instrumentalizado hoje do que foi durante o Estado Novo*. [online][Acedido em 25/04/2013] Disponível em: <http://www.publico.pt/desporto/noticia/o-futebol-e-mais-instrumentalizado-hoje-do-que-foi-durante-o-estado-novo-1592434>

SOUSA, Jorge Pedro (1997) *Fotojornalismo performativo – o serviço de fotonotícia da Agência Lusa de Informação* [online][Acedido a 28/05/2011] Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php?html2=sousa-jorge-pedro-fotojornalismo-tese.html>

SOUSA, Jorge Pedro (2004a). *Forças por trás da câmara: uma perspectiva sobre a história do fotojornalismo das origens até ao final do século XX*. Coimbra, MinervaCoimbra

SOUSA, Jorge Pedro (2004b). *Fotojornalismo: Introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Florianópolis, Letras Contemporâneas

SOUSA, Jorge Pedro. *Estatuto e expressividade da fotografia jornalística: um ensaio* [online] [Acedido a 31/10/2011] Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-estatuto-e-expressividade-da-fotografia.pdf>

Fotografias

BAYARD, Hypolite. [online] [10/11/2012] Disponível em: <http://www.google.pt/imgres?hl=en&authuser=0&biw=1251&bih=576&tbm=isch&tbnid=cNdShjjdua6iIM:&imgrefurl=http://visualize.us/hippolyte+self+portrait+as+a+drowned+man+staged+hippolyte+bayard+acting+the+part+exhibition+photography+picture+mdbk.html&docid=ermdVzrNYnvzM&imgurl=http://cdnimg.visualizeus.com/thumbs/c2/fa/1840s,acting,the,part,exhibition,art>

[.hippolyte.bayard.photography.staged.photography-](#)

[c2fa676c43a88f7d96b3b70c01aded4c_h.jpg&w=500&h=479&ei=y02eUNmnNYaEhQfDhIDwDA&zoom=1&iact=hc&vpx=105&vpy=208&dur=318&hovh=153&hovw=142&tx=113&ty=120&sig=115793012896814644392&page=3&tbnh=153&tbnw=142&start=50&ndsp=29&ved=1t:429,r:51,s:20,i:282](#)

LANGE, Dorothea. 1936 [online] *Mãe Migrante* [10/11/2012] Disponível em:
http://www.google.pt/imgres?start=14&num=10&hl=en&authuser=0&biw=1254&bih=533&tbn=isch&tbnid=WJHu8-B8ZQlyHM:&imgrefurl=http://genesidsalazar09.blogspot.com/2010/11/dorothea-lange.html&docid=cOpYPeek5tcopM&imgurl=http://1.bp.blogspot.com/_L_a3mbf1aAI/TNj-FrqU2II/AAAAAAAAABg/Q2UpfIFufqE/s400/dorothea-lange-migrant-mother-ver1a.jpg&w=321&h=400&ei=En-eUMGRFsiyhAfw5lGoDA&zoom=1&iact=rc&dur=345&sig=115793012896814644392&page=2&tbnh=145&tbnw=119&ndsp=27&ved=1t:429,r:17,s:20,i:55&tx=23&ty=81

MARTINS, Gonçalo Manuel, 2012. *Sem título* [online][17/11/2012]

ANEXO I

		CM	JN	Público	Expresso
10/out	om	20,0%	17,7%	62,5%	n.a.
	futebol	80,0%	82,4%	37,5%	n.a.
	total pág	9,6%	28,3%	12,5%	n.a.
11/out	om	5,0%	8,3%	18,8%	n.a.
	futebol	95,0%	91,7%	81,3%	n.a.
	total pág	7,7%	10,7%	12,5%	n.a.
12/out	om	12,5%	13,3%	50,0%	n.a.
	futebol	87,5%	86,7%	50,0%	n.a.
	total pág	7,7%	10,7%	8,3%	n.a.
13/out	om	20,0%	10,0%	12,5%	n.a.
	futebol	80,0%	90,0%	87,5%	n.a.
	total pág	9,6%	14,3%	6,3%	n.a.
14/out	om	6,3%	3,8%	33,3%	n.a.
	futebol	93,8%	96,3%	66,7%	n.a.
	total pág	7,7%	14,3%	13,6%	n.a.
15/out	om	8,3%	16,7%	23,3%	42,9%
	futebol	91,7%	83,3%	76,7%	57,1%
	total pág	7,7%	16,1%	8,3%	9,7%
16/out	om	16,7%	36,4%	33,3%	n.a.
	futebol	83,3%	63,6%	66,7%	n.a.
	total pág	10,7%	17,2%	10,7%	n.a.

Tabela 3 – Comparação diária da quantidade de notícias de Futebol e de Outras Modalidades no mês de outubro

ANEXO II

		CM	JN	Público	Expresso
07/nov	om	14,3%	6,3%	16,7%	n.a.
	futebol	85,7%	93,8%	83,3%	n.a.
	total pág	13,5%	26,7%	18,8%	n.a.
08/nov	om	4,2%	1,3%	12,5%	n.a.
	futebol	95,8%	98,8%	87,5%	n.a.
	total pág	11,5%	14,3%	12,5%	n.a.
09/nov	om	25,0%	7,1%	33,3%	n.a.
	futebol	75,0%	92,9%	66,7%	n.a.
	total pág	7,7%	12,5%	7,5%	n.a.
10/nov	om	11,1%	3,1%	50,0%	n.a.
	futebol	88,9%	96,9%	50,0%	n.a.
	total pág	8,7%	14,3%	7,5%	n.a.
11/nov	om	6,3%	4,0%	12,5%	n.a.
	futebol	93,8%	96,0%	87,5%	n.a.
	total pág	9,6%	10,4%	9,1%	n.a.
12/nov	om	8,3%	4,8%	2,0%	42,9%
	futebol	91,7%	95,2%	98,0%	57,1%
	total pág	5,8%	10,9%	10,0%	6,3%
13/nov	om	20,0%	18,2%	27,1%	n.a.
	futebol	80,0%	81,8%	72,9%	n.a.
	total pág	8,9%	17,2%	8,0%	n.a.

Tabela 4 – Comparação diária da quantidade de notícias de Futebol e de Outras Modalidades no mês de novembro

ANEXO III

		CM	JN	Público	Expresso
12/dez	om	13,3%	5,3%	16,7%	n.a.
	futebol	86,7%	94,7%	83,3%	n.a.
	total pág	11,5%	31,7%	18,8%	n.a.
13/dez	om	0,0%	0,0%	8,3%	n.a.
	futebol	100,0%	100,0%	91,7%	n.a.
	total pág	9,6%	14,3%	9,4%	n.a.
14/dez	om	0,0%	2,5%	2,0%	n.a.
	futebol	100,0%	97,5%	98,0%	n.a.
	total pág	10,6%	14,3%	10,0%	n.a.
15/dez	om	3,0%	6,3%	25,0%	n.a.
	futebol	97,0%	93,8%	75,0%	n.a.
	total pág	9,6%	12,5%	10,0%	n.a.
16/dez	om	6,7%	6,3%	0,0%	n.a.
	futebol	93,3%	93,8%	100,0%	n.a.
	total pág	9,6%	12,5%	8,3%	n.a.
17/dez	om	6,7%	4,0%	0,0%	14,3%
	futebol	93,3%	96,0%	100,0%	85,7%
	total pág	5,8%	16,6%	16,7%	7,3%
18/dez	om	2,1%	10,0%	3,3%	n.a.
	futebol	97,9%	90,0%	96,7%	n.a.
	total pág	10,7%	16,6%	10,7%	n.a.

Tabela 5 – Comparação diária da quantidade de notícias de Futebol e de Outras Modalidades no mês de dezembro

ANEXO IV

		CM	JN	Público	Expresso
Outubro	om	12,7%	15,2%	33,4%	42,9%
	futebol	87,3%	84,8%	66,6%	57,1%
	total pág	9,0%	15,8%	10,5%	9,7%
Novembro	om	12,7%	6,4%	22,0%	42,9%
	futebol	87,3%	93,6%	78,0%	57,1%
	total pág	9,5%	15,6%	10,2%	6,3%
Dezembro	om	4,5%	4,9%	7,9%	14,3%
	futebol	95,5%	95,1%	92,1%	85,7%
	total pág	10,6%	16,8%	11,6%	7,3%

Tabela 6 – Comparação mensal da quantidade de notícias sobre futebol e outras modalidades

ANEXO V

		CM	JN	Público	Expresso
Outubro	fot om	10,4%	20,5%	39,0%	60,0%
	fot futebol	89,6%	79,5%	61,0%	40,0%
Novembro	fot om	10,6%	8,9%	25,5%	66,7%
	fot futebol	89,4%	91,1%	74,5%	33,3%
Dezembro	fot om	4,5%	5,4%	9,1%	50,0%
	fot futebol	95,5%	94,6%	90,9%	50,0%

Tabela 7 – Comparação mensal da quantidade de fotografias sobre futebol e outras modalidades

ANEXO VI

		CM	JN	Público	Expresso
10/out	fot om	33,3%	37,5%	60,0%	n.a.
	fot futebol	66,7%	62,5%	40,0%	n.a.
11/out	fot om	7,1%	12,5%	50,0%	n.a.
	fot futebol	92,9%	87,5%	50,0%	n.a.
12/out	fot om	0,0%	0,0%	50,0%	n.a.
	fot futebol	100,0%	100,0%	50,0%	n.a.
13/out	fot om	7,1%	11,8%	33,3%	n.a.
	fot futebol	92,9%	88,2%	66,7%	n.a.
14/out	fot om	8,3%	9,1%	21,4%	n.a.
	fot futebol	91,7%	90,9%	78,6%	n.a.
15/out	fot om	0,0%	9,1%	33,3%	60,0%
	fot futebol	100,0%	90,9%	66,7%	40,0%
16/out	fot om	21,4%	36,4%	50,0%	n.a.
	fot futebol	78,6%	63,6%	50,0%	n.a.

Tabela 8 – Comparação diária da quantidade de fotografias de Futebol e de Outras Modalidades no mês de outubro

ANEXO VII

		CM	JN	Público	Expresso
07/nov	fot om	18,2%	14,3%	10,0%	n.a.
	fot futebol	81,8%	85,7%	90,0%	n.a.
08/nov	fot om	0,0%	0,0%	14,3%	n.a.
	fot futebol	100,0%	100,0%	85,7%	n.a.
09/nov	fot om	13,3%	6,3%	20,0%	n.a.
	fot futebol	86,7%	93,8%	80,0%	n.a.
10/nov	fot om	6,7%	5,6%	66,7%	n.a.
	fot futebol	93,3%	94,4%	33,3%	n.a.
11/nov	fot om	6,7%	4,2%	11,1%	n.a.
	fot futebol	93,3%	95,8%	88,9%	n.a.
12/nov	fot om	11,1%	6,7%	33,3%	66,7%
	fot futebol	88,9%	93,3%	66,7%	33,3%
13/nov	fot om	19,0%	22,7%	50,0%	n.a.
	fot futebol	81,0%	77,3%	50,0%	n.a.

Tabela 9 – Comparação diária da quantidade de fotografias de Futebol e de Outras Modalidades no mês de novembro

ANEXO VIII

		CM	JN	Público	Expresso
12/dez	fot om	20,0%	9,4%	22,2%	n.a.
	fot futebol	80,0%	90,6%	77,8%	n.a.
13/dez	fot om	0,0%	0,0%	28,6%	n.a.
	fot futebol	100,0%	100,0%	71,4%	n.a.
14/dez	fot om	0,0%	0,0%	0,0%	n.a.
	fot futebol	100,0%	100,0%	100,0%	n.a.
15/dez	fot om	0,0%	7,7%	0,0%	n.a.
	fot futebol	100,0%	92,3%	100,0%	n.a.
16/dez	fot om	0,0%	3,3%	0,0%	n.a.
	fot futebol	100,0%	96,7%	100,0%	n.a.
17/dez	fot om	20,0%	5,6%	0,0%	50,0%
	fot futebol	80,0%	94,4%	100,0%	50,0%
18/dez	fot om	0,0%	9,5%	0,0%	n.a.
	fot futebol	100,0%	90,5%	100,0%	n.a.

Tabela 10 – Comparação diária da quantidade de fotografias de Futebol e de Outras Modalidades no mês de dezembro

ANEXO IX

	C. Hoje	Atualidade	Nacional	C. Leitor	Sociedade	Economia	Política	Mundo	Desporto	Lazer	Agenda	Cultura	TV	Vidas	Outros	Pub	Saúde	Total
							Especial											
10/Out	1	6	6	1	6	3	4	3	5	1	1	3	1	5	5	1	0	52
11/Out	1	6	6	1	5	4	4	2	4	1	1	3	1	5	4	4	0	52
12/Out	1	8	6	1	7	3	4	2	4	1	1	2	1	5	4	2	0	52
13/Otu	1	6	6	1	6	3	5	2	5	1	1	3	1	5	4	2	0	52
14/Out	1	8	5	1	4	3	5	3	5	1	1	3	1	5	5	1	0	52
15/Out	1	6	6	2	6	3	6	2	4	1	1	2	1	5	5	1	0	52
16/Out	1	6	6	2	7	2	4	3	6	1	1	3	1	5	5	1	2	56
	7	46	41	9	41	21	32	17	33	7	7	19	7	35	32	12	2	368
	1,9%	12,5%	11,1%	2,4%	11,1%	5,7%	8,7%	4,6%	9,0%	1,9%	1,9%	5,2%	1,9%	9,5%	8,7%	3,3%	0,5%	100,0%

Tabela 11 – Categorias do jornal Correio da Manhã durante o mês de outubro

ANEXO X

	correio hoje	Atualidade	Nacional	Correio Leitor	Sociedade	Economia	Política Especial	Mundo	Desporto	Lazer	Agenda	Cultura	TV	Vidas	Outros	Publicidade	Saúde	Total
07/nov	1	7	6	1	5	2	4	2	7	1	1	3	1	5	4	2	0	52
08/nov	1	8	6	1	4	2	4	2	6	1	1	3	1	5	4	3	0	52
09/nov	1	9	6	1	5	3	4	2	4	1	1	3	1	5	4	2	0	52
10/nov	1	8	6	1	4	3	5	3	5	1	1	2	2	5	4	1	0	52
11/nov	1	6	6	1	3	4	6	2	5	1	1	3	1	5	4	3	0	52
12/nov	1	8	6	2	6	2	5	2	3	1	1	2	2	5	5	1	0	52
13/nov	1	6	6	2	8	2	5	3	5	1	1	3	1	5	4	1	2	56
	7	52	42	9	35	18	33	16	35	7	7	19	9	35	29	13	2	368
	1,9%	14,1%	11,4%	2,4%	9,5%	4,9%	9,0%	4,3%	9,5%	1,9%	1,9%	5,2%	2,4%	9,5%	7,9%	3,5%	0,5%	100,0%

Tabela 12 – Categorias do jornal *Correio da Manhã* durante o mês de novembro

ANEXO XI

	C. Hoje	Atualidade	Nacional	C. Leitor	Sociedade	Economia	Política Especial	Mundo	Desporto	Lazer	Agenda	Cultura	TV	Vidas	Outros	Pub	Saúde	Total
12/dez	1	6	7	1	5	2	4	2	7	1	1	3	1	5	4	2	0	52
13/dez	1	6	6	1	5	3	4	2	7	1	1	2	1	5	4	3	0	52
14/dez	1	6	6	1	5	4	4	3	6	1	1	3	1	5	4	1	0	52
15/dez	1	6	7	1	4	3	5	3	5	1	1	3	1	5	4	2	0	52
16/dez	1	5	6	1	5	4	5	2	5	1	1	2	1	5	4	4	0	52
17/dez	1	6	6	2	8	3	4	2	3	1	1	3	1	5	5	1	0	52
18/dez	1	6	6	2	8	2	4	2	6	1	1	3	2	5	4	1	2	56
	7	41	44	9	40	21	30	16	39	7	7	19	8	35	29	14	2	368
	1,9%	11,1%	12,0%	2,4%	10,9%	5,7%	8,2%	4,3%	10,6%	1,9%	1,9%	5,2%	2,2%	9,5%	7,9%	3,8%	0,5%	100,0%

Tabela 13 – Categorias do jornal *Correio da Manhã* durante o mês de dezembro

ANEXO XII

	Atualidade	Saúde	Sociedade	Segurança	Política	Opinião C. Leitor	Porto	Norte/Sul	Desporto	Iniciativas	Mundo	Economia	Cultura	Obituario	Outros	Pub	religião	Educação	Gente	Total
10-out	3	2	2	4	1	2	4	8	16	2	1	2	3	1	5	4	0	0	0	60
11-out	2	2	3	5	3	2	5	6	6	1	1	4	2	1	6	3	0	0	4	56
12-out	5	0	4	3	2	1	5	6	6	1	1	4	3	2	6	1	2	0	4	56
13-out	2	1	4	4	3	1	5	5	8	1	1	3	3	1	7	3	0	0	4	56
14-out	4	1	2	4	2	2	6	5	8	1	1	2	5	2	6	0	0	1	4	56
15-out	4	1	3	5	2	2	6	4	9	1	1	2	3	2	6	1	0	0	4	56
16-out	3	1	3	3	2	2	6	7	11	1	1	2	5	1	5	6	1	0	4	64
	23	8	21	28	15	12	37	41	64	8	7	19	24	10	41	18	3	1	24	404
	5,69%	1,98%	5,20%	6,93%	3,71%	2,97%	9,16%	10,15%	15,84%	1,98%	1,73%	4,70%	5,94%	2,48%	10,15%	4,46%	0,74%	0,25%	5,94%	100,00%

Tabela 14 – Categorias do *Jornal de Notícias* durante o mês de outubro

ANEXO XIII

	Atualidade	Saúde	Sociedade	Segurança	Política	Opinião/ C. Leitor	Porto	Norte sul	Desporto	Iniciativas	Mundo	Economia	Cultura	Obituario	Outros	Pub	religião	Educação	Gente	Total
07/nov	3	0	4	3	2	2	5	5	16	2	2	3	3	1	5	4	0	0	0	60
08/nov	2	0	3	5	2	2	5	5	8	0,5	2	4	2	2	6	2,5	0	1	4	56
09/nov	3	0	3	5	2	2	6	4	7	0,5	2	4	3	2	6	1,5	1	0	4	56
10/nov	2	0	3	6	2	2	4	6	8	0,5	1	4	3	2	7	1,5	0	0	4	56
11/nov	3	1	3	5	2	1	4	3	5	0,5	1	2	2	1	6	4,5	0	0	4	48
12/nov	4	0	4	8	3	2	6	5	7	0,5	2	2	5	2	6	3,5	0	0	4	64
13/nov	4	0	3	4	3	2	6	8	12	0	2	2	4	2	5	4	0	0	3	64
	21	1	23	36	16	13	36	36	63	4,5	12	21	22	12	41	21,5	1	1	23	404
	5,2%	0,2%	5,7%	8,9%	4,0%	3,2%	8,9%	8,9%	15,6%	1,1%	3,0%	5,2%	5,4%	3,0%	10,1%	5,3%	0,2%	0,2%	5,7%	100,0%

Tabela 15 – Categorias do *Jornal de Notícias* durante o mês de novembro

ANEXO XIV

	Atualidade	Saúde	Sociedade	Segurança	Política	Opinião C.Leitor	Porto	Norte Sul	Desporto	Iniciativas	Mundo	Economia	Cultura	Obituario	Outros	Pub	religião	Educação	Gente	Total
12/dez	3	0	3	3	2	2	6	4	19	1	1	3	2	2	5	4	0	0	0	60
13/dez	3	0	3	5	2	2	6	5	8	0,5	1	4	2	2	6	2,5	0	0	4	56
14/dez	4	0	4	5	3	2	5	5	7	0,5	1	3	2	2	6	2,5	0	0	4	56
15/dez	4	0	3	6	3	2	6	5	9	0,5	1	3	5	3	7	2,5	0	0	4	64
16/dez	3	0	5	5	3	2	8	4	8	0,5	1	4	4	1	6	6,5	0	0	3	64
17/dez	5	0	4	5	2	2	9	5	10	0	1	3	4	2	6	2	0	0	4	64
18/dez	2	0	4	3	4	2	7	6	11	0	1	2	4	1	6	6	1	0	4	64
	24	0	26	32	19	14	47	34	72	3	7	22	23	13	42	26	1	0	23	428
	5,6%	0,0%	6,1%	7,5%	4,4%	3,3%	11,0%	7,9%	16,8%	0,7%	1,6%	5,1%	5,4%	3,0%	9,8%	6,1%	0,2%	0,0%	5,4%	100,0%

Tabela 16 – Categorias do *Jornal de Notícias* durante o mês de dezembro

ANEXO XV

	destaque	Portugal	Mundo	Economia	Local	Classificados	Desporto	Espaço Público	Editorial	Outros	Iniciativas	Opinião	Perfil	Reportagem	Entrevista	Pub	Total
10/out	3	5	4	4	3	1	4	1	1	3	0	0	0	0	0	3	32
11/out	2	6	3	5	4	2	4	2	1	3	0	0	0	0	0	0	32
12/out	4	7	4	5	3	3	3	2	1	3	0	0	0	0	0	1	36
13/out	2	7	3	5	5	2	2	1	1	3	0	0	0	0	0	1	32
14/out	5	6	4	4	5	2	6	2	1	4	1	0	0	0	0	4	44
15/out	11	4	3	3	2	3	3	2	1	3	0	0	0	0	0	1	36
16/out	16	4	4	4	4	2	6	3	0,5	9,5	0	1	0	0	0	2	56
	43	39	25	30	26	15	28	13	6,5	28,5	1	1	0	0	0	12	268
	16,0%	14,6%	9,3%	11,2%	9,7%	5,6%	10,4%	4,9%	2,4%	10,6%	0,4%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	4,5%	100,0%

Tabela 17 – Categorias do jornal de *Público* durante o mês de outubro

ANEXO XVI

	destaque	Portugal	Mundo	Economia	Local	Classificados	Desporto	Espaço Público	Editorial	Outros	Iniciativas	Opinião	Perfil	Reportagem	Entrevista	Publicidade	Total
07/nov	3	5	4	3	2	1	6	2	1	3	0	0	0	0	0	2	32
08/nov	4	5	4	4	3	1	4	2	1	3	0	0	0	0	0	1	32
09/nov	4	10	4	4	3	2	3	2	1	3	0	0	0	0	0	4	40
10/nov	3	10	4	4	4	2	3	2	1	3	0	0	0	0	0	4	40
11/nov	6	6	4	4	3	4	4	2	1	3	2	0	0	0	0	5	44
12/nov	4	6	4	5	4	2	4	2	1	3	0	0	0	0	0	5	40
13/nov	7	5	4	4	4	2	5	2	0,5	9,5	0	0	4	2	2	5	56
	31	47	28	28	23	14	29	14	6,5	27,5	2	0	4	2	2	26	284
	10,9%	16,5%	9,9%	9,9%	8,1%	4,9%	10,2%	4,9%	2,3%	9,7%	0,7%	0,0%	1,4%	0,7%	0,7%	9,2%	100,0%

Tabela 18 – Categorias do jornal de *Público* durante o mês de novembro

ANEXO XVII

	destaque	Portugal	Mundo	Economia	Local	Classificados	Desporto	Espaço Publico	Editorial	Outros	Iniciativas	Opinião	Perfil	Reportagem	Entrevista	Publicidade	Total
12/dez	2	5	4	3	2	1	6	2	1	3	0	0	0	0	0	3	32
13/dez	2	7	4	4	2	1	3	2	1	3	0	0	0	0	0	3	32
14/dez	3	7	5	5	3	1	4	2	1	3	0	0	0	0	0	6	40
15/dez	2	7	5	6	3	1	4	2	1	3	0	0	0	0	0	6	40
16/dez	2	11	4	7	4	2	4	2	1	3	2	0	0	0	0	6	48
17/dez	4	6	3	4	2	1	6	2	1	3	0	0	0	0	0	4	36
18/dez	8	5	4	6	4	2	6	3	0,5	10,5	0	0	0	0	4	3	56
	23	48	29	35	20	9	33	15	6,5	28,5	2	0	0	0	4	31	284
	8,1%	16,9%	10,2%	12,3%	7,0%	3,2%	11,6%	5,3%	2,3%	10,0%	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	10,9%	100,0%

Tabela 19 – Categorias do jornal de *Público* durante o mês de dezembro

ANEXO XVIII

	Política	Entrevista	Gente	Sociedade	Internacional	Editorial Opinião	In Memoriam Cartas	Desporto	outros	Publicidade	Total
15/out	11,5	0	0,5	6	5	2	1	3,5	2	4,5	36
	31,9%	0,0%	1,4%	16,7%	13,9%	5,6%	2,8%	9,7%	5,6%	12,5%	100,0%

Tabela 20 – Categorias do jornal de Expresso durante o mês de outubro

ANEXO XIX

	Política	Entrevista	Gente	Sociedade	Internacional	Editorial Opinião	In Memoriam Cartas	Desporto	outros	Publicidade	Total
12/nov	11	2	1	14	8	3	1	3,5	2	10,5	56
	19,6%	3,6%	1,8%	25,0%	14,3%	5,4%	1,8%	6,3%	3,6%	18,8%	100,0%

Tabela 21 – Categorias do jornal de Expresso durante o mês de novembro

ANEXO XX

	Política	Entrevista	Gente	Sociedade	Internacional	Editorial Opinião	In Memoriam Cartas	Desporto	outros	Publicidade	Total
17/dez	11	0	1	6	5	3	1	3,5	6	11,5	48
	22,9%	0,0%	2,1%	12,5%	10,4%	6,3%	2,1%	7,3%	12,5%	24,0%	100,0%

Tabela 22 – Categorias do jornal de Expresso durante o mês de dezembro